



AUGUSTO CURY

MARIA, *a maior educadora da História*

Dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus

Augusto Cury

Maria, a maior educadora da História

Os dez princípios que Maria utilizou
para educar o menino Jesus

*Uma visão da Psicologia, Psiquiatria e Pedagogia
sobre a mulher mais famosa e desconhecida da História*



Copyright © Augusto Cury, 2007

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.academiadeinteligencia.com.br
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)**

Cury, Augusto

Maria, a maior educadora da história : os dez princípios que Maria utilizou para educar o Menino Jesus : uma visão da psicologia, psiquiatria e pedagogia sobre a mulher mais famosa e desconhecida da história / Augusto Cury. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

ISBN 978-85-8036-000-4

1. Jesus Cristo - Educação 2. Jesus Cristo - Infância 3. Maria, Virgem, Santa 4. Pedagogia 5. Psicologia educacional 6. Psiquiatria I. Título.

07-1652

CDD-232.927

Introdução



UMA CANDIDATA PARA A MAIS COMPLEXA TAREFA

Educar é viajar pelo mundo do outro sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para nos transformar no que somos.

O melhor educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que enxerga o que é tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não é o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo.

O excelente educador abraça quando todos rejeitam, anima quando todos condenam, aplaude os que jamais subiram no pódio, vibra com a coragem de disputar dos que ficaram nos últimos lugares. Não procura o seu próprio brilho, mas se faz pequeno para tornar seus filhos, alunos e colegas de trabalho grandes.

O excelente mestre não é o que mais sabe, mas o que mais tem consciência do quanto não sabe. Não é o viciado em ensinar, mas o mais ávido em aprender. Não é o que declara os seus acertos, mas o que reconhece suas próprias falhas. Não é o que deposita informações na memória, mas o que expande a maneira de ver, de reagir e de ser.

Educar é a tarefa intelectual mais fascinante e, ao mesmo tempo, a que mais revela nossa impotência. Se educar uma criança ou adolescente é uma incumbência difícilíssima, imagine educar a criança mais instigante que pisou nesta terra, o menino Jesus?

Que educador daria conta dessa missão? Desde pequeno ele era especialista em perguntar. Questionava, indagava, queria saber tudo. Quem estaria intelectualmente preparado para educar aquele que se tornaria o Mestre dos mestres? Que pais? Que universidade? Que teólogos? É tão fácil errar nessa área. É tão fácil

transmitir nossos traumas, inseguranças, medos, manias para nossos filhos e alunos.

Havia milhares de candidatos. Mas uma jovem destacou-se diante do olhar clínico apuradíssimo do Autor da existência. Seu nome: Maria. Maria é a forma helenizada do nome hebraico Miriã.

Mas é estranho. Maria aparentemente era frágil, muito jovem e inexperiente. O que ela tinha de tão especial do ponto de vista psiquiátrico, psicológico e psicopedagógico?

E mais estranho ainda. Antes de iniciar sua arriscadíssima e difícilíssima missão, ela previamente recebeu a notícia de que se tornaria a mais elogiada mulher da História. Receber o troféu antes de iniciar a corrida não contaminaria de orgulho o esportista? Não o distrairia da sua meta e frustraria sua jornada? Por que foi depositada nela tanta confiança?

Sob o olhar da ciência é possível vislumbrar que muitas coisas no relacionamento de Maria com o Deus Altíssimo e com o menino Jesus romperam o cárcere da rotina. Foi inusitado.

Por que o Deus Todo-Poderoso descrito na Bíblia não escolheu um grupo de notáveis intelectuais entre os escribas e fariseus para educar seu filho? Por que não incumbiu uma casta de sacerdotes judaicos, que conhecia os rituais religiosos, para educar o menino Jesus? Por que não escolheu especialistas em filosofia grega para formar o homem que dividiria a História?

Uma adolescente foi escolhida. Não era rica, não pertencia a uma linhagem de alta classe e ainda por cima morava numa região socialmente desprezada, a Galiléia. Que segredos possuía essa jovem no tecido intrínseco da sua inteligência que conquistou aquele que se diz ser Onisciente, que conhece todas as coisas? Sua escolha foi ao acaso ou criteriosa?

A MAIS ELOGIADA MULHER, A MENOS CONHECIDA

Gastei um tempo significativo, dentro das minhas limitações, como psiquiatra, psicoterapeuta e pesquisador da psicologia, a estudar a personalidade de Maria. Debrucei-me nos detalhes das suas reações relatadas nas biografias de Jesus, os chamados Evangelhos, em varias versões. Procurei não me ater a textos sem credibilidade histórica.

Muitos cristãos não sabem que Maria é a única mulher exaltada no Alcorão, o texto sagrado do islamismo. Inúmeras pessoas exaltam Maria diariamente, mas não percebem que as áreas mais íntimas da sua personalidade permanecem desconhecidas. Raramente alguém saiu da esfera religiosa e procurou investigar seu intelecto.

Ao ler este livro, os leitores devem ter em mente que não estudaremos o aspecto teológico ligado a Maria, pois ela esteve e está no centro de uma grande polêmica religiosa entre centenas de milhões de católicos e protestantes. Os católicos exaltam Maria, enfatizam sua espiritualidade. Os protestantes, pelo menos a maioria, embora a respeitem, não a valorizam adequadamente.

Este livro respeita toda e qualquer religião. Entretanto, não enfoca a visão católica, a protestante ou qualquer outra crença. É um livro que analisa o lado humano de Maria, sua personalidade, sua inteligência, seu fantástico papel como educadora, sua capacidade de superar as intempéries da vida e de proteger sua emoção. Não tem uma visão teológica ou religiosa, mas a percepção de alguns ângulos da psiquiatria, da psicologia, da filosofia e da pedagogia.

Maria foi escolhida por elementos intelectuais ou espirituais? Muitos valorizam os aspectos espirituais, mas sem suas características intelectuais seria preterida.

Se fosse uma mulher frágil, assaltada pelo medo e pelo estresse, teria condições de educar o filho de Deus, cuja história foi pautada por frustrações e rejeições? Se fosse insegura e superprotetora, não teria ela afetado o território da emoção do menino? Se amasse o exibicionismo e não a descrição, seu processo educacional não seria um desastre?

Em tempos atuais em que a educação mundial, do ensino fundamental à universidade, está formando uma massa de jovens que não pensam criticamente nem sabem lidar com desafios existenciais, estudar a mulher que foi incumbida de educar o menino Jesus oxigena nossa inteligência.

Não entrarei na esfera da fé, embora seja impossível não analisar textos ligados a Maria, principalmente os ligados à concepção de Jesus, que não entrem nessa área. Toda vez que abordar esses pontos devemos estar cientes de que crer neles depende da consciência de cada leitor.

Pouquíssimos elementos confiáveis revelam a psique de Maria, mas o pouco que existe é de grande significado. Algumas perguntas sobre ela jamais serão respondidas. Outras terão respostas incompletas, mas as que encontraremos poderão nos fascinar.

Desenvolverei este texto a partir da pesquisa dos dez princípios que Maria usou consciente ou espontaneamente na educação de Jesus. Esses princípios a transformaram, na minha opinião, na maior educadora da História, bem como na mais fascinante das mulheres.

É provável que a Maria que descreverei nos deixe atônitos. É presumível que sob os olhos da pesquisa ela seja mais complexa, sábia, serena, intrigante e interessante do que muitos católicos, protestantes, bem como islamitas, jamais imaginaram.

CAPÍTULO 1

Maria vivia sua vida
como um contrato de risco



UMA HISTÓRIA PAUTADA POR TURBULÊNCIAS IMPREVISÍVEIS

Educadores respeitados evitam riscos, rejeitam situações novas, não querem ser objeto de rejeição, crítica ou vexame público. Para Maria, ao contrário, sua vida se tornou um contrato de risco.

Desde que aceitou ser mãe do menino Jesus, sua vida tornou-se um palco de surpresas, nem sempre agradáveis. Começou a andar no fio da navalha entre a aceitação e a rejeição, os aplausos e o vexame social.

Se Maria desejasse viver em uma zona de conforto, jamais seria escolhida. O bebê enquanto se desenvolvesse em seu útero estaria protegido, mas quando fosse expulso para o útero social perderia todo o conforto. Passaria pelos relevos acidentados das dificuldades, pelos desertos mais cáusticos das frustrações.

Antes de estudar os eventos ligados à concepção, quero destacar um fato surpreendente que ocorreu logo após o nascimento do menino Jesus.

Oito dias após o menino ter nascido, os pais foram cumprir o ritual judaico da circuncisão. Passado pouco tempo o levaram para Jerusalém, para apresentá-lo no templo. Logo depois da apresentação apareceu subitamente um homem idoso, com uma intelectualidade incomum, chamado Simeão.

Ao ver a criança, suspirou e agradeceu a Deus e disse: “Agora posso morrer em paz porque meus olhos viram o Senhor”¹. Num momento de êxtase, tomou o menino nos braços e proclamou um belíssimo cântico. Suas palavras exaltaram o pequeno menino, revelaram sua missão e encantaram seus pais.

Em seguida, o sábio desconhecido descreveu com precisão cirúrgica um dos mais importantes fenômenos que pautariam a

história de Jesus, não apenas no seu tempo, mas em todos os séculos.

Simeão fitou particularmente Maria, penetrando em seus sentimentos, e disse-lhe que o menino não apenas seria grande, mas também alvo de contradições. Estava destinado à ruína e à construção, derrubaria uns e levantaria outros.

A história de Jesus foi tecida por paradoxos. Ele foi amado e odiado, aplaudido e vaiado, recebido com entusiasmo e rejeitado com inigualável fúria. Como pode um homem idoso que nunca havia visto Jesus descrever a linha dorsal dos eventos que o precederiam?

Jesus era incompreensível tanto para os seus discípulos do presente quanto para os do futuro. Ao mesmo tempo que queria se fazer conhecido, gostava de se esconder. Anunciava o enigmático reino de Deus, mas vivia de um modo simples, com amigos simples. Mostrava um poder incomum, mas vivia como um ser humano.

Simeão ainda disse a Maria algo incomum: que Jesus abriria como lâmina a alma humana para expor os pensamentos de muitos. Maria não compreendia o significado dessas palavras, mas não se intimidou diante delas.

Não poderia ser superprotetora, pois o filho que cresceria aos seus pés enfrentaria o sistema social sem nenhuma proteção. Ele exporia destemidamente as discriminações humanas na terra do preconceito. Proclamaria versos sobre o amor incondicional ao próximo num momento histórico em que a vida pouco valia.

RISCOS DO FUTURO

Riscos e mais riscos era a palavra de ordem na biografia de Jesus. Se Maria tivesse medo dos eventos da vida, não estaria apta para educar o menino Jesus. Se ela, como muitos pais, fosse escrava do medo do futuro, seria despreparada para educar o homem que mais correria riscos na História.

Jesus não poderia ser educado por uma mãe que temesse a vida. Ele cresceu destemido, sem receio de dissecar a alma humana, expor suas hipocrisias, denunciar a maquiagem que cobria o moralismo religioso, um moralismo que não sabia perdoar, que excluía as pessoas, que parecia “sepulcros caiados”, belos por fora, mas insensíveis e inumanos por dentro.

Alguns educadores são controlados pelo medo de falhar, preferem a omissão à ação. Maria preferia a ação. Bons educadores evitam surpresas, a jovem mãe do menino Jesus viveu uma vida pautada por fatos imprevisíveis.

Maria tinha de ser muito mais que uma educadora sensata. Não sabia quais seriam os percalços do caminho, mas estava disposta a ir em frente. Educar é caminhar sem ter a certeza de onde se vai chegar.

Educadores que querem controlar tudo na educação dos seus filhos e alunos e até de seus colegas de trabalho, que têm temor de falhar, acabam transmitindo o que mais detestam: a insegurança e o medo.

Muitos riscos rondam a educação dos jovens. Riscos de desenvolverem transtornos psíquicos, de usarem drogas, de não terem empregos satisfatórios, de serem infelizes em seus casamentos e muitos outros.

O que fazer quando algo der errado com os jovens? Enfiar a cabeça na lama da culpa? Sucumbir no vale do desespero? Não! A culpa excessiva esmaga a lucidez e o desespero esfacela o prazer de viver.

Devemos dar o melhor de nós na educação, mas devemos estar convictos de que não fabricamos a personalidade dos nossos filhos e alunos, apenas a influenciemos. Quem não quer correr riscos está inapto para educar.

Maria talvez quisesse controlar todos os fenômenos ao seu redor, mas sabia das suas limitações e da complexidade da existência. Sabia que não tinha controle sobre os fatos e as circunstâncias.

Quem tem medo da vida nunca a desfrutará plenamente, muito menos extrairá suas riquezas. O medo é um ladrão da psique humana. Um dos maiores riscos que um ser humano corre é viver superficialmente sem se conhecer, sem entender o ladrão que sutilmente habita o secreto do seu ser, espreitando um momento para furtar os melhores dias de sua vida.

Para Alfred Adler, ex-discípulo de Freud, um dos maiores desafios humanos é conhecer seu interior.

Desde que recebeu o convite para conceber o menino Jesus, o mundo da jovem Maria virou do avesso. Ela estava só. A não ser seu futuro marido, ninguém poderia oferecer-lhe o ombro para chorar. Tinha de usar suas lágrimas para irrigar a serenidade e se conhecer para não entrar em desespero.

Tanto na sua biografia como principalmente na do seu filho foram gravadas em letras maiúsculas estas palavras: RISCOS E FATOS IMPREVISÍVEIS.

MARIA: UMA INFÂNCIA QUE VIU TERRORES

Era o fim de mais um dia ensolarado. O sol se despedia no horizonte anunciando mais uma noite desértica. A pele suava e colava às grossas mantas, gerando desconforto. Tudo parecia transcorrer tranqüilamente quando, de repente, a rotina se estilhaça.

Alguns homens surgiram subitamente arrastando uma mulher. Ela estava esfolada e sangrando. Chorando e sem forças, ela clamava em desespero por compaixão! Compaixão!

Quem era a vítima? Uma mulher pega em flagrante adultério. Foi arrancada da sua cama com violência. Esbravejavam com o homem que dormia com ela, mas o deixaram livre. Que injustiça!

Hasteando a bandeira do moralismo, os carrascos da mulher a arrastavam e bradavam: “Prostituta! Prostituta! Você contamina nossa terra! Merece a morte!”. Os sentimentos de solidariedade diluíram-se no radicalismo religioso.

Atrás dos algozes um cortejo de homens furiosos, como se todos fossem puros e não tivessem conflitos. Queriam exorcizar os fantasmas interiores que os assombravam, mas, como não os enfrentavam, projetavam esses fantasmas na mulher desprotegida, tentando espantá-los.

Gritavam: “Apedrejem-na! Apedrejem-na!”. Alguns sacudiam o pó dos pés, outros cuspiam na vítima. Ao longo da história os piores inimigos de Deus sempre foram seus defensores radicais.

Era possível prostituir-se na mente, nas intenções, nas ações, mas não fisicamente. Era aceitável estar infectado por dentro, mas não era admissível uma demonstração exterior. A sociedade era e sempre foi hipócrita!

A biografia masculina tem uma dívida impagável com as mulheres. Os homens sempre foram o sexo frágil, pois só os frágeis

usam a força. As mulheres sempre usaram mais as idéias e a sensibilidade. Por isso esse misterioso Deus chamou uma mulher para cumprir uma missão que milhares de homens não conseguiriam.

Ao apedrejar publicamente as mulheres adúlteras, os radicais religiosos queriam que a doutrina do medo se infiltrasse como chamas de fogo no inconsciente coletivo, reprimindo comportamentos.

A multidão se aglomerou. O ritual começou. A mulher protegia o rosto. As pedras começaram a ser atiradas sem piedade. Os músculos eram lesionados, os ossos, quebrados, o sangue era sorvido pela terra. Cada minuto era uma eternidade de dor. As mulheres queriam protegê-la, mas, se o fizessem, teriam a mesma sorte. Chorando, assistiam à agonia de sua semelhante.

Nenhum homem perguntava se ela sofrera crises e vivera pesadelos existenciais. Não a consideravam um ser humano, mas uma adúltera que deveria ser exterminada do mapa da existência.

Não havia idade mínima para assistir a essa brutalidade. Muitas meninas, agarrando-se às vestes de suas mães, choravam ao ver a dor da miserável mulher. Entre elas havia uma pequena garota que cobria seu rosto com as mãos, mas deixava escapar por entre os dedos *flashes* da cena da mulher que agonizava.

Seu nome era Maria. Como todas as outras meninas do seu tempo, ela deve ter assistido a diversas cenas como essa. Causava-lhe arrepios pensar em um dia cometer o mesmo sacrilégio. Como toda criança, é provável que a pequena Maria tenha perdido o sono relembrando os gritos e as cenas terríveis que vira no dia anterior.

Sartre, como Freud, acreditava que nos primeiros sete anos de vida arquivamos algumas experiências emocionais reprimidas, nas quais temos dificuldades de colocar para fora. Dentro de nós há uma criança que exige reparos por tudo o que viveu.

A pequena menina cresceu. Tornou-se uma jovem vivaz, instigante, estava com cerca de 15 anos. A cultura de seu povo e as dificuldades de sobrevivência da época faziam as mulheres amadurecer mais rápido e assumir compromissos sociais mais cedo. Mas Maria ainda era uma adolescente.

Como muitas jovens de sua idade, já estava noiva. Na cultura judaica, o noivado era tão sério como o próprio casamento. Estava prestes a finalizar o ritual do casamento, mas não havia mantido relações sexuais com seu futuro marido, José, um carpinteiro sem grandes posses, que carregava pesadas toras e as lapidava para sobreviver. Tinha as mãos calejadas pelos atritos das ferramentas que usava e a pele ressequida pelo calor do sol. Era um homem acostumado ao trabalho pesado.

UMA VISITA INESPERADA, UMA MUDANÇA DE ROTA

Quando tudo parecia transcorrer tranqüilamente na vida da jovem Maria, e principalmente em seu casamento, um acidente de percurso aconteceu.

Maria estava em seu pequeno e humilde aposento quando, de repente, um estranho ser chamado Anjo Gabriel apareceu. O nome Gabriel significa “homem de Deus” ou “valente de Deus”. Esse enigmático ser está sempre envolvido em anúncios espetaculares.

O mensageiro do Autor da existência fita a jovem Maria e transmite-lhe uma inusitada mensagem na qual traz uma intrigante proposta: conceber uma criança sem a participação de um homem.

E adiciona à indecifrável proposta a afirmação de que o menino que a virgem engravidaria seria chamado de filho de Deus². E, para completar a surpreendente notícia, declara que o menino terá a mais notória incumbência: libertar seu povo e, por extensão, toda a humanidade.

A notícia era deslumbrante, capaz de deixar sem fôlego qualquer um que pensasse minimamente em suas conseqüências. Não era uma proposta política de libertação de fora para dentro, mas de dentro para fora, sonhada pela psicologia e almejada pela filosofia.

Será que essa proposta foi feita a Maria porque ela era ingênua? Será que Maria alcançou o seu conteúdo? Nos textos posteriores ficaremos espantados ao detectar que sua cultura e inteligência eram fenomenais. Maria entendeu nas entrelinhas a sua dimensão.

As características da personalidade dessa jovem suplantavam a dos intelectuais de sua época. A quase totalidade dos habitantes de Israel desconhecia a arquitetura da liberdade interior, sonhava apenas com a liberdade social. Mas veremos que Maria conhecia ambas.

O povo judeu, como muitos outros povos, estava sob o jugo do Império Romano. A máquina estatal de Roma era imensa e pesada. Senadores, legiões de exércitos, serviçais, todos dependiam dos pesados impostos pagos em moeda corrente ou em grãos pelas nações subjugadas.

Um mensageiro de Deus apareceu para uma adolescente dizendo que ela conceberia um menino libertador, uma dádiva para a humanidade. Mas qual a garantia jurídica? Que forças armadas sustentariam o libertador? Nenhuma. O resgate da humanidade dependia de uma adolescente e de sua fé.

GRÁVIDA SEM A CARGA GENÉTICA DE UM HOMEM

O Anjo disse para ela se alegrar, porque era uma bem-aventurada, uma mulher feliz, porque Deus se encantara com ela.

O mensageiro de Deus parecia vir ao encontro de uma busca incessante de Maria, pois, apesar de não ser uma religiosa típica, nem filha de sacerdotes, veremos que sua relação com Deus era estreita, íntima, ultrapassava os limites da religiosidade.

O processo de concepção de Jesus entra na esfera da fé, portanto, não há como discuti-lo de modo científico. Independentemente dos atributos da fé, a análise dos textos em várias versões demonstra que o nascimento de Jesus foi programado pelo Deus Altíssimo, o Autor da existência.

A psiquiatria e a psicologia ficam atônitas com a afirmação das Escrituras do Novo Testamento, a qual, segundo elas, esse Deus incompreensível, que está muito além dos parâmetros do tempo e do espaço, amou a humanidade a ponto de enviar seu filho para penetrar nas fibras das experiências humanas, objetivando tratar dos seus conflitos de dentro para fora, estimular seu aparelho psíquico a produzir anticorpos contra a intolerância, agressividade, discriminação, assassinatos, ciúmes, inveja³.

O Anjo disse: “Alegra-te muito favorecida. Eis que engravidarás e darás à luz um filho. E o seu nome será Jesus. Ele será grande e será chamado de Filho do Altíssimo”⁴. E acrescentou que o seu reinado extrapolaria as leis da física, seria eterno, não teria fim.

Antes de ter relações sexuais com seu marido, Maria achou-se grávida do Espírito Santo. Como isso é possível? Crer nesse fenômeno entra novamente na esfera da fé, portanto, ultrapassa os limites deste livro, mas é inquestionável que a proposta feita à jovem Maria foi estupenda.

É uma proposta exuberante para gerar uma nova humanidade, em que os grandes servem os pequenos, onde não há discriminação de pessoas, nem classes sociais.

Como formar um ser sem a participação do espermatozóide masculino? Hoje, através da clonagem, sabemos que não é necessária a participação de um espermatozóide, pois é possível extrair a célula de um animal, que em condições especiais começa a se multiplicar, gerando uma explosão criativa, desenvolvendo um embrião normal, à imagem e semelhança do progenitor. Deus usou o processo de clonagem?

Se admitirmos os fatos da concepção do menino Jesus como reais e não como conjecturas, podemos inferir que o Autor da existência fez o primeiro processo de clonagem da História.

Todo o código genético de Maria foi usado para formar um ser único, inigualável, que seria chamado de filho do Autor da vida, cujo destino era sublevar paradigmas e reescrever a história da humanidade.

O MEDO DE SER APEDREJADA

Maria aceitou participar do sonho de Deus, que se tornou seu próprio sonho. Porém, não tardaria para esse sonho converter-se em pesadelo, trazer riscos inimagináveis. Maria aceitou engravidar de um modo antinatural. Quais seriam as conseqüências desse convite? O risco de ser apedrejada sumariamente!

Apenas esse fato poderia trazer recordações estressantes e produzir um desgaste no córtex cerebral de Maria, gerando pavor e ansiedade e, como conseqüência, uma série de sintomas psicossomáticos.

Se Maria pensasse em todas as conseqüências desse ato não teria fé, imergiria num mar de dúvidas e medo. Quem pensa em todos os acidentes do caminho paralisa-se.

Todas as mulheres que engravidavam de outros homens morriam apedrejadas. O convite de Deus iria submeter Maria a percorrer os becos do terror. Quem conseguiria entender essa gravidez? A quem explicaria o inexplicável? Que parente a acolheria? Que amiga lhe daria ouvidos? Que religioso a entenderia?

O Anjo disse que ela passaria a ser a mais exaltada entre as mulheres. Mas quem aceitaria tal exaltação diante do risco de ser mutilada? É como dizer: “Hoje darei a você todo o dinheiro do mundo, mas amanhã você estará morto”. Quem desejaria ser o mais rico do cemitério?

Não apenas o risco de ser apedrejada a rondou, tempos mais tarde outros eventos angustiantes atingiram a sua história. Jamais uma mãe se alegrou tanto com a notícia e, com o passar do tempo, derramou tantas lágrimas.

OS GRANDES RISCOS VIVIDOS POR JESUS EM NAZARÉ

Jesus resolveu iniciar o discurso sobre o projeto de Deus no lugar menos recomendado, na cidade onde cresceu, Nazaré. Parece que ele gostava de enfrentar situações difíceis.

Era uma tarde ensolarada e resolveu ir até a sinagoga local. O público era grande. Todos estavam em silêncio esperando a leitura de um dos livros sagrados. Segundo a tradição, esperavam que algum fariseu ou escriba se levantasse e lesse um determinado texto e o interpretasse.

Jesus não teve dúvida, levantou-se e foi para a frente da platéia. Muitos que ali estavam brincaram com ele. Folheou o livro de Isaías atentamente e encontrou o texto do capítulo 61. Sua leitura foi eloqüente e sua interpretação, chocante para os presentes.

Nesse texto está escrito que Deus misteriosamente enviaria um Messias para libertar os cativos, recuperar a visão dos cegos, aliviar os oprimidos e anunciar o ano aceitável do Senhor⁵.

O Messias era aguardado havia séculos pelo povo de Israel. Muitos enchiam seus pulmões ao falar dele. No inconsciente da população, as imagens de um homem valente, acompanhado de escoltas e de mantos escarlates se mesclavam. Ele libertaria Israel do seu sofrimento e em especial do jugo dos romanos. Seria um novo tempo.

Quem seria tal Messias? Quem teria essa magna incumbência? Todos os presentes ansiavam por saber como Jesus interpretaria essa difícil e inspiradora passagem. Talvez anunciasse que o Messias viria em breve, ou em dez anos, ou em cem.

No início de sua preleção todos admiraram-se da sua eloqüência. Mas, de repente, Jesus fitou a platéia atentamente e disse: “Hoje essas palavras foram cumpridas”.

A platéia ficou assombrada. Fora pega de surpresa. Perguntavam uns aos outros: “Ele se declarou o Messias?”, “Como pode ser isso?”, “Um pobre carpinteiro de mãos calejadas?”, “Impossível!”, “Nós não conhecemos seus pais! Que heresia!”.

A população de Nazaré sabia que ele era discreto, inteligente, gentil, mas se declarar o sonhado Messias era demais. Um insulto inaceitável para os mais religiosos.

Essas reações indicam que Maria correu muitos riscos quando o concebeu. Ou ela ocultou a identidade do filho em Nazaré ou, o que é mais provável, ninguém entendeu os fatos “inexplicáveis” ligados à sua concepção.

Jesus scandalizou os ouvintes. Iniciou sua trajetória com o risco sumário de morrer. Seguro, ele não se retratou nem desfez mal-entendidos. Para ele não havia mal-entendido. Se ele se calasse, seria admirado, mas quem conseguiria contê-lo? Quem conseguiria silenciar esse homem?

Sua mãe, quando o concebeu, correu o risco de ser apedrejada pela vizinhança. Agora, seu filho corria o risco de ser linchado por pessoas que conviviam com ele.

Ao ouvir sua declaração, um grupo de homens se enfureceu. Agarraram-no com violência e o levaram para um alto penhasco, ameaçando jogá-lo de lá. O tumulto foi grande. A agressividade dos instintos atingiu o auge, mas felizmente ele escapou.

Após sair do clima de terror, o Mestre dos mestres afirmou um sábio princípio psicossocial que é uma verdade indiscutível até os dias de hoje: “Nenhum profeta será bem recebido em sua própria casa”. A inveja surge normalmente entre os iguais. É um vírus que nunca morre. Quando um entre os iguais desponta, o vírus da inveja que está incubado multiplica-se incontrolavelmente.

Por isso, ninguém que tenha uma grande proposta, novos caminhos, uma nova teoria será aceito sem traumas na sua

universidade, na sua classe profissional, na sua empresa. Quem quer propor grandes idéias tem de correr o risco injusto da inveja.

FALHA NA EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA

A educação pós-moderna é a da era dos computadores, da internet, dos recursos multimídia. Embora ela tenha trazido vantagens visíveis, são gritantes as suas falhas. Para dar maior praticidade a este livro, sempre que possível usarei os princípios da educação do menino Jesus para comentar algumas grandes falhas da educação atual e apontar caminhos.

Toda vacina expõe o corpo a antígenos, que, muitas vezes, é um vírus atenuado. O objetivo é que o corpo receba um choque metabólico para produzir anticorpos, para que um dia, quando a pessoa for infectada com um vírus ativo, possa combatê-lo.

Aqui há um princípio psicológico e pedagógico. Muitos pais não sabem como ajudar seus filhos a construir “anticorpos” contra as intempéries da vida. Muitos querem poupar seus filhos dos riscos sociais e existenciais, criam-nos numa bolha artificial. Uma educação completamente diferente da do menino Jesus.

Claro que os computadores e a internet podem ser úteis para o desenvolvimento de algumas áreas da inteligência. Mas um computador não critica, não rejeita, não pressiona, não provoca ansiedade ou frustrações existenciais, enfim, não estimula o sistema “auto-imune” da psique.

No passado, as famílias tinham vários filhos. Os irmãos provocavam uns aos outros, estimulavam a reação, a competição, a superação. Hoje, muitas famílias têm apenas um filho. Ser filho único e ainda gravitar na órbita de um computador dificulta mais ainda a educação.

É preciso ensinar aos jovens que a vida é um contrato de risco, levá-los a compreender que há um mundo lá fora diferente do

espaço controlado da sala de aula, da sala de casa e do ambiente da internet.

Mas onde estão os jovens que correm riscos para materializar seus sonhos? Onde estão os jovens que sabem lidar com eventos inesperados e angustiantes? Muitos são tão frágeis que se paralisam diante de uma vaia, não apostam mais em si mesmos depois de uma derrota profissional ou afetiva. Os fracassos deveriam torná-los mais fortes, mas os fragilizam.

Eles não entendem que muitas pessoas na sociedade que conquistaram o sucesso já experimentaram os patamares mais baixos do fracasso. Muitas pessoas que hoje são aplaudidas já foram, em algum período de sua vida, vítimas de deboche e desprezo.

A melhor maneira de gerar filhos e alunos frágeis diante dos desafios da vida é oferecer-lhes um ambiente isento de estímulos estressantes. A ausência desses estímulos pode ser tão prejudicial para o desenvolvimento da inteligência como a presença maciça deles. Jovens educados em ambientes superprotegidos só conseguem brilhar se as situações forem previamente conhecidas.

É fundamental que as escolas, inclusive as universidades, construam laboratórios de riscos sociais, emocionais, profissionais, onde se criem ambientes que simulem (“vírus atenuados”) rejeições, perdas, frustrações, competições.

Nesses laboratórios têm de haver liberdade para serem construídas novas idéias e formas de defendê-las, bem como maneiras de treinar a garra para vender produtos e serviços difíceis de ser explicados. Lembre-se de que Maria teve de explicar o inexplicável e sobreviver às incompreensões.

Esses laboratórios contribuiriam para desenvolver habilidades para lidar com as intempéries reais da vida, produzindo ânimo para os jovens enfrentarem novos desafios. Caso contrário, eles poderão sentar por décadas nos bancos de uma escola e se tornar apenas

frágeis servos do sistema social. Somente a exceção brilhará. A maioria dos alunos ficará muito aquém de onde outros já chegaram.

A educação do menino Jesus não é a que busca o sucesso exterior, pois este é mera consequência, mas é a educação que desenvolve o sucesso interior, as mais excelentes habilidades intelectuais e emocionais.

Devemos nos lembrar de que um dos princípios que permearam a educação de Maria é *quem vence sem riscos sobe no pódio sem louvor*.

Painel I

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 A vida é um contrato de risco, um palco de surpresas. Quem tem consciência dos riscos da existência tem mais preparo para enfrentar novas situações, críticas, perdas.
- 2 Quem se prepara para viver num jardim sem espinhos se privará do perfume das mais belas flores e terá pouca imunidade para suportar as tempestades sociais.
- 3 Muitos dos que hoje recebem aplausos já foram vaiados. Muitos dos que hoje recebem honras já visitaram o vale das rejeições.
- 4 Quem propõe mudanças elabora novas idéias e novos caminhos no seu ambiente social e profissional e dificilmente encontrará um céu sem tempestades. Quando todos nos aplaudem, devemos desconfiar se não estamos sendo mais um número na multidão.
- 5 Viver num ambiente sem estresse não estimula a inteligência, e viver com excesso de estresse a bloqueia. A sabedoria está no meio-termo.

CAPÍTULO 2

Maria era rápida em agradecer e corajosa em agir



Maria não apenas tinha capacidade de correr riscos e enfrentar situações novas, mas também era uma mulher rápida em agradecer, mesmo quando tudo dava errado. Além disso, era intrépida para agir.

Alguns educadores de bom nível gostam de tudo no lugar, não suportam quando sua rotina é quebrada, lamentam as pedras do caminho. Maria era diferente. Enfrentava as dificuldades e não reclamava ao confrontá-las, nem lamentava quando as coisas davam errado ou saíam de um modo diferente de como tinham sido planejadas.

Ela agradecia, mas seu agradecimento não era sinal de conformismo, e sim de aceitação dos fatos que não conseguia mudar. Não ficava paralisada, deprimida, esperando alguém socorrê-la. Ela se levantava, era intrépida para mudar de rota. Era produtiva e sua alma estava, pouco a pouco, amadurecendo para o auge do sofrimento que ainda haveria de enfrentar.

É muito difícil reunir a arte de agradecer e a arte de reagir numa mesma personalidade. A jovem Maria foi escolhida porque possuía essas duas virtudes. Geralmente, quem agradece muito é pobre em realizar. E quem reage muito é ansioso e pobre em agradecer.

Quem não sabe agradecer é servo da insatisfação. Quem não é ousado em agir é escravo da passividade. Os que vivem nos extremos desse pêndulo ajudam muito pouco a si mesmos e aos outros.

Maria era feliz porque exigia pouco da vida. Os que exigem muito nunca se adaptam a novas circunstâncias. São inimigos de si

mesmos. Não exaltam o que têm e gastam sua energia lamentando o que não têm.

A coragem da mãe do menino Jesus era surpreendente. Sua história era escrita com vibração. Se precisasse dormir num curral, respirando estrume fermentado, ela dormia. Se precisasse fazer suas malas com urgência e mudar de região, ela o fazia.

Se tinha dúvidas sobre um determinado ponto e precisasse questionar, não era omissa, perguntava sem medo. Foi isso que ocorreu quando o estranho ser, o chamado Anjo Gabriel, apareceu-lhe no primeiro encontro. Vejamos.

INTREPIDEZ PARA QUESTIONAR

O mensageiro lhe disse que ela conceberia o Filho do Altíssimo. O anunciador era um forasteiro, não entrou pela porta, e sua mensagem era ímpar, inusitada. Frequentemente, pessoas que são sobressaltadas por imagens alucinatórias perdem os parâmetros da realidade, têm sua racionalidade esfacelada.

Maria não viveu um surto psicótico, não perdeu sua racionalidade, ao contrário, aguçou-a. As imagens que lhe sobrevieram não bloquearam sua inteligência. Os acontecimentos eram de tirar o fôlego, mas, embora atônita, ela reagiu com mais lucidez.

Sua ousadia foi tão grande que questionou o mensageiro de Deus. Agradecia o privilégio da concepção, mas era uma virgem, queria saber como se daria o processo. Muitos não raciocinam quando estão sob intensas emoções. Maria conseguia pensar, mesmo no êxtase.

A reação de Zacarias, pai de João Batista, quando recebeu a notícia de que sua esposa, Isabel, engravidaria na velhice, foi bem diferente da de Maria⁶.

Isabel teria um filho de Zacarias, Maria engravidaria do Espírito Santo, algo infinitamente mais incompreensível. Zacarias duvidou, Maria acreditou. Zacarias afirmou que o processo de gravidez não seria possível, Maria, ao contrário, quis saber como se daria o processo. Zacarias temeu, Maria exultou. Zacarias era um sacerdote respeitável, um homem versado nas práticas religiosas, Maria não tinha essa linhagem teológica.

O Anjo se surpreendeu ao ver a reação de Maria. Ela não se intimidou diante dele. Não foi uma religiosa passiva, uma receptora insegura. Para completar a sua estrondosa intrepidez, além de querer saber como se daria o processo, ela enviou uma mensagem

ao Deus que lhe enviara a mensagem. Entre outras palavras, ela disse: “Diga-lhe que sou sua serva. Cumpra-se na minha história a tua palavra”⁷.

Maria não conversou com uma imagem, fruto de uma alucinação. Para essa jovem incomum, seu Deus era concreto e os fatos a Ele relacionados não eram miragem, mas reais. Ela agradeceu o privilégio de ser a educadora do Filho de Deus.

Maria não tinha noção dos dramáticos problemas que enfrentaria. Seu mundo viraria do avesso. O Mensageiro deu-lhe a excelente notícia, mas se aquietou sobre as más.

Mais tarde, Maria atravessou as cordilheiras da existência, teve inumeráveis motivos para reclamar de Deus e até achar que foi iludida. Mas a maior educadora da História era uma especialista em agradecer e rápida em se adaptar às tempestades da existência.

Maria não era especial porque foi escolhida, ela foi escolhida porque era especial. Não foi exaltada no momento em que o Mensageiro lhe apareceu, mas pela história que teceu na presença de Deus desde a sua mais tenra infância.

Parece que o Deus que escolheu Maria tem especial apreço aos que sabem agradecer e aos que são ousados em mudar.

DEUS EXISTE OU É UMA INVENÇÃO HUMANA?

O que surpreende é a fé inabalável de Maria. Ela era muito jovem e humanamente inexperiente para ter tanta convicção, mas tinha.

Diante da sólida convicção de Maria e da ousadia de questionar como se daria a sua gravidez, sinto que é oportuno também questionar se Deus existe ou se é uma criação do intelecto humano.

Deus é uma necessidade da mente humana para gerar conforto diante do inexplicável e das frustrações existenciais ou é uma realidade indiscutível?

Atualmente, há um grupo de cientistas que quer banir Deus do intelecto humano. Para eles, Deus é uma hipótese improvável, e as religiões, um refúgio para inteligências que desprezam a ciência.

Se Deus for uma fantasia da mente humana, discorrer sobre a gravidez de uma virgem é perda de tempo. Mas, se há concretamente um Autor da existência, ainda que não compreendamos a sua personalidade, podemos supor que nada o limita. Engravidar uma virgem não parece ser uma tarefa difícil para ele. Mas como falar sobre a existência de Deus sem entrar na esfera da especulação religiosa?

É possível discorrer sobre a pergunta que perturbou seres humanos de todas as eras, culturas, raças sem entrar no campo da fé? É o que tentarei neste breve texto.

No livro *Os segredos do Pai-Nosso – A solidão de Deus* fiz mais de mil perguntas a respeito dos mistérios da existência. Mergulhei também nas idéias filosóficas dos grandes ateus como Freud, Marx, Diderot, Nietzsche. Indaguei sobre as inúmeras possibilidades da existência ou não-existência de Deus.

No livro do Gênesis está escrito: “No princípio era Deus e Deus criou todas as coisas”. Entretanto, nos textos do meu passado

ateísta podemos ler: “No princípio era o nada e o nada gerou o mundo existente”. Muitos cientistas ainda pensam como eu pensava.

Para mim, antes que houvesse todas as coisas, ser, microrganismo, galáxia, planeta, estrela, átomo ou partícula atômica, havia o “nada”, o vácuo existencial. Viajei no mundo das idéias imaginando a seqüência ininterrupta de eventos que encadeariam a matéria e a energia. Desse “nada” surgiu o princípio essencial. Desse princípio surgiu uma explosão criativa e assim por diante.

Esforcei-me muitíssimo para eliminar a existência de um Deus como originador e sustentáculo da própria existência. Não consegui. Hoje eu não defendo literalmente nenhuma religião, mas cheguei a uma grande conclusão. Concluí, depois de exaustiva análise filosófica, que Deus não pode ser simplesmente uma hipótese da fé, mas uma verdade científica.

Ao contrário de alguns cientistas, compreendi que a tese ateísta era indefensável, não tinha fundamento. A grande tese é que somente a existência de um Deus que nunca existiu pode explicar a essência intrínseca da própria existência. Por quê? Porque o “nada” é eternamente estéril, jamais poderá ser despertado do sono da irreabilidade para viver o pesadelo da realidade.

Do mesmo modo, o vácuo existencial jamais poderá ser assombrado pelo espetáculo da realidade e assumir o papel dos atores no teatro da existência. O nada e o vácuo existencial são antiessenciais, eternamente inexistentes. Somente a existência pode gerar existência.

Se Deus existe, quando Ele nasceu? Perturbei-me demais com esta pergunta. Concluí que Ele não pode ter nascido. Ele é o último estágio da cadeia dos eventos, o princípio de todas as coisas, o início do início.

Se Deus tivesse nascido, teria sido originado do “nada”, o que geraria um paradoxo impossível, pois o nada é eternamente irreal, incriável. Penso que se eliminarmos Deus, como um ser auto-existente do processo criativo, eliminaríamos a própria existência, retornaríamos ao vácuo completo, imergiríamos na esterilidade tirânica do nada. O leitor e eu seríamos um delírio.

Pode-se usar qualquer teoria para explicar o Universo e a origem das espécies, da teoria da evolução biológica à teoria quântica, mas nenhuma pode incluir no princípio o “nada” existencial.

Nenhuma teoria pode excluir a natureza essencial de uma fonte última e criativa. Em algum momento da cadeia de indagações, Deus – ou qualquer nome que se possa dar a Ele – tem de aparecer.

Só não aparecerá se a seqüência de perguntas for interrompida, seja pelo ateísmo radical, pelo preconceito científico ou, principalmente, pela incapacidade de expandir a arte da dúvida para expandir o mundo das idéias.

Embora neste livro não se trate da fé, defendendo que, independentemente da religião que alguém possa seguir, a crença em Deus não é fruto de uma mente pequena como alguns ateus afirmam, mas de uma complexa inteligência.

CORAGEM PARA APOSTAR NO QUE NINGUÉM VIA

Maria não apenas acreditava intensamente no Autor da vida, um ser eterno e incriado, mas também desejava ser um instrumento para realizar seu projeto.

Duas outras atitudes demonstram a intrepidez da jovem Maria. Nessas duas passagens vou analisar o seu comportamento: num capítulo posterior, quando for estudada a proteção emocional de Maria, analisarei os possíveis fenômenos que ocorreram no teatro da sua mente diante desses mesmos acontecimentos.

O primeiro evento foi o nascimento de João. Logo que recebeu a notícia de que Isabel, sua parente de avançada idade, estava grávida de seis meses, ela não titubeou, foi ao seu encontro. Isabel estava isolada, nas regiões montanhosas. Maria estava em outra região, na Galiléia.

Embora grávida, fez uma longa caminhada. Foram muitas milhas por regiões desérticas. Enfrentou relevos íngremes. Sobrou-lhe coragem. Sua gravidez não era um fator limitante.

Ao encontrar Isabel, ocorreu um fato inusitado. Misteriosamente o menino que estava no útero de Isabel apresentou movimentos incomuns, contorcendo-se de maneira única. Segundo a mãe, o pequeno João saudou o menino Jesus que estava em um incipiente processo de formação embrionária.

Isabel deu um grito e fez uma belíssima saudação, que analisarei posteriormente. Em seguida, exaltou a coragem da adolescente, dizendo: “Bem-aventurada a que creu!”⁸.

A palavra bem-aventurada pode ser traduzida por feliz. Isabel queria dizer: feliz seja Maria por sua valentia! Feliz por sua coragem! Seja a mulher escolhida para educar o menino que revolucionará o mundo.

Maria acreditou naquilo que não era palpável. Deu crédito a uma mensagem que para muitos não passaria de uma alucinação. Apostou em algo que muitos, em sã consciência, teriam medo de arriscar. Não quis saber se o caminho era sem volta, nem que sua rotina seria modificada para sempre.

Se Maria mostrasse insegurança, se revelasse timidez e se demonstrasse sentimento de incapacidade, provavelmente seria preterida. Maria apostou toda a sua energia em Deus, seu filho apostou toda a sua energia no ser humano.

CORAGEM PARA MUDAR DE ROTA

Logo depois que o menino nasceu, não se passaram muitos meses para as tormentas assaltarem o céu azul de Maria. Um carrasco apareceu em seu encalço, Herodes, o Grande.

Herodes foi um grande construtor. Ergueu o templo de Jerusalém da época e edificou muitos outros palácios. Porém, o mesmo ímpeto que teve para construir palácios teve para cometer atrocidades.

Paranóico, o rei Herodes vivia atormentado por idéias de perseguição. Imaginando que Mariana, sua dócil esposa, conspirava contra seu trono, assassinou-a. Sua obsessão pelo poder também o levou a assassinar dois de seus filhos. O poder o infectava.

Alguns magos do Oriente, pastores proeminentes, receberam efusivamente a notícia de que o rei de Israel nascera. Apressados, partiram para Jerusalém e, ao chegarem, procuraram os líderes da nação, bem como o rei Herodes, e anunciaram-lhes a grande notícia.

Herodes, embora já velho e doente, sentiu calafrios. As Antigas Escrituras misteriosamente relatavam que esse menino nasceria e onde nasceria. Os magos do Oriente perguntaram aos mestres da lei judaica onde poderiam encontrar o menino.

Os magos foram orientados a procurá-lo na cidade do rei Davi, Belém. Mas os fariseus foram paralisados pelas benesses do palácio, pelo conforto religioso. Não o procuraram.

Maria e José moravam em Nazaré. Devido ao decreto de César Augusto de que fosse feito um recenseamento com os povos do império, as pessoas, em especial os homens, deveriam se deslocar até a sua cidade de origem. José saiu da sua cidade e foi para Belém, a cidade onde nasceu.

Herodes, como membro do mais alto escalão dos políticos dissimulados, pediu delicadamente aos magos que retornassem com a localização de onde se encontrava o menino para que ele também o homenageasse. O grande Herodes jamais se dobraria a um menino, ainda mais judeu.

Divinamente inspirados, os magos não retornaram. Os meses se passaram e Herodes sentiu-se traído pelos pastores do Oriente. Envolvido por sua paranóia, teve pesadelos e noites de insônia.

Segundo os relatos históricos, alguns anos depois o velho Herodes morreria com dores insuportáveis, comido por vermes. Mas a idade não o fez amadurecer, não abrandou seus impulsos destrutivos. Seu “eu” não era diretor do *script* da sua história, mas escravo dos seus traumas. Não sabia dividir o poder, era um ser humano fraco e infeliz.

No leito, planejava eliminar quem o ameaçasse. Dezenove séculos antes de Hitler, planejou a solução final, praticando a mais inacreditável violência. Mandou assassinar todas as crianças com menos de 2 anos de idade na região de Belém. A dor foi tanta que faltaram lágrimas para as mães chorarem.

Desesperada, a mãe de Jesus teve de fugir. Como? Fugiu humilhada, ansiosa, e no seu encalço, soldados furiosos. Que suporte Maria tinha na fuga? Nenhum! Ela carregava em seu colo um pequeno rei sem trono, sem escolta, sem serviçais. A pobre jovem arrumou uma pequena trouxa de roupas usadas, alguns litros de azeite e uma pequena porção de farinha de trigo.

A fuga para o Egito exigia não apenas força muscular, mas coragem. Coragem para suportar a escassez de alimento, para dormir ao relento, para enfrentar as noites de insônia, para abraçar o pequeno filho e aquecê-lo, ainda que passasse frio. Muitos pais da atualidade vivem em relativo conforto, mas Maria não foi poupada.

A maior educadora da história precisava de ousadia para não traumatizar seu filho e serenidade para não golpeá-lo com seus

próprios temores diante das tormentas da vida.

Não bastavam os inimigos externos, Maria tinha de enfrentar os impiedosos inimigos internos, gerados pelos seus pensamentos. Como compreender que um menino destinado a mudar o traçado da humanidade fosse perseguido de morte? Como entender que a bendita entre as mulheres era uma das mais perseguidas da História?

A caminhada era longa, inóspita, cansativa e perturbadora. Não havia ninguém para encorajá-la, nem a José. A coragem fluía do interior.

MARIA NÃO PODIA DAR-SE AO LUXO DE RECLAMAR

Maria não compreendia as tempestades injustas que desabavam sobre ela. Mas, como pertencia à mais fina casta de educadores, não reclamava. Suportava com dignidade as calamidades e tentava intrepidamente sobreviver a elas. Sobreviver às intempéries da vida sem reclamar é um dos maiores segredos dos que superam as vicissitudes.

É preciso bravura emocional quando tudo dá errado para não se achar desafortunado, malsucedido, destinado a ser um derrotado. É preciso audácia para fugir quando necessário e ousadia para enfrentar quando for imperativo.

A energia gasta em reclamações consome a energia para agir. Muitos pais reclamam quando seus filhos usam drogas ou têm crises depressivas, transtornos do pânico, anorexia, bulimia. No caso das drogas, começa a caça às bruxas para ver quem é o culpado. Acusam-se, discutem, punem-se, não poupam sua energia para agir, procurar ajuda psicoterapêutica, criar um novo clima, surpreender seus filhos.

Do mesmo modo, muitos que perdem um grande amor sofrem crises financeiras ou perdem seus empregos, sucumbem. Gastam quase 100% de suas energias girando na órbita dos seus problemas, acusando-se, punindo-se, lamentando-se.

Maria não podia se dar a esse luxo. Caso contrário, sua história e a educação do menino Jesus seriam uma catástrofe. Sofreu uma perseguição implacável e inexplicável, mas, em vez de se considerar a mais miserável dos seres ou achar que havia tomado a decisão errada, ela procurou sobreviver como podia e com o que tinha.

Ela não reclamava, pois, apesar de materialmente ter perdido tudo, o seu verdadeiro tesouro estava intacto: seu filho.

Desse modo, podemos concluir outro princípio fundamental da sua educação: *seus filhos e seus alunos são seus tesouros. Ensine-os a não ter medo da vida, mas a sobreviver às circunstâncias adversas, pois, mais cedo ou mais tarde, elas virão. Quando elas vierem, não gaste sua energia reclamando, use-a para ter coragem para reagir, para produzir ações intrépidas.*

A imagem que se tem de Maria no inconsciente coletivo é a de uma mulher pobrezinha, coitada, sofredora, muito diferente da sua personalidade à luz da psicologia. Maria era espantosamente forte, mais forte que os fariseus de Jerusalém.

Seu filho, quando adulto, elevou a arte da intrepidez ao máximo. Nunca reclamou, nem quando foi abandonado. Nunca desistiu, nem quando traído. Nunca puniu, mesmo quando zombaram dele ou o torturaram.

Jesus poupava energia para reagir com serenidade em ambientes psicóticos. Não perdia tempo com coisas sem valor. Só criava raízes em solos onde podiam frutificar.

Painel II

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 Quem não sabe agradecer é servo da insatisfação.
- 2 Quem não sabe agir é escravo da passividade.
- 3 Aceite, sem se atormentar, os fatos que não dependem de você, mas aja com intrepidez com relação aos que dependem. Não espere que alguém venha socorrê-lo. O preço da omissão é tão caro quanto o do erro.
- 4 Os fracos se acham desafortunados, gastam uma energia preciosa para reclamar. Os fortes concentram sua energia para corrigir rotas, refazer caminhos.
- 5 O sábio valoriza o que tem, o estulto valoriza o que lhe falta.

CAPÍTULO 3

Maria usava a intuição e não um manual de instruções para educar o menino Jesus



Experimentados educadores usam os órgãos dos sentidos para enxergar o mundo social e reagir a ele, mas Maria, como magnífica educadora, usava a intuição para ver o invisível. Muitos educadores treinam o olhar físico para se comportar, Maria treinou o olhar psíquico.

A mãe do menino Jesus enxergava com os olhos do coração. Tinha uma visão ampla dos eventos sociais. A intuição nem sempre é perceptível às pessoas de fora, mas determina o estado de grandeza da intelectualidade de um ser humano, define sua habilidade de interpretar os dados e se conduzir em situações delicadas.

Gostaria de definir o que é a intuição, antes de penetrar nessa complexa característica da personalidade de Maria. Penso que a maioria dos líderes sociais, educadores, profissionais de saúde, executivos pouco desenvolve essa nobilíssima função intelectual.

A definição é complexa. Intuição é a capacidade de ver sob vários ângulos um mesmo fenômeno, seja ele um estímulo físico ou psíquico, bem como um problema social, profissional, existencial. Através da intuição podemos permear o intelecto com *insights*, entender mecanismos e prever situações.

A intuição é o momento de interiorização quase “mágico”, mas não sobrenatural, em que nos esvaziamos dos nossos preconceitos para ver o que não é perceptível aos olhos, para compreender o que é intangível, o que está nos bastidores. Muitos pais e professores só sabem julgar o comportamento dos jovens. São mestres em apontar

falhas, em ver o que é visível. Mas cometem gravíssimos erros porque não perscrutam intuitivamente o interior dos seus filhos e alunos. Não descobrem o que está por trás de suas irritações, rebeldia ou comportamento alienado. Quanto mais os criticam, mais os perdem.

A intuição surge através de um mergulho intrapsíquico, quando aceitamos nos abrir ao máximo para procurar compreender multifocalmente uma pessoa.

A intuição alicerça o raciocínio esquemático, promove a inspiração, a dedução e a indução. Einstein confessou que a intuição foi a mola propulsora para elaborar sua teoria. A intuição fez profícuos Freud, Jung, Vygotsky e tantos outros. Sem ela, os filósofos seriam estéreis, os músicos, improdutivos.

A intuição alimenta o artista plástico, instiga o escultor, anima o pensador. Para Foucault, a intuição dá a cada indivíduo a sua originalidade e subjetividade. (Foucault, 1998)

Uma pessoa não-intuitiva é unifocal, reage sempre da mesma maneira diante dos mesmos estímulos. Enxerga os fenômenos por um mesmo ângulo. Há filhos que cometem os mesmos erros por anos a fio e pais que os repreendem também por anos a fio. Eles são quase imutáveis. Ambos adoecem.

Pais e professores que passam os mesmos sermões, fazem a mesma crítica, usam sempre o mesmo tom de voz podem ser substituídos por um computador.

Mas os educadores que usam a intuição para enxergar por múltiplos ângulos seus filhos e alunos, para libertar a sua criatividade e estimular a arte de pensar, são insubstituíveis.

MARIA NÃO TINHA UM MANUAL DE INSTRUÇÕES

O Anjo anunciou o nascimento de Jesus, mas parece que se esqueceu de dar um manual de instruções, de técnicas pedagógicas, para auxiliar Maria. Ele apareceu e sumiu. Somente voltou à cena para orientá-la a fugir de Herodes.

Como cuidar e educar o complexo menino Jesus? Tudo era novo e diferente. O que fazer quando o menino quisesse brincar em vez de dormir? Como reagir quando ele se aproximasse de animais perigosos? O que responder quando ele iniciasse as perguntas tão comuns na infância? Poderia deixá-lo só ou sempre deveria acompanhá-lo? Como o filho de Deus, será que ele trazia a memória do Criador desde a mais tenra infância? Como ensinar e o que ensinar a alguém com uma inteligência divina?

Se Piaget e Vygotsky estivessem lá, estariam sem direção. Se Freud fosse convocado para auxiliar, estaria confuso. As teorias psicológicas e pedagógicas ajudariam muito pouco na educação da criança com a mente mais intrigante, perspicaz, investigativa.

Claro que as teorias são importantes. Eu mesmo desenvolvi uma teoria psicológica com amplas derivações pedagógicas sobre o funcionamento da mente e que é usada em centenas de escolas. Mas elas são insuficientes. É necessário desenvolver a intuição, é fundamental que cada educador seja um pescador de pérolas.

Qual era a situação de Maria diante de seu filho? Maria não tinha apoio psicológico, nem suporte familiar, nem quem lhe desse conselhos religiosos e, ainda por cima, morava em terra estranha, no Egito. Tudo que aprendeu para educar uma criança parecia ajudar muito pouco para o seu próprio filho.

Selecionar elementos e desenvolver as próprias técnicas e muitas vezes os próprios objetivos é fundamental no processo educacional.

Maria tomou esse caminho. A falta de um manual de regras teóricas pode ter sido um fator importante para o menino Jesus na utilização de suas estratégias para se relacionar, extrair suas experiências humanas.

Maria, em alguns momentos, deve ter se sentido muito confusa e sem uma direção clara. Mas ela foi escolhida não porque sabia muito, mas porque era uma especialista em aprender. Em cada situação complexa ela tinha de se abrir inteiramente para procurar respostas para situações inesperadas. A intuição era sua bússola.

Quantos pais ferem seus filhos quando estes erram? Esses pais punem do mesmo modo que foram punidos quando jovens. São escravos do seu passado. Alguns são implacáveis.

Não devemos confundir intuição com superstição. A superstição é um problema intelectual, bloqueia a lucidez, pois deriva de um achismo religioso superficial, de opiniões sem nexos e análises sem reflexão.

Pense um pouco. E se o menino tivesse superpoderes desde a infância? Como agir? Imagine-o subindo no topo de um monte querendo brincar como se fosse um pássaro. Imagine-o querendo mergulhar no mar da Galiléia ou subindo numa árvore até o último galho, querendo tocar a última folha? O que fazer? Imagine-o fazendo perguntas nunca antes elaboradas? O que responder?

Jesus podia ser um menino superobediente e singelo, mas era uma criança. Embora apontado como filho de Deus, tinha uma humanidade normal. Como Maria deveria reagir diante de um menino sobredotado?

Certa vez, um renomado psicólogo, diretor do Instituto da Inteligência do Porto, Portugal, que trabalha com sobredotados – e que usa a minha teoria para dar condições para que eles possam se conhecer e socialmente se adaptar melhor e se tornar mais produtivos –, disse-me que trabalhar com gênios é uma tarefa

complexa. Imagine como não deveria ser sofisticada a educação do menino Jesus.

A genialidade desse menino era espetacular e assombrosa. Maria precisava nutrir sua intuição a cada momento por meio de uma rica interiorização para dar respostas às suas necessidades.

As poucas reações de Maria descritas nos Evangelhos revelam que ela tinha uma profunda capacidade de reflexão. Tudo o que ela não entendia ruminava, debatia consigo mesma, analisava prolongadamente.

Nós facilmente “engolimos” as situações, Maria as digeriu, nutria sua intuição mergulhando nas águas da meditação. Se não fosse intuitiva, daria sempre as mesmas respostas para seu filho em situações semelhantes. Não o encantaria, não o levaria a penetrar profundamente a essência das experiências humanas.

O conflito de gerações ocorre freqüentemente porque a geração mais velha tem reações previsíveis e sem tempero. Nem sempre quando os jovens dizem aos adultos “Lá vem ele com a mesma conversa” estão sendo desrespeitosos, apenas estão dizendo uma verdade crua.

A mãe do menino Jesus fugia do trivial. Suas reações eram temperadas com sua intuição, não tinham sempre o mesmo sabor. Maria não tinha preguiça de pensar. A educação que ela dava ao menino não era um *fast-food*, não tinha respostas prontas. Ela refletia, e muito, antes de reagir.

VIVENDO NO OCEANO DA REFLEXÃO

No processo de pesquisa da personalidade de Maria usarei, às vezes, a mesma passagem, mas vista por outros ângulos. Logo que o Anjo lhe apareceu, momentos antes de anunciar o nascimento do menino, Ele a saudou dizendo: “Alegra-te muito favorecida. O Senhor é contigo”⁹.

Diante dessa incomum saudação, a jovem teve duas reações. A primeira foi deixar-se dominar pelo estado de estresse e temor. Momento depois, recompôs-se e pôs-se a pensar no significado dessa saudação. Ela sempre acendia a luz da sua mente quando entrava no quarto escuro do medo.

Maria demonstrou notoriamente que era uma mulher especialista na arte de refletir. Não entendia as palavras bombásticas que lhe chegavam, mas não se intimidava diante delas, procurava elaborá-las intuitivamente.

Uma mente reflexiva é aberta ao debate interior. Maria devia se perguntar: Por que sou favorecida? O que tenho de especial? Por que o Deus Altíssimo está comigo? Quem é esse ser estranho que apareceu subitamente em meus aposentos?

O debate interior determina o alcance das respostas, ainda que elas não sejam imediatas. Na relação com Jesus, Maria devia travar um debate constante dentro de si mesma.

Como reagir nessa situação? O que dizer? Como dizer? Qual o significado das reações do meu filho? Maria não podia ficar na superfície da inteligência, não podia ser impulsiva ou receptora passiva.

Maria não podia ser apenas obediente, calma, gentil, precisava ser intuitiva, pensar com maestria, pensar antes de reagir impulsivamente. Ela havia dado à luz num estábulo, um lugar

inadequado para receber qualquer recém-nascido ou qualquer visitante. Mas lá chegaram os magos do Oriente para visitá-lo.

Muitas pessoas humildes, ao receber uma pessoa “ilustre”, ficam constrangidas, desculpando-se, dizendo “nossa casa é pobre”, “desculpe não podermos recebê-lo melhor”. Não deveriam se desculpar, pois são tão importantes quanto o visitante. Nascem e morrem iguais.

Maria não procurou esconder seu filho nem se desculpou pelo ambiente impróprio, apenas recebeu os forasteiros. O bebê, deitado na manjedoura, foi exaltado pelos magos: “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens a quem Deus quer bem”¹⁰. Todos os que estavam presentes admiraram-se com as palavras proferidas, mas Maria foi além. Saiu do estado da admiração para a reflexão.

Os magos não eram judeus, não falaram paz entre os judeus, mas paz na terra entre os homens bem-amados. Maria pensava, debatia os fatos no silêncio da sua mente. Mas não compreendia os paradoxos que cercavam o seu filho.

Como pode um menino exaltado solenemente nascer numa cama de palha e ser aquecido pelo calor dos animais? Como pode alguém destinado a promover a paz entre os homens não ter lugar entre eles?

Sua reflexão nem sempre a levava aos vales das respostas, mas a transportava aos montes da intuição. Nesses montes ela treinava enxergar longe, ver com o coração. E, de fato, Maria precisava ver o que ninguém via para educar o menino, porque talvez ninguém tivesse habilidade para fazê-lo segundo os critérios do Autor da existência.

UMA GRANDE AVENTURA

Maria curtia seu filho a cada momento. Educá-lo era caminhar num terreno desconhecido. Ela ensinava e aprendia muito. Procurava sair do rol dos educadores comuns.

Jung afirmava que os aspectos não-rationais ou não-lineares da psique, os criativos e intuitivos, são meios que também expandem o conhecimento e o autoconhecimento. Maria esvaziava-se dos seus preconceitos para enxergar o menino como ele era e não como ela queria que ele fosse. A mãe descobria o filho e o filho descobria a mãe.

Tinha os livros de Moisés, os salmos e os ensinamentos de Salomão para usar na educação do menino Jesus, mas tudo indica que os fundamentos de sua educação foram baseados na sua capacidade de meditar. Cada situação era um novo momento, exigia uma nova luz.

Nesses mais de 20 anos de exercício da psiquiatria e psicoterapia descobri que não há prazer melhor do que descobrir o outro e contribuir com ele. É uma satisfação incomparavelmente maior do que a fama, do que viajar para muitos lugares ou possuir bens materiais.

Os pais que não aprendem com seus filhos, que os colocam no formato do seu manual de educação ou no corpo de regras que aprenderam com seus pais, cometem sérios erros. Tão sérios como determinados psicólogos e psiquiatras que colocam seus pacientes dentro da teoria que abraçam.

Cada paciente é um mundo único, uma história à parte. Devemos individualizá-lo, colocar a teoria dentro do paciente e não o paciente dentro da teoria. Caso contrário, daremos respostas prontas, sem conteúdo.

Os textos dizem que o menino Jesus respeitava seus pais, mas não era uma criança quieta, bem-comportada no sentido estrito da palavra, mas exploradora, ativa, que estava sempre atrás de novas experiências.

Se Maria fosse uma mãe proibitiva, controlaria seu comportamento, o que seria uma catástrofe para sua educação. Se fosse uma mãe permissiva, também prejudicaria na formação de sua personalidade.

Muitos pais erram porque são proibitivos ou permissivos. Não são intuitivos. Se Maria não soubesse se interiorizar e meditar, daria respostas impulsivas e agiria como qualquer fariseu ou educador de seu tempo.

A casa de Maria era uma escola viva. As emoções eram borbulhantes, as experiências, excitantes. Ao que parece, Maria não era regida pela lógica, ela dava respostas únicas em situações únicas.

Pais e professores que se interiorizam e agem intuitivamente surpreendem seus filhos e alunos, imprimem neles um comportamento inteligente e atraente como o de Maria.

Quando os jovens esperam uma bronca ou rejeição, educadores brilhantes perdoam e abraçam e dizem que apostam neles. Quando eles mesmos dão um fora, zombam das suas próprias tolices, são mestres bem-humorados.

EDUCANDO SEU FILHO PARA SER AUTOR DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

De todas as situações que Maria viveu, há uma que confirma sua exímia capacidade de refletir. Ela ocorreu num dos mais angustiantes climas de ansiedade.

Os pais do menino Jesus subiam anualmente a Jerusalém para comemorar a festa judaica da Páscoa. Quando ele estava com cerca de 12 anos, sua família mais uma vez foi para Jerusalém¹¹. Milhares de famílias faziam essa viagem e muitos jovens seguiam o trajeto. Entre eles vários colegas de Jesus da cidade de Nazaré.

No retorno, Maria e José perderam seu filho e passaram a procurá-lo ansiosamente. Passado um dia, nada. No segundo dia começaram a ficar desesperados. No terceiro dia certamente não conseguiram dormir.

Fico imaginando sobre o que Maria pensava nesse cálido momento de afastamento. Ela, incumbida de cuidar do menino Jesus, agora o perdera. Tivera a missão de educar o filho do Altíssimo, mas não conseguiu protegê-lo. Quantos pensamentos a atormentaram!

Talvez o trauma de quando ele quase foi assassinado com 2 anos de idade veio assombrá-la novamente. No terceiro dia, provavelmente estava tão tensa com o desaparecimento que deve ter tido sintomas psicossomáticos, dores de cabeça, taquicardia, fadiga excessiva, como qualquer mãe que ama e sente que está perdendo seu filho.

Foram a Jerusalém e, depois de algum tempo, o viram no templo não em situação desconfortável, mas assentado no meio dos doutores da lei, debatendo com eles. Os intelectuais de Israel estavam fascinados com o menino. Não sabiam sua identidade, mas perceberam que certamente ele seria grande.

Os pais interromperam a discussão e mostraram sua preocupação. Maria, ao invés de criticar drasticamente seu filho, elevar seu tom de voz e mostrar uma reação ansiosa e incontrolável, o que seria previsível e normal, apenas disse: “Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu estamos angustiados à tua procura”.

Havia aflição, mas não irracionalidade nas palavras de Maria. Havia dor e temor, mas não desespero incontrolável. Era uma mulher intuitiva.

Quando estou chateado com uma das minhas filhas e quero chamar a sua atenção, eu não falo “filha” ou “meu bem”, mas cito o seu nome com firmeza. Maria disse “filho”. É muito significativo. Sob o olhar da psicologia esta atitude revela que mesmo no topo do desespero havia serenidade e o carinho imperava. O afeto irrigava a casa de Maria.

Qual a resposta do menino Jesus? Ele não deu resposta, levou seus pais a pensarem com perguntas. Dezoito anos depois, ele estaria com 30 anos e começaria a revelar ao mundo sua missão. Ele usou os mesmos princípios que os utilizados com seus pais quando tinha 12 anos.

Intuitivo, não dava respostas prontas, sempre instigava as pessoas a pensarem. Quem estudar os Evangelhos à luz da psicologia ficará impressionado como Jesus era um mestre em perguntar.

Diante da aflição dos seus pais, Jesus arejou a inteligência deles. Fez duas perguntas que não vieram da educação de Maria, mas estavam ligadas ao seu papel como filho do Altíssimo. Perguntou-lhes: “Por que estão à minha procura? Não sabiam que me cumpria estar na casa de meu Pai?”.

Maria ficou atônita. Hoje o termo filho de Deus é comum e até banal. Naquela época nenhum judeu usava esse termo, pois essa era uma das mais graves heresias. A afirmação de Jesus de que ele

estava com seu Pai, afirmando que era o filho de Deus, foi um dos principais motivos que o levaram a ser rejeitado pelo judaísmo e entregue aos romanos. Dizer ser filho de Deus significava ser eterno como Deus, ser herdeiro do Autor da existência.

Não era sem razão que os judeus ficavam surpresos com esse termo. Eles faziam inúmeros sacrifícios diários para livrar-se dos seus pecados, e agora, alguém que cresceu em Nazaré, carpinteiro de profissão, diz ser o Filho do Altíssimo. Tudo se complicava mais ainda pelo fato de Jesus detestar o exibicionismo e ter apreço pelo anonimato.

Qual foi a reação de Maria diante da afirmação do menino Jesus? Nenhuma naquele momento. Maria e José não compreenderam o que o jovem Jesus lhes dizia. Em seguida desceram com ele para Nazaré.

Entretanto, Maria não se aquietou. Os textos dizem que “ela guardou todas essas palavras no coração”. Guardou-as como um tesouro, colocou-as no cofre do seu coração psíquico, para depois apreciá-las, observá-las, penetrar em seu conteúdo.

O MESTRE DA INTUIÇÃO

Maria não era impulsiva. Não reagia como a maioria das pessoas pelo pobre binômio da física: ação–reação. Como exímia observadora, ela dava atenção aos detalhes. Cada reação, cada atitude do menino Jesus era levada em alta conta. Não queria prejudicar sua formação, queria educá-lo da maneira mais livre e segura possível.

Nem sempre os educadores são assim. Muitos são impulsivos, acham que com reações imediatas conseguem ajudar seus filhos e alunos. Às vezes, cometem crassos erros.

Certa vez, um aluno não conseguiu pronunciar direito uma palavra. Irado, o professor pediu para ele repetir dez vezes a mesma palavra diante da classe.

O aluno errou continuamente a pronúncia. Quanto mais errava, mais a classe o debochava. Por fim, começou a chorar e saiu da classe. Arquivaram-se em poucos minutos “janelas *killer*” na sua memória, traumas que bloquearam para sempre sua inteligência. Nunca mais conseguiu ler qualquer coisa diante das pessoas, mesmo quando se tornou administrador de empresas.

Se há uma característica que deveria ser banida da cartilha dos educadores, ela se chama impulsividade. Nos primeiros trinta segundos de ansiedade cometemos os maiores erros de nossas vidas.

As palavras que nunca deveríamos falar e as atitudes que nunca deveríamos tomar são construídas nesse momento e sem pensar. Impulsivos, alguns pais corrigem ou punem seus filhos publicamente. Seus filhos erram “um tanto” e seus pais “dez tantos”. Jamais tal erro deve ser cometido. Mas, se for, os pais devem ter coragem de pedir desculpas aos filhos por sua indelicadeza.

Maria ouviu uma resposta que lhe fez sentir calafrios, pois poderia precipitar uma perseguição implacável contra o menino, mas se calou. Não o corrigiu publicamente. Ela via o invisível, era intuitiva e, por isso, desenvolveu uma das mais nobres características dos educadores: paciência.

Quem não tem paciência para educar pode estar preparado para trabalhar com máquinas, mas não com pessoas. Quem não desenvolve a intuição pode estar preparado para educar robôs, mas não seres humanos. Ter esperança nas frustrações e enxergar além dos horizontes das dificuldades são atributos a ser procurados por todos nós.

A maior educadora da História nos ensina outros princípios: *Leve seus filhos e alunos, desde a mais tenra infância, a desenvolver a intuição. Conduza-os com paciência a enxergar as situações tensas por vários ângulos, a pensar em outras possibilidades diante dos fatos e, principalmente, a desenvolver a habilidade de refletir.*

O pequeno Jesus, se quisesse fazer diferença na terra e cumprir a sua magna missão, deveria enxergar com os olhos do coração. Com 12 anos ele já enxergava mais que os doutores da lei.

Somente alguém que foi capaz de enxergar o que está nos bastidores do comportamento das pessoas pode nos dizer que vale a pena perdoar sempre. Somente alguém que enxergou mais que todas as escolas de diplomacia do mundo pode nos animar a sair do lugar-comum e amar aqueles que consideramos inimigos.

Em sua intuição, ele via um tesouro soterrado nas pessoas que o decepcionavam. Conseguia detectar qualidades em pessoas imorais. Analisava os pensamentos antes que fossem traduzidos por palavras. Descobria os sentimentos ocultos.

O mestre da intuição atingiu o topo da saúde psíquica e proclamou os preceitos mais nobres dos direitos humanos. Ele sempre via o invisível. E nós?

Painel III

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 A intuição é a capacidade de ver sob vários ângulos um mesmo fenômeno. Através da intuição podemos enxergar o invisível, entender mecanismos e prever situações.
- 2 Uma pessoa não intuitiva é unifocal, reage sempre da mesma maneira diante dos mesmos estímulos. Uma pessoa intuitiva é multifocal, reage de maneira surpreendente, compreende o que está nos bastidores.
- 3 A intuição alicerça o raciocínio esquemático, promove a inspiração, excita a dedução e a indução. A intuição estimula a criatividade do cientista, a inspiração do artista, a perspicácia do inteligente.
- 4 Educadores que só apontam erros e criticam comportamentos não estimulam os jovens a ver o invisível, a desenvolver a intuição, mas a ser servis.
- 5 Ensinar filhos e alunos a mergulhar no intrapsíquico e refletir nos focos de tensão é um dos princípios mais importantes para formar um ser humano completo.

CAPÍTULO 4

Maria educava seu filho para servir à sociedade e não para ser servido por ela



Muitos educadores preparam seus filhos e alunos para a sociedade os servir. Maria tinha uma meta superior. Educava seu filho para servir à sociedade, para irrigá-la, transformá-la.

Educadores respeitados preparam os jovens para andar na luz, Maria foi mais penetrante, sonhava que seu filho fosse luz. A diferença é grande e as conseqüências dessa trajetória educacional são muitas. Quem anda na luz precisa ser conduzido, quem é luz tem compromisso social, ajuda os outros a caminharem, areja a inteligência de terceiros.

Como podemos ter certeza de que Maria educou Jesus para ser luz? O sábio judeu Simeão, antes de comentar que o menino revelaria a contradição de muitos corações, disse que o menino seria luz para os gentios e glória para Israel¹².

As palavras de Simeão são poéticas e humanistas. Elas penetraram como um raio na psique de Maria, iluminando seu processo intuitivo e suas metas educacionais.

Refletindo sobre esses fenômenos, Maria compreendia cada vez mais algo deslumbrante: o projeto de Deus não era um projeto judeu, mas para toda a humanidade.

A partir daí, começou a educar seu filho para ser uma fonte de luz, não apenas para a sociedade local, nem só para Israel, mas para todos os povos, os gentios (pessoas de fora da nação judaica).

COMPROMISSO EM SER APAIXONADO PELA HUMANIDADE

O Deus incompreensível que está fora dos parâmetros físicos possui uma sublime afetividade. Cada pessoa luta por sua religião, batalha pela sua ideologia, combate pelo seu grupo político, mas Deus batalha pela humanidade e é apaixonado por ela. Essa é a grande mensagem que seguiu o menino de Nazaré até os últimos suspiros.

Pais e professores não devem educar os filhos para uma função messiânica, para salvar o mundo, mas o princípio estabelecido aqui é fundamental e saudável. Devem educá-los pelo menos para contribuir com a sociedade, para ajudá-la, protegê-la, preservá-la.

A educação mais inteligente é a que gera compromissos sociais, a mais insana é a que gera parasitas sociais. Por mais longa que seja nossa vida, ela é como respingos do tempo na perspectiva da eternidade; refletir sobre a temporalidade e a fragilidade da vida humana deveria nos dar um choque de lucidez intelectual e nos estimular a estabelecer metas humanísticas.

Se as crianças israelenses e palestinas fossem educadas para ser apaixonadas pela humanidade, elas se enxergariam como irmãos e não como inimigas. Um dia, o Oriente Médio se transformaria num jardim.

Se os americanos fossem treinados para perceber que somos uma única espécie, e que nessa brevíssima existência deveríamos cuidar dela com o máximo de afetividade, o mundo e o meio ambiente seriam outros.

Claro que entre americanos, europeus, israelenses, palestinos e outros povos há inúmeras pessoas com grandes compromissos sociais. Mas falo da educação básica e coletiva. As crianças raramente são educadas para ter compromisso com a espécie

humana, para amá-la ardentemente, independentemente da cultura, religião ou língua. Os princípios educacionais usados por Maria não são observados.

Temos educado nossos jovens para ser luz para si mesmos ou, no máximo, para seu fechado grupo social. Tal educação pode ser boa para manter nosso feudo, mas é um crime contra a humanidade.

Freud achava que havia um conflito entre os impulsos humanos e as regras da sociedade. Quando as regras sociais não controlam os instintos, surgem os comportamentos anti-sociais. Mas as regras sociais são impotentes para controlar os instintos humanos, principalmente nessa sociedade ansiosa e competitiva.

Estamos produzindo milhões de pessoas falsamente sociáveis. Num momento uma pessoa tem atos de gentileza, noutro, quando ameaçada ou pressionada, explode agressivamente. Precisamos de uma educação que gere prazer em servir, que gere deleite na solidariedade.

Tal aprendizado deve ser iniciado nos primeiros anos de vida. Devemos elogiar as crianças nos mínimos atos. Como, por exemplo, quando serve um copo com água a seus pais ou quando pega um objeto que caiu das mãos de um colega. Assim, estimulamos a formação de matrizes no inconsciente que produzirão o espetáculo social.

Precisamos romper a estrutura psicótica de querer que o mundo gire na órbita de nós mesmos. Precisamos respeitar as diferenças e permitir que cada pessoa construa a sua própria história, tenha sua própria órbita.

Se não concordarmos com alguém na área científica, política ou espiritual, devemos colocar sem medo e sem pressão nossas idéias e deixar que os outros as julguem e façam suas escolhas. Quem não dá o direito de os outros discordarem de suas idéias é intelectualmente infantil, ainda que seja um destacado intelectual.

Jesus era uma pessoa de convicções sólidas. Entretanto, excetuando sua crítica à hipocrisia religiosa que valorizava o exterior e negava o conteúdo, sempre demonstrou um respeito incondicional pelos outros.

Certa vez, os discípulos ficaram chocados com suas idéias. Vendo-os perturbados ele não teve dúvida, deu liberdade para eles partirem, o abandonarem.

Só alguém que tem um compromisso social altaneiro e maduro tem tal coragem. Só quem pensa primeiro nos outros pode não constrangê-los a segui-lo. Muitos querem a reverência, ele, o amor. Muitos querem anular os outros, ele, estruturá-los.

A INDIVIDUALIDADE E O INDIVIDUALISMO

Nos dias atuais muitos jovens perderam sua identidade. São massificados no seu jeito de andar, ser, reagir. Só fazem o que a turma faz, só vestem aquilo que os colegas aprovam. Falta-lhes individualidade, sobra-lhes individualismo.

A diferença entre a individualidade e o individualismo é gritante. A individualidade preserva o “eu”, alicerça a estrutura da personalidade, consolida nossa maneira de ser, pensar, enxergar o mundo e a nós mesmos. Desenvolvendo a individualidade, os jovens têm mais chances de ter compromisso com a sociedade.

O individualismo, por sua vez, é uma característica doentia da personalidade. Representa viver para si, procurar o sucesso somente para se satisfazer, explorar a sociedade sem dar quase nada em troca.

Os individualistas não são prestativos; pouco se importam se a sociedade vive uma comédia ou um drama. São egocêntricos, consideram-se donos da própria vida, não têm consciência de que dependem de inúmeras pessoas para manter sua sobrevivência – o lixeiro, o eletricista, a telefonista. Não entendem que tombam na solidão de um túmulo como qualquer mortal.

Já pensou se Jesus vivesse apenas para a sociedade da Galiléia? Já pensou se pensasse apenas em seu próprio conforto? A própria escolha do seu time de discípulos revela sua preocupação em mudar os ditames da sociedade. Quem ele chamou? Uma equipe de jovens intelectuais? Escolheu um grupo de pessoas isentas de conflitos psíquicos ou que viviam nos palácios judaicos?

Não! Chamou a pior estirpe de jovens da sua época. João, que é considerado o mais dócil, quando analisamos seu comportamento à

luz da psicologia ficamos atônitos. Ele era impulsivo, reativo e intolerante nos focos de tensão.

Tinha tão pouco compromisso social e afetividade que, apesar de ter acompanhado Jesus durante meses e ter contemplado sua generosidade, teve a coragem de propor assassinar sumariamente algumas pessoas ateando-lhes fogo somente porque não andavam com eles. Se o mais dócil agia assim, imagine o resto do time.

Quem era o melhor dos discípulos: o mais calmo, gentil, culto, dosado? Era Judas Iscariotes. O homem que o traiu. Isso indica que os discípulos que ele chamou não eram intuitivos, mas instintivos. Não sabiam se interiorizar, somente reagir. Não percebiam os sentimentos ocultos, mas eram ótimos para condenar.

Jesus queria que esses homens intransigentes também se tornassem luz para a sociedade. Almejava que vivessem não apenas para si, mas também para os outros. Utopia? Não! Coragem.

BRILHE A VOSSA LUZ DIANTE DOS HOMENS

Sua meta para com seus discípulos era tão elevada que, certa vez, disse: "Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que eles possam ver as vossas boas obras e glorifiquem a Deus"¹³.

Muitos religiosos só se preocupam com o que acontece "nos céus", todavia, no plano do Mestre dos mestres, seus seguidores jamais deveriam descuidar da sociedade.

Deveriam até mesmo brilhar diante dos homens, não pelos seus gestos celestiais, mas por suas boas obras, como ajudar um amigo, cuidar de crianças carentes, proteger e aliviar os que de alguma forma têm necessidades. Mas muitos são opacos.

Tal brilho não deveria ser resultado de ações individualistas para que eles fossem aplaudidos, mas ações altruístas para que o Autor da existência recebesse os aplausos.

Muitos fazem boas ações para serem vistos pelos homens. Eles despojam seus bens exteriormente, mas negam suas intenções escusas. Fazem tanto *marketing* das suas doações que constroem os ajudados a contraírem uma dívida impagável com eles, uma dívida de afeto, reconhecimento, agradecimento.

Esse tipo de ação, que objetiva o ganho secundário, era criticado por Jesus. Ele disse: "O que a sua mão esquerda faz a direita não deve saber"¹⁴. Reiteradas vezes afirmou que não se deve explorar a sociedade procurando prestígio para si mesmo.

O pacto social deveria ser desprendido de interesses. Sua ética era impressionante! Quem vive tal ética? Não somos educados com tal desprendimento. Somos egoístas até quando somos bondosos.

Jesus não queria discípulos individualistas, mas empreendedores, capazes de influenciar a sociedade não pelo poder, mas pela

solicitude, amabilidade, afabilidade, enfim, pelo compromisso social.
Que sensibilidade tinha esse homem!

COMPROMISSO EM ACABAR COM O VÍRUS DA INVEJA

As melhores empresas da atualidade, como, por exemplo, o Google, não estão procurando jovens com uma mente individualista, mas que tenham compromisso social. Elas estão incluindo no processo seletivo profissionais que atuam em ONGs (Organizações Não Governamentais), instituições sociais ou ações humanitárias.

O procedimento dessas empresas está corretíssimo. Um profissional que não sabe se doar para a sociedade não saberá se doar para seus clientes. Uma pessoa que só pensa em si mesma não terá grande compromisso com a empresa, não terá uma visão coletiva.

Não basta ter diploma universitário, nem fazer pós-graduação ou defender uma tese, é preciso ser solícito, enxergar o todo, ter uma visão macro da sociedade.

Quem tem compromisso social ganha dinheiro com mais prazer e o usa com muito mais sentido. Vale a pena batalhar, crescer, expandir os negócios, ampliar horizontes, mas sempre carregar o paladar da individualidade e não do individualismo.

Os discípulos de Jesus precisavam se vacinar contra o vírus da inveja e do egocentrismo. Por quê? Porque os invejosos e os egocêntricos não sabem trabalhar em equipe, estimular a inteligência dos seus colegas e dividir responsabilidades.

A inveja surge no terreno dos iguais. Quando um professor, médico, cientista, político, colega de trabalho se destaca entre seus pares, o vírus da inveja eclode gerando um ciúme ilógico e, às vezes, destrutivo contra os que se sobressaíram.

Todos temos o vírus da inveja. Os que acreditam que não o possuem são os mais propensos a ser vítima dele. Um mal pagador

costuma ser um bom cobrador. Jesus sempre advertia contra a armadilha da inveja e da competição predatória.

Para vaciná-los, o Mestre dos mestres discursava sobre uma matemática incomum: quem divide, aumenta. Só quem tem o prazer de dividir o que tem de melhor consegue somar.

É uma matemática estranha, mas belíssima, e que está em sintonia com os padrões mais elevados da psicologia preventiva. É mais alegre e saudável quem entrega parte do seu tempo ao outro do que quem olha somente para seu umbigo.

Nas artérias da nossa psique pulsa o “sangue” do egocentrismo. Precisamos sempre estar em estado de alerta e usar toda a nossa criatividade para levar nossos jovens a se humanizar, cristalizar suas identidades e lutar contra todas as formas de individualismo.

COMPROMISSO COM A PAZ

Jesus certa vez disse: "Felizes os pacificadores porque eles serão chamados filhos de Deus"¹⁵. Não disse que os filhos de Deus são os que fazem orações o dia todo, os que têm atitudes angelicais, os que são isentos de falhas, mas os pacificadores. Suas palavras deixaram maravilhada a multidão que o ouvia.

O ser humano belicoso, o que fomenta intrigas, promove guerras, arma futricas, torce para o circo pegar fogo, coloca combustível nos atritos sociais, pode ser chamado de filho de qualquer coisa, mas não de filho de Deus. Para ser chamado de filho de Deus a condição básica e essencial é ter o compromisso social de pacificar.

Felizes são os pacificadores, os que aplacam a ira, os que mostram o outro lado e abrandam os ânimos. Felizes são os que procuram vidas dilaceradas, corações partidos, almas feridas para, de algum modo, aliviá-las. Felizes os que resolvem contendas, promovem a união, abraçam, choram junto e apóiam quando todo mundo saiu de cena. Esses ganham o *status* de ser chamados filhos do Autor da existência.

O menino Jesus cresceu com uma consciência social espantosa. De fato, ele se tornou luz numa noite escura. É uma pena que muitos estejam com vendas nos olhos e não enxerguem seu brilho.

Há alguns anos passei por uma dificuldade. Apesar de cuidadoso, sofri uma injustiça. Alguns dos meus familiares, por gostarem de mim, não conversavam mais com a pessoa que de certa forma me ofendeu.

Mas eu não consigo reagir desse modo. Enviei um cartão de final de ano dizendo que o valorizava e desejando que no ano seguinte ele escrevesse os mais excelentes textos da sua história em seus

momentos mais difíceis. Dias depois fui cumprimentá-lo, abraçá-lo, estender minha mão.

Por que reagi assim? Por que sou tolo? Não! Para mim a vida é tão breve que não vale a pena reservar espaço para as mágoas. Aprendi, pelo menos um pouco, a ver o outro lado. As atitudes que tomei pacificaram os ânimos. O problema ficou pequeníssimo. A pessoa me abraçou e seus olhos se encheram de lágrimas. Foi um momento de raro prazer.

Já tratei de vários psicólogos ilustres, mas que foram profundamente afetados por críticas e ofensas. Conseguiram ajudar seus pacientes a escalar os penhascos dos seus conflitos, mas tinham medo de escalar os seus. Eram lúcidos para levar seus pacientes a superar suas mazelas sociais, mas remoíam por meses e anos seus atritos interpessoais.

Gostamos de medir as pessoas. Somos implacáveis com os outros, mas relaxados com nós mesmos. Nossos erros estão nas nossas costas. Não os enxergamos ou os escondemos.

Só somos tolerantes com os outros quando deixamos de ser deuses e nos tornamos apenas seres humanos com falhas e contradições.

COMPROMISSO DE AMAR O PRÓXIMO

De todos os compromissos sociais de Jesus, o do amor é o mais solene. Seu discurso sobre o amor não tem precedentes na História. Ninguém falou palavras semelhantes. Ele difundiu amplamente: “Amai o próximo como a ti mesmo”.

Se Jesus só tivesse dito esta frase, seria suficiente para mostrar que sua inteligência cumpre os preceitos mais nobres dos direitos humanos, da tolerância entre os povos e do prazer existencial.

Ao analisar a dimensão dessa frase, fico estarelecido. Ela embute a necessidade vital de construir a auto-estima para amar. Em primeiro lugar, devemos ter em alta conta nossa própria vida, independentemente dos nossos erros e das dificuldades da existência. Em segundo lugar, devemos amar o próximo, mas as pessoas fazem o contrário.

Mas quem tem um caso de amor com a própria vida na atualidade? Quem tem uma auto-estima sólida numa sociedade que fomenta a ditadura da beleza? Não poucos têm uma auto-estima próxima de zero. Muitos querem trocar de corpo. Suas vidas não são um show lírico, mas um espetáculo de terror.

O modo adequado de amar é começar a valorizar a vida, considerá-la, enxergá-la, descobri-la. Para Jesus, a vida era a obra-prima do seu Pai. Quem não aprendesse a valorizá-la, poderia afundar nos pântanos da decepção.

De fato, alguns amam seu namorado ou namorada, ou cônjuge, acima de si mesmos. Quando são abandonados, eles também se auto-abandonam. Financiam seu prazer pela cabeça do outro.

Somente alguém que ama a si mesmo de maneira saudável pode amar os outros de forma saudável. Quem é mal resolvido não

tratará os outros com afeto. Quem se pune dificilmente poupará os outros.

É espantoso que, no século XXI, as sociedades modernas estejam vivendo no deserto da auto-estima. As pessoas estão cada vez mais insatisfeitas. Quanto mais insatisfeitas, mais consomem, pois projetam no consumo das necessidades não necessárias sua angústia. Quem gasta compulsivamente tem uma relação miserável consigo mesmo.

Morin assinala o desastre psíquico e social quando o conceito de cidadão é transmutado para o de consumidor. O ser humano se torna um ser solitário e infeliz. Torna-se um miserável que procura gotas de prazer na indústria do lazer, mas que nunca é saciado.

O compromisso de amar a vida e amar o próximo é acima de tudo um compromisso com a saúde psíquica. Quem não ama a si mesmo não tem saúde emocional, quem não ama o próximo não tem saúde social.

Quem ama suas conquistas, os seus bens e a sua imagem social acima do seu ser, um dia, quando sofrer perdas, não será gentil consigo mesmo. Quem se ama com um amor instável será flutuante na relação com os outros. Num momento será afetivo, noutro, isolado, e ainda em outro, agressivo. Seu afeto será desconexo.

Só se pode amar quem se conhece. Quem não se conhece não se ama profundamente. E quem não se ama não consegue amar o outro. Maria amou profundamente seu filho. Ela, dia a dia, conheceu as áreas mais íntimas de sua personalidade.

Jesus, com freqüência, fazia rodas de diálogo com seus discípulos e, pouco a pouco, eles passaram a se conhecer. Uma esfera de amor solene os envolvia.

Painel IV

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 A educação mais nobre é a que gera compromissos sociais, a mais insana é a que gera predadores sociais.
- 2 O individualismo representa viver “para si”, explorar a sociedade sem dar quase nada em troca. A individualidade representa viver “em si”, preservar a identidade, a consciência sobre si mesmo e sobre o mundo exterior. O individualismo dilacera a sociedade, a individualidade mantém sua unidade.
- 3 A inveja surge no terreno dos iguais. Quando alguém se destaca entre seus pares, o vírus da inveja eclode. Os que acreditam que não possuem o vírus da inveja são os mais propensos a ser vítima dele.
- 4 Amar o próximo como a si mesmo é um apelo fundamental à saúde psíquica: quem não ama a si mesmo não tem saúde emocional, quem não ama o próximo não tem saúde social.
- 5 Felizes são os que procuram vidas dilaceradas, corações partidos, almas feridas para, de algum modo, aliviá-los. O prazer de contribuir com o outro é um dos mais finos paladares da existência.

CAPÍTULO 5

Maria tinha uma espiritualidade inteligente,
transformava informações em sabedoria



O SONHO DE LUCAS

Havia um médico grego, culto, dotado de uma mente científica. Ele conhecia os filósofos gregos, leu Hipócrates, Platão, Sócrates e muitos outros. Sua mente era aberta, seu pensar, livre. Nada o convencia sem passar pelo crivo da sua inteligência. Seu nome: Lucas.

Mas alguém passou por sua vida e causou um vendaval. Não o conheceu fisicamente, não viu seus feitos, não ouviu suas palavras, mas tudo que lhe transmitiram oralmente sobre ele revirou seu mundo, roubou a cena, mudou seu norte. Seu nome: Jesus.

Lucas provavelmente teve acesso aos escritos de Marcos sobre a biografia de Jesus, mas o Evangelho de Marcos não era tão detalhista. Como homem das letras e conhecimento investigativo, o médico grego teve um forte desejo de dar a sua contribuição à História.

Resolveu fazer um levantamento minucioso das idéias e reações de Jesus. Não era um relato biográfico no sentido estrito do termo, mas um estudo pautado pela ordem e pela fidelidade.

No prólogo de seu Evangelho, ressalta sua pesquisa. Expõe seu levantamento acurado de dados, sua incansável procura por detalhes. Queria fugir da especulação, escapar do achismo religioso e produzir um texto único sobre uma pessoa concreta. Esse era seu sonho.

Como realizar essa complexa pesquisa? Lucas procurou testemunhas oculares, fatos objetivos, relatos indubitáveis para que pudesse organizá-los para escrever um livro com alta credibilidade, capaz de convencer seus leitores. Com esse propósito Lucas apareceu em Jerusalém.

Após várias entrevistas e diversas anotações, ele desejou ir mais longe. Precisava encontrar Maria. Será que a encontraria? Será que estaria viva?

O ENCONTRO DE LUCAS COM MARIA

Depois de uma longa caminhada, Lucas conseguiu encontrar a mulher mais enaltecida da humanidade. Por que creio que Maria foi entrevistada diretamente por Lucas? Por causa das evidências psicológicas.

Quem sabia quais tinham sido as palavras de exultação que Isabel proferiu quando elas se encontravam grávidas? Somente Maria e Isabel. Mas Isabel era uma mulher bem madura quando concebeu. Provavelmente já havia falecido no ano de 60 d.C., que é a data historicamente aceitável de Lucas ter escrito seu Evangelho. Mais de meio século havia se passado desde o nascimento de Jesus.

Na época da entrevista com Lucas, Maria tinha uma idade avançada. Mas era muito jovem quando anotou as palavras de Isabel e o cântico de Zacarias, o pai de João Batista, pois estava presente em seu nascimento.

Quem sabia o conteúdo do cântico de Simeão? Apenas José e Maria. Mas veremos neste capítulo que Maria era provavelmente mais letrada. Quem sabia que Maria refletia diante de cada fenômeno que não compreendia? Somente Maria.

A julgar por todos esses dados, tenho a impressão de que Maria não apenas era uma boa oradora, mas uma excelente redatora. Ela anotou com zelo essas informações e as guardou como um diamante, esperando que um dia alguém fosse digno de conhecê-las.

Quando Lucas chegou à casa de Maria, nada indicava que ali habitava a escolhida do Altíssimo para dar à luz e educar um menino que reescreveria a história da humanidade.

Apoiada num cajado, Maria apareceu. É possível imaginar a cena. Seu semblante era dócil, seus passos, lentos, mas ativos. Os cabelos longos com mechas esbranquiçadas e as cicatrizes no rosto denunciavam as marcas do tempo, mas sua face tranqüila revelava que o tempo que feriu seu corpo embriagou sua mente de ternura.

Foi um momento de rara emoção. Doutor Lucas ouviu muito, mas escreveu o que Maria lhe pediu que anotasse, em especial os poemas que exaltavam seu filho e algumas de suas fascinantes parábolas. Maria lia suas longas anotações. O médico grego estava encantado. A lucidez dessa mulher era penetrante, sua memória, viva.

Mateus e Lucas relatam algumas informações sobre a concepção e a infância de Jesus. Mas o relato de Mateus é restrito, distante, sem um toque pessoal. Provavelmente não veio de entrevista direta com Maria. Mateus descreve a concepção de Jesus a partir do conflito de José.

Lucas descreve a concepção a partir do choque, das tensões e da fé inabalável de Maria. É muito mais rico em detalhes. Somente Lucas descreve a conversa do mensageiro de Deus com Maria.

BENDITA ENTRE AS MULHERES

Maria contou a Lucas o encontro vibrante que teve com Isabel nas regiões montanhosas da Judéia. Disse que fez uma longa caminhada numa região inóspita e desnivelada. Seu corpo estava fatigado, sua mente, estressada.

Entretanto, algo a reanimou. Logo que Isabel a viu, disse a célebre frase de saudação “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”¹⁶.

Isabel era bem mais velha, mas reconheceu a grandeza da jovem Maria. Exaltou o menino que estava se formando em seu útero, como um fruto excelente que alimentaria uma humanidade faminta de sabedoria.

Ao ouvir as palavras de Isabel, Maria suspirou e recobrou as forças. Num momento de rara luz, abriu-se imediatamente à sua inteligência e proferiu um belíssimo poema. Um poema que fluiu espontaneamente do tecido mais íntimo da sua psique.

Tal poema ficou conhecido na História como *Magnificat* por causa da primeira palavra de tradução latina de exaltação ao Autor da existência.

Devemos estar cômicos de que o *Magnificat* de Maria não foi uma produção sobre-humana, miraculosa, mas uma construção que procedia do seu intelecto. Alguém que ama economia não tarda muito a discorrer sobre investimentos. Quem ama as artes, basta uma oportunidade para falar de escultura, teatro, cinema. Maria discorreu sobre o que lhe era próprio – aquilo que respirava e vivia diariamente. É fascinante analisar seu poema sob o olhar da psicologia e da filosofia. Há beleza em suas idéias. Elas revelam muito mais do que informações desconectadas. Revelam

informações que foram transformadas em conhecimento, e conhecimento em sabedoria.

Maria ainda era uma adolescente. Faltava-lhe experiência de vida, mas seu poema revela o caminho pelo qual estava construindo a sua história e atuaria como a mais excelente educadora.

O *Magnificat* discute pelo menos quatro grandes temas: a) o relacionamento estreito de Maria com Deus; b) uma síntese do Antigo Testamento com mais de quinze citações; c) sua visão crítica sobre as relações sociais; d) seu entendimento sobre os fenômenos psíquicos.

A inteligência de Maria era incomum. Como pesquisador da inteligência, concluí que o *Magnificat* revela muito mais que uma jovem dócil e serena, revela uma genialidade.

Ninguém conseguiria produzir um poema de uma complexidade intelectual e existencial tão grande como o *Magnificat* e, ainda mais, de improviso e fatigada, se não fosse sobredotada. Esta frase pode surpreender o mundo religioso: Maria tinha intelecto de um gênio.

O *MAGNIFICAT*

Há várias traduções do *Magnificat* escrito no Evangelho de Lucas. Nas traduções que conheço, embora haja variações textuais, elas não divergem no pensamento central. A seguir citarei o *Magnificat*, como uma composição de algumas traduções¹⁷.

*A minha alma engrandece ao Senhor
E o meu espírito exulta em Deus, meu salvador
Porque Ele pôs os olhos sobre sua humilde serva.
Sim, doravante todas as gerações me considerarão bem-aventurada
Porque o Todo-Poderoso me fez grandes coisas: santo é Seu Nome.
A Sua bondade se estende de geração em geração sobre os que O temem.
Ele interveio com toda a força do seu braço;
Dispersou os homens de pensamentos orgulhosos;
Precipitou os poderosos do seu trono e exaltou os humildes;
Cobriu os famintos de bens e despediu os ricos de mãos vazias.
Veio em socorro de Israel, seu servo lembrando de sua bondade,
Como dissera a nossos pais, em favor de Abraão e sua descendência, para sempre.*

O *MAGNIFICAT* REVELA A GENIALIDADE DA JOVEM MARIA

Maria cresceu numa nação em conflito, onde a miséria fazia parte do traçado existencial das pessoas. Sem espoliar as nações dominadas, a máquina de Roma não sobreviveria. Do pouco que se colhia nos campos de Israel, Roma tinha seu quinhão. Mendigos se espalhavam pela Judéia e pela Galiléia. Para controlar as revoltas, a força do império era onipresente. Todo motim era sufocado com prisões e mortes.

Havia escassez de tranqüilidade para estimular os jovens a desenvolver a solidariedade, o altruísmo, a generosidade. Onde a competição social é acirrada, poucos se animam a desenvolver a sabedoria para nutrir a inteligência. Nos tempos atuais não tem sido diferente.

Não exija que as pessoas que lutam arduamente para ter um lugar ao sol nas sociedades competitivas tenham ardente disposição para repousar à sombra da sabedoria. Toda vez que a vida está em risco, sobreviver sobrepuja a sede de saber.

Era de esperar que muitos jovens judeus da época de Maria não tivessem ânimo para se dedicar aos grandes ideais. Sobravam individualismo e ansiedade pela sobrevivência e faltavam idealismo e sonho de inclusão social. Mas Deus encontrou uma jovem com uma consciência social, intelectualidade e espiritualidade notáveis.

Como analisaremos ao longo do texto, em seu poema Maria exaltou os valores psíquicos e a justiça social. Reconheceu as limitações da existência, inclusive da sua. Criticou a necessidade neurótica de estar sempre com a razão, que bloqueia a mente humana, e a necessidade neurótica de poder, que corrói a sociedade.

MÃE E FILHO DEBATIAM TEXTOS

Maria sabia ler e provavelmente lia muito, em especial a *Torá* (os livros de Moisés) e o *Livro de Salmos*. Ao lado das sinagogas sempre havia uma escola onde os escribas ensinavam. Deve ter freqüentado essa escola e, a julgar pelo *Magnificat*, devia ter uma excelente capacidade de memorização, síntese e organização de idéias.

Suas qualidades intelectuais eram tão exuberantes que provavelmente ensinou o próprio filho a ler e a escrever. Transmitia seu modo particular de ler e interpretar os textos.

Os fariseus e escribas liam as Escrituras e armazenavam informações, Maria lia os mesmos textos e adquiria sabedoria. As informações transformavam os fariseus em deuses do conhecimento, a sabedoria transformava Maria num ser humano humilde. Todo esse processo influenciou seu filho e o fez crescer de um modo particular.

Maria amava compreender, debater e assimilar os textos que lia. Sem tal característica, ela não poderia ter uma mente brilhante, não poderia ter produzido seu complexo poema. Milhões de pessoas que a valorizam não prestam atenção nessa característica.

Maria deve ter feito inúmeras reuniões com o menino Jesus em que debatia textos das Escrituras. A frase de Jesus “Não sabiam que me cumpria estar na casa de meu Pai?”, dirigida à sua mãe, quando ela estava inquieta por tê-lo perdido aos 12 anos, indica que ele estava querendo trazer à memória da sua mãe textos que eles liam.

Ele não respondeu à pergunta dela, rememorou conversas secretas que ninguém entendeu. A mãe arejava a mente do filho e o filho oxigenava a mente da mãe. Maria e o menino Jesus discorriam

sobre diversas passagens do Velho Testamento, não com uma reverência cega, mas inteligente.

Faziam um passeio intelectual. Quando adulto, Jesus deu uma interpretação totalmente nova e até revolucionária a velhas e conhecidas passagens, chocando os doutores da lei.

Certa vez, ao ser interpelado pelos saduceus, que eram uma das castas da elite judaica, que afirmavam que a vida eterna era uma utopia alucinatória, Jesus citou uma passagem extremamente comum: “Deus é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”. E interpretou-a: Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos. Os saduceus conheciam e respeitavam essa passagem, mas nunca a interpretaram deste modo.

O profeta Samuel, quando pequeno, foi educado pelo sumo sacerdote Eli¹⁸, um famoso líder religioso, um expoente da teologia da época, o introdutor do rei Davi. Com Jesus, Deus mudou o método.

Escolheu a dedo uma anônima adolescente, sem conhecimento teológico, mas com grande experiência em debater idéias e penetrar nos sentimentos ocultos das palavras. Deus escolheu uma jovem inteligente, intuitiva, intrépida, serena, sensível e principalmente livre de preconceitos religiosos.

O resultado? Não poderia ser mais excepcional.

O MENINO CRESCIA EM SABEDORIA

Doutor Lucas destaca em seu Evangelho por duas vezes que o menino Jesus crescia de um modo diferente de todas as outras crianças: ele crescia não apenas em estatura, mas em sabedoria¹⁹.

O menino cresceu sem privilégios sociais, mas com grandes privilégios intelectuais. Não se sentou nos bancos de uma escola clássica, mas fez reuniões fantásticas com sua mãe na escola da existência.

Na adolescência tinha de carregar pesadas toras. Suas mãos eram calejadas por lapidar madeira e golpear os cravos com os martelos. Trabalhou com as mesmas ferramentas que um dia o destruiriam. Mas isso não o traumatizou.

Pela avalanche de estímulos estressantes que teceram a sua história, o menino Jesus deveria ter desenvolvido uma personalidade retraída, insegura e sem vocação social.

Na vida adulta rompeu seu isolamento e declarou uma sociabilidade espantosa. Era um homem agradável, amigável, de fácil contato. Transitava em todos os ambientes. Com os intelectuais, jantava, com os simples, fazia festas.

Apesar de ter nascido numa manjedoura, ser quase assassinado na infância, ser fugitivo em terra estranha, ter um trabalho pesado na vida adulta, não demonstrou rigidez, extremismo ou inflexibilidade. Ao contrário, de seus lábios exalou uma brandura capaz de abalar os pilares da sociologia. Não foi assim quando nos pediu que, ao ser ferido, déssemos a outra face?

Até hoje suas palavras geram escândalos e raramente são cumpridas ou entendidas. Para Jesus dar a outra face não era sinal de fragilidade e submissão, mas de liberdade. Só as pessoas livres

e fortes podem valorizar quem as ofende e apostar em quem as decepciona.

Para ele, só os fortes são capazes de não ter inimigos. Jesus foi tão longe na defesa dos direitos humanos que propôs uma “lei áurea”: “Não façam aos outros o que não querem que façam a vocês”²⁰. Ele não apenas foi um incendiário da fé, mas um promotor dos patamares mais altos da finura intelectual.

Jesus regia uma orquestra social cujas melodias falavam de um novo tempo, uma nova humanidade, em que a discriminação seria esfacelada, os pequenos, exaltados, e a capacidade de se doar seria um recital interminável e sublime.

Suas idéias não apenas mexeram com a essência da espiritualidade, mas também com a estrutura social e alguns importantes pilares da ciência moderna. Tranqüilidade é uma coisa rara nos dias atuais. Muitos adquirem títulos acadêmicos, *status* social e sucesso financeiro, mas são ansiosos e mal resolvidos.

Apesar de ter vivido na terra das pressões sociais, proclamou, aos quatro ventos, que as pessoas aprendessem com ele o caminho da mansidão, da tranqüilidade.

No auge da sua fama, quando não necessitava provar mais nada para ninguém, teve a audácia de curvar-se humildemente diante dos galileus que o seguiam e que lhe davam dor de cabeça constantemente e lavar seus pés. Poucos minutos foram suficientes para vaciná-los contra a competição predatória, o orgulho insano, a luta psicótica pelo poder.

Como artesão da inteligência, transformou pessoas incultas e radicais na mais fina estirpe de pensadores solidários. Detestava o estrelismo. Era especialista em se fazer pequeno e mestre em tornar os pequenos grandes.

Livre, exerceu encanto; preso, fascínio. Pilatos ficou estupefato com seu comportamento nobre. O carrasco sentiu-se inseguro

diante do silêncio e da dignidade do réu.

Foi esse homem que revolucionou o mundo. E foi esse homem que uma mulher especial recebeu em seu útero e teve a incumbência de ensinar os primeiros passos da humanidade.

O *Magnificat* de Maria é uma síntese magnífica do comportamento de Jesus quando adulto. Do menino que cresceu e se tornou simplesmente o Mestre dos mestres, aquele que veio mostrar a generosidade de Deus, dispersar os pensamentos soberbos, encher de bens os que têm sede e fome de sabedoria.

UMA ESPIRITUALIDADE INTELIGENTE

Os psiquiatras e psicólogos analisam comportamentos e os interpretam, mas nunca penetram no centro da psique. Entretanto, para Maria, Deus penetra no impenetrável, sonda o palco da mente humana e avalia diretamente os pensamentos em sua essência, avalia-os e julga-os. Por isso, segundo seu cântico: “Deus dispersa os homens de pensamentos orgulhosos”.

Para a jovem mãe do menino Jesus, Deus não era uma alucinação da sua mente ou um produto hipotético do judaísmo, mas era tão concreto como seu próprio ser. Ela usa em seu poema a anatomia humana para dar concretude a seu Deus. Declara que Deus intervém “com toda a força de seu braço”. Ela está convicta de que Deus não é alienado ao sofrimento humano. Ele ouve, vê e atua com seu “braço”.

Segundo seu pensamento, Deus ouve os gemidos inexprimíveis dos humilhados e os temores cálidos dos angustiados. A consciência social de Maria é impressionante. Para ela, tais pessoas serão exaltadas em tempos oportunos, enquanto os “poderosos serão derrubados do seu trono”. Os que pisam e oprimem perderão seu domínio, não se sustentarão.

Maria é cônica das injustiças humanas, mas não instiga a violência, não encoraja o ser humano a fazer justiça com as próprias mãos. Ela entrega essa tarefa a Deus. A mulher que iria educar o filho que se tornaria uma fonte de luz para os povos não podia ter uma espiritualidade dogmática, radical, rígida, sectária.

Todos esses pontos do *Magnificat* indicam que a espiritualidade da mãe do menino Jesus era diferente da religiosidade da época, inclusive das gerações futuras. Muitos querem ter uma

espiritualidade obediente, Maria tinha sonhos mais altos, queria uma espiritualidade inteligente.

Um dos pontos altos da espiritualidade de Maria era o respeito pelas diferenças. Vejamos.

EXALTANDO O SER HUMANO DE DENTRO PARA FORA

No outono de 2006 fui convidado para dar uma conferência numa universidade dos Estados Unidos sobre a Resolução 181 da Organização das Nações Unidas (ONU). Esta resolução trata justamente da intolerância e da discriminação.

Havia representantes de quarenta países, em sua maioria promotores e juízes. Eu era o único psiquiatra. Infelizmente, concluímos que, apesar de estarmos em pleno terceiro milênio, o câncer da discriminação religiosa, racial, sexual, cultural, ideológica não dá sinais de arrefecer. Ao contrário, está em expansão.

Maria viveu a Resolução 181 da ONU quase dois milênios antes de essa instituição existir. Tolerância e generosidade eram suas marcas. A grande maioria da população mundial segue uma religião e defende seu pensamento. Maria defende em primeiro lugar, em seu *Magnificat*, o ser humano, e não o judaísmo. Em especial, os humildes, independentemente de raça, cor, credo, cultura.

Maria não disse que os judeus serão exaltados, menos ainda os futuros cristãos, mas os humildes. O que é ser humilde? Humildade não é sinônimo de miserabilidade ou pobreza, mas um estado de espírito aberto, um estado intelectual apto para aprender sempre.

É possível encontrar humildade num milionário e arrogância num miserável maltrapilho. Os humildes serão exaltados; aqueles que, independentemente de sua religião, chegam diante de Deus e confessam saber tão pouco sobre Ele descobrem um tesouro. Os que são aptos para abraçar os diferentes serão engrandecidos, mas os que se colocam acima dos outros serão envergonhados.

É muito fácil banir a humildade do dicionário da mente humana, achando que armazenar milhares de informações na memória é suficiente para entender a existência. Qualquer quantidade de

dados que alguém possa ter, seja no campo científico, filosófico ou espiritual, são gotas ínfimas diante do infindável oceano do saber. Se entendemos tão pouco a vida, imagine sobre seu Autor.

Muitos que se acharam especialistas em Deus mataram, excluíram, arruinaram vidas, silenciaram vozes. Construíram um deus no teatro da sua mente para excluir seus semelhantes. Um deus da dimensão do seu egoísmo, do tamanho das suas verdades dogmáticas.

Para Maria, “Deus veio em socorro de Israel”. Israel em hebraico quer dizer “príncipe de Deus que pertence à descendência de Abraão”. Essa descendência envolve os que são chamados a crer no Deus invisível, portanto, extrapola o povo judeu, atinge toda a humanidade.

Tal abrangência está em sintonia fina com a visão dos magos que foram homenagear o menino na manjedoura. Eles declaram paz entre os homens. Também está em harmonia com o pensamento de Simeão, que disse que o menino iluminaria todos os povos, de todas as raças e culturas.

Os ignorantes olham para baixo e acham que o mundo é do tamanho dos seus passos, os sábios olham para cima e vêem o mundo sem dimensão. Os ignorantes olham para a sua tese, a sua cultura, as suas verdades e acham que são superiores aos outros, os sábios olham por cima do horizonte do seu conhecimento e percebem que sabem tão pouco.

Maria olhava cada vez mais para o alto. O seu *Magnificat* era o retrato vivo de uma pessoa humilde e inteligente que enxergava algo além da nação judaica e da tradição dos seus pais.

Pais que têm uma espiritualidade preconceituosa e radical, que defendem acima de tudo suas verdades absolutas, podem comprometer o desenvolvimento de uma personalidade saudável e altruísta de seus filhos.

O menino que cresceu aos seus pés se tornaria um homem universal e se entregaria como sacrifício para a humanidade. Este menino complexo e admirável, chamado de “Conselheiro Maravilhoso, filho do Deus forte, Príncipe de Paz”²¹, tinha de ter uma mãe humana com uma espiritualidade inteligente, tolerante e flexível, capaz de amar e respeitar as pessoas das mais diferentes culturas.

UMA ESPIRITUALIDADE REGADA A PRAZER

De todos os segredos da personalidade de Maria, que devem ter encantado o Deus Todo-Poderoso para que ela educasse o menino Jesus, o mais espetacular é que sua espiritualidade não era apenas inteligente, mas regada a prazer.

Os pensamentos no corpo do texto do *Magnificat* revelam a inteligência de Maria, mas as duas primeiras frases revelam uma maneira de se relacionar com Deus completamente diferente da religiosidade humana, não apenas da época, mas de todos os tempos.

Maria disse: “A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito exulta em Deus”. Que religioso teria a coragem de dizer que sua mente engrandece a Deus?

Nossa mente, ao contrário, freqüentemente diminui Deus, pois o reduzimos ao tamanho dos nossos preconceitos, no cárcere de nossas verdades. Em nossas mentes passa um monte de tolices, idéias bizarras, pensamentos mórbidos, imaginações negativistas e perturbadoras.

O canal de comunicação de Maria com Deus não era fundamentado em rituais, palavras decoradas, sacrifícios programados, mas num diálogo aberto, singelo, sem barreiras. Nós diminuímos Deus no teatro da nossa mente, Maria teve a ousadia de dizer que O engrandecia, O exaltava, O condecorava.

Quem pode afirmar que Deus é sua fonte de prazer? Quem tem serenidade para dizer que Deus é o manancial mais excelente de alegria. Que fariseu poderia fazer essa afirmação? Que cristão da atualidade tem um relacionamento com Deus repleto de prazer?

Os pensamentos de Maria me deixam abismado. Eles indicam que Maria se comportava de forma diferente da dos fariseus e

escribas, enfim, dos mestres da lei. Para eles, Deus estava nos céus, num lugar inatingível; para Maria, Deus estava num lugar extremamente próximo, tão próximo que tocava seu espírito.

Eles faziam rituais e orações programadas, Maria era amiga de Deus. Antes de o Anjo aparecer e anunciar o nascimento do menino Jesus, Deus já tocava seu ser. Somente isso explica que o seu pensamento não apenas exaltava Deus em sua mente, mas seu espírito o exultava. Maria não servia a Deus, ela vivia Deus.

Não sei como Maria aprendeu esse relacionamento. Possivelmente nenhum religioso a ensinou. Talvez tenha aprendido intuitivamente. Provavelmente na sua infância ela conversasse sozinha com um Deus. Talvez tenha sido tachada de louca, insana, por tal comportamento. Mas o fato é que entre Deus e ela não havia barreiras, não havia separação.

Para Maria, Deus era muito mais do que a religião judaica. Deus era um oásis de alegria, um rio em que fluía satisfação. Ela estava em sintonia com a maneira como Jesus divulgava Deus para a humanidade.

Para Jesus, Deus não era um ser punitivo, mas generoso e acolhedor; Deus não era um acusador de erros, mas uma fonte inesgotável de perdão; Deus não era um carrasco distante do sofrimento humano, mas um pai compreensivo e afetivo capaz de chorar nossas lágrimas.

Ele anunciava eloqüentemente: “Quem tem sede venha a mim e beba”. Os homens queriam servir com temor o Deus que habitava os céus, uma dimensão muito distante de nós, mas Jesus discursava sobre um Deus que estava infinitamente próximo, que visitou a humanidade como manancial de prazer.

Maria foi escolhida porque, antes de Jesus anunciar esse Deus, de algum modo ela O tocou de maneira única.

Painel V

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 É possível encontrar humildade num milionário e arrogância num miserável maltrapilho. Os humildes abraçam os diferentes, os infectados com a soberba se colocam acima dos outros.
- 2 Qualquer quantidade de informações que possamos ter, seja no campo científico, filosófico ou espiritual, é uma gota ínfima diante do infindável oceano do saber. Só não enxerga sua pequenez os que nunca transformaram informações em experiências.
- 3 Muitos construíram um deus à sua imagem e semelhança no teatro da sua mente para excluir seus pares, silenciar vozes, arruinar vidas. Um deus da dimensão do seu egoísmo, do tamanho das suas verdades dogmáticas.
- 4 Muitos querem ter uma espiritualidade obediente, Maria tinha sonhos mais altos, queria uma espiritualidade inteligente.
- 5 Jesus foi provavelmente o primeiro ser humano sem fronteiras, um ser humano universal, que abraçou os diferentes, correu riscos por pessoas que viviam à margem na sociedade. Ele se apaixonou dramaticamente pela humanidade.

CAPÍTULO 6

Maria estimulava a proteção da emoção



Respeitados educadores ensinam os jovens a ter cuidado com seus objetos, não destruir seus materiais didáticos, não manchar suas roupas e a cuidar do seu corpo evitando acidentes e tendo higiene pessoal. Mas esquecem de ensiná-los a proteger o mais difícil espaço de ser humano, a sua emoção.

Quem não aprender a proteger sua emoção pode até conquistar o mundo, mas será sempre infeliz; pode ser aplaudido, mas será sempre opaco; pode comprar todo tipo de seguro, mas será sempre frágil.

Nós nos preocupamos com a violência social, com o índice de assassinatos, estupros, ataques terroristas, seqüestros, mas nos esquecemos de nos preocupar com a violência psíquica que facilmente podemos sofrer no terreno de nossas mentes.

Há pessoas cujas preocupações sociais estão assassinando seu encanto pela vida e ninguém percebe. Outras estão sendo violentadas pelos seus pensamentos pessimistas e ninguém ouve seu silencioso clamor. Há outras ainda que são tão desprotegidas emocionalmente que são torturadas pelas suas decepções. A vida é um show, mas sem proteção emocional ela pode ser um espetáculo de terror.

Vimos que a história de Maria foi um contrato de risco, um vale de armadilhas e acidentes. Precisamos retomar os acontecimentos que sabemos que ela vivenciou e nos perguntar: Maria sabia proteger sua emoção? Era importante que ela se protegesse para a educação do seu filho? Quais as conseqüências de uma educação que despreza o território da emoção?

Maria fez um belíssimo poema dias depois que concebeu. O *Magnificat* era seu norte, os trilhos pelos quais a sua vida transitaria. Se Maria não se protegesse emocionalmente, esses trilhos não a levariam muito longe. Os obstáculos do caminho bloqueariam sua intuição, consciência social, intrepidez, sensibilidade, enfim, as características mais belas que ela possuía e usou no seu processo educacional.

Maria, poderia ter se transformado numa pessoa mal-humorada, depressiva, pessimista, amedrontada, prejudicando a educação do menino Jesus, pois sua história teve atropelos incomuns. No entanto, ela teve de reagir de maneira incomum para preservar sua saúde mental e educar seu filho com o máximo de tranquilidade num ambiente turbulento.

SE MARIA NÃO SE PROTEGESSE, DESENVOLVERIA TRANSTORNOS PSÍQUICOS

Fico pensando o que Maria imaginava durante o processo de gravidez. Ela aceitou rapidamente conceber o filho de Deus. Mas quantas vezes tomamos atitudes que trazem grandes conseqüências, pelas quais pagamos um preço emocional caríssimo?

A responsabilidade da jovem Maria era grande. Até que aprendesse a usar sua intuição na educação do seu filho seus pensamentos devem tê-la perturbado: como educar esse menino? O que fazer quando ele chorar? Ele reagirá como uma criança comum? Poderei elevar a voz quando precisar? E, se ele não me obedecer, que atitude tomar? Se eu falhar, poderei prejudicar a formação da sua personalidade e conseqüentemente os planos de Deus? E se eu não conseguir?

Algumas mães desenvolvem depressão pós-parto não apenas por deficiências metabólicas e alterações hormonais, mas porque, algemadas por pensamentos que revelam baixa auto-estima, se sentem incapazes de cuidar de seus filhos, acreditam que eles são frágeis demais, que seu corpo nunca mais será o mesmo.

Como todo ser humano em situações estressantes, Maria devia pensar muitíssimo. Pensar com consciência crítica é excelente, pensar demais é um problema, gera um desgaste físico enorme, uma emoção ansiosa e irritadiça. O grande vilão da emoção é o excesso de pensamentos, principalmente os que antecipam o futuro.

O enigmático Mensageiro de Deus apareceu para Maria para dar-lhe as boas-novas. Mas, como vimos, depois ele sumiu. Ela teria de navegar sozinha num mar desconhecido.

É difícil falar sobre isso sem ter tido a oportunidade de conversar com ela. Mas, com minha experiência clínica, acredito que é quase

impossível ela não ter ficado angustiada em alguns momentos. O problema não é ser golpeado pela angústia, mas o que fazer com ela. A questão é sobreviver com dignidade, não machucando os outros, nem se autopunindo.

Normalmente, quando alguém passa por grandes tempestades e não sabe proteger sua emoção, arrasta todos ao seu redor. Seja por se negar a viver, seja por negar o direito de os outros viverem, ou, então, por projetar nas pessoas mais íntimas seus conflitos e golpeá-las com ansiedade, reações impulsivas. Raros são os que sofrem com maturidade.

Maria teria de sofrer com maturidade para educar com profundidade. A seu lado estava apenas seu marido. Ela concebeu sobrenaturalmente, mas nenhum ato sobrenatural a sustentaria ou protegeria sua emoção. Se não aprendesse a se proteger, desenvolveria transtornos psíquicos.

Seu filho faria espantosos milagres no corpo físico, mas não fez nenhum deles para evitar que fosse negado, traído, decepcionado, excluído de alguns círculos religiosos. Ele não veio apenas para conhecer os jardins humanos, mas também seus secos desertos.

PROTEGENDO A MENTE PARA NÃO SE DEPRIMIR

Como deve ter sido a conversa da concepção de Maria com José? Ele deve ter franzido a testa, coçado a cabeça, esfregado as mãos nos olhos, ter ficado confuso e inconsolado.

Maria repetia o que ouviu do Mensageiro, mas provavelmente ele não compreendia suas palavras. Que marido entenderia esses argumentos? Maria deve ter embebido seus olhos de lágrimas ao insistir no mesmo assunto várias vezes.

Ela recebeu os argumentos do Mensageiro de Deus de braços abertos, mas não conseguia convencer seu marido. José a abandonou sutilmente. Como era um bom homem, era melhor considerá-la psicótica que adúltera.

Lembro-me de uma história de um milionário que internou sua esposa, que não era minha paciente, num hospital psiquiátrico através de uma interpelação judicial. A esposa dizia que não estava louca, não era psicótica. Mas seu marido gastou uma fortuna para provar que ela delirava. Fiquei impressionado com a frieza daquele homem.

As idéias dessa mulher não eram menos estranhas e bizarras que as que Maria comentava com José. Ele não suportou. Deixou-a para nunca mais voltar. Alguns textos dizem que não apenas ele a deixou, mas a repudiou secretamente. Foi seu primeiro grande golpe emocional de uma seqüência que se seguiria.

Milhões de pessoas elogiam Maria, mas não têm idéia do deserto emocional que ela atravessou. Como há poucas informações sobre ela, as pessoas, desconsiderando a complexidade da vida, preenchem a lacuna em seu imaginário acreditando que ela viveu uma vida isenta de conflitos.

Vamos continuar a discorrer sobre suas dificuldades. O Anjo não disse que Maria não deveria contar para suas amigas e outros parentes sobre o poderoso menino. Mas quantos mais poderiam achá-la insana? E mais: o que contar? Como contar? Para quem contar? Exaltar seu filho não geraria inveja? Só não consegue entender os dilemas da jovem mãe de Jesus quem nunca se colocou em seu lugar com os olhos da psicologia.

Se não lidasse com os seus pensamentos estressantes, adoeceria.

PROTEGENDO CONTRA O SENTIMENTO DE CULPA

Fico pensando sobre a fuga de Maria para o Egito. Se estivéssemos a seu lado certamente perguntaríamos: onde está Deus? Onde está seu protetor? Esse menino não é filho do Todo-Poderoso? Por que tem de fugir do tirânico e frágil governador da Judéia? O menino não será luz para os povos? Por que tem de fugir às escuras? Se ele é destinado a uma magna missão, por que não tem o direito de viver? Por que corre o risco de ser assassinado?

Além disso, fico imaginando a mente de Maria pensando no assassinato das crianças por causa do seu filho. Será que Maria não se colocava no lugar das mães cujos filhos foram assassinados por Herodes?

Sim, certamente se colocava. Ela nunca mais esqueceu esse episódio. Tanto não esqueceu que, trinta anos mais tarde, contou aos discípulos de Jesus esse bárbaro ato terrorista. É provável que tenha sido da sua boca que saíram algumas enigmáticas palavras do desespero *post-mortem* de uma das mães do povo judeu, Raquel, dizendo: “Uma voz se ouviu em Ramá. Pranto e grande lamento. É Raquel que chora seus filhos”²².

Li certa vez que os Estados Unidos investem na pesquisa de uma pílula para aliviar o sentimento de culpa de seus soldados. Muitos que mataram em legítima defesa ou até em acidentes de carro nunca mais foram os mesmos. A culpa mal trabalhada pode destruir a saúde psíquica.

Quando Herodes empreendeu o assassinato coletivo, Maria já devia ter 16 ou 17 anos. O Mensageiro de Deus apareceu para avisar que o menino poderia ser morto e nunca mais voltou. O que sentia ao imaginar cada mãe enterrando seu filho? Que, por causa da perseguição a seu filho, muitas crianças morreram? Haveria nela

sentimento de culpa, ainda que não fosse culpada? Como aquietar seus pensamentos? Seu filho viera para a salvação, mas desencadeara uma destruição.

Compreender a história do sacrifício de Jesus depois de inúmeras explicações que ele mesmo deu quando adulto é uma coisa, mas compreender sua história quando ele mal podia falar é outra completamente diferente. Como Maria entenderia que seu filho, o libertador da humanidade, estava marcado para morrer?

Quando Isabel lhe disse: “Bendita és tu entre as mulheres”, Maria subiu às alturas, mas, quando Herodes a perseguiu, ela desceu como um raio às regiões mais escabrosas da terra.

Sofreu os extremos do pêndulo existencial. Num momento foi elogiada, noutro, perseguida. Num momento foi aplaudida, noutro, banida.

Muitos não suportam as variações do pêndulo existencial. Estão preparados apenas para sobreviver no cárcere da rotina, por isso desenvolvem transtornos emocionais. Maria tinha de se preparar para o imprevisível.

Era de esperar que ela perdesse suas convicções, fosse assaltada pelas dúvidas, se fragilizasse. Já pensou as seqüelas na educação do menino Jesus?

AS FERRAMENTAS QUE O FILHO UTILIZOU PARA PROTEGER A EMOÇÃO

Sob o encalço de Herodes, Maria teve de deixar tudo e às pressas. Muitos imigrantes que partem para outros países em busca de melhores oportunidades pagam um preço emocional caríssimo. Não poucos visitam a masmorra da solidão e se deprimem. Maria deixou seus familiares, amigos, vizinhos. Perdeu sua casa, seus móveis, seu conforto.

No seu colo estava o menino que mudaria o mundo, mas sua vida não mudara, a não ser para pior, pelo menos exteriormente. Nos seus braços carregava o mais “rico” dos seres, mas por fora dificilmente alguém era mais pobre.

Não sabia em que casa moraria no Egito ou se teria uma casa. Nos primeiros dias dormiu ao relento. O céu era seu teto, uma copa de árvore, seu abrigo. Um lugar sem higiene, sem banheiro, sem cozinha, sem nada. Assim viveu a mãe do filho de Deus.

Se um grupo de notáveis teólogos vivesse situação tão contrastante se desesperaria, procuraria culpados, enfraqueceria sua fé. O menino seria criado na lama da ansiedade. Tinha de ser Maria.

Como Maria protegeu sua emoção? Não sabemos. Mas podemos analisar as fascinantes ferramentas que Jesus utilizou para proteger sua emoção. Estudar os filhos pode ser um espelho para refletir pelo menos um pouco a personalidade dos pais. Estudar a personalidade de Jesus pode nos fazer enxergar prováveis características de Maria que nunca nos foram contadas.

Jesus foi um homem surpreendente. Houve alguém na História que convidou as pessoas a saciar a sua ansiedade e ser felizes como ele? Homens como Buda, Maomé, Confúcio, Sócrates, Aristóteles, Tomás de Aquino, Freud, Piaget foram magníficos, mas

não tiveram tal ousadia. Jesus foi o único que expressou: “Quem de mim se alimentar jamais terá fome”²³.

Que homem é esse que queria estancar a angústia e a insatisfação humana com a essência da sua própria emoção? Como evitar que as ciências que estudam a mente humana não fiquem embasbacadas com seu convite? Impossível.

Ou ele delirava e, neste caso, não devemos perder tempo com suas idéias, ou ele viveu a plenitude da vida de um modo que ninguém viveu e viu o que ninguém enxergou. Neste caso, devemos sair do superficialismo e estudá-lo atentamente. Fico com a segunda opção.

De fato, o Mestre dos mestres usou ferramentas intelectuais simples e admiráveis para proteger o território da emoção que somente agora a psiquiatria e a psicologia estão começando a descobrir.

Creio que há raras pessoas entre os mais de 2 bilhões de cristãos da atualidade, pertencentes às mais diversas religiões, que conhecem e aplicam tais ferramentas. Por isso, apesar de afirmarem que são seguidores de Jesus, muitos adoecem. Eles o exaltam, mas não conhecem a estrutura básica da sua personalidade.

Se essas ferramentas tivessem sido aplicadas nas escolas de todas as sociedades, da pré-escola à pós-graduação, milhões de pessoas teriam evitado transtornos depressivos, suicídios, doenças psicossomáticas. Vejamos.

PRIMEIRA: DOAR-SE SEM ESPERAR MUITO DO OUTRO

Todo ser consciente tem uma necessidade intrínseca de construir relações sociais. Mesmo um ermitão ou um paciente psicótico, por mais que se isolem, não conseguem viver na clausura pura. Eles têm de criar personagens em sua mente para superar sua solidão.

Nada é mais excitante que viver em sociedade. Entretanto, nada é tão frustrante como viver com pessoas. A alquimia social transforma o outro num espelho, que reflete a imagem, ainda que com distorções, das pessoas com as quais convive.

A preocupação com essa imagem, com o que o outro pensa e fala de nós, é uma das maiores fontes de alegria e desapontamentos, de encantos e desencantos.

Por mais unida que seja uma relação, haverá, em alguns períodos, fragmentação. Por mais tranqüila, dócil, afetiva que ela seja, haverá, em determinadas situações, amargas decepções. Conviver é a arte da dança. Uma dança em que não se aprende nunca todos os passos. Quando acreditamos que já somos *experts*, tropeçamos num passo.

Nesse exato momento em que estou escrevendo, belíssimos relacionamentos (casais, amigos, colegas de trabalho, pais e filhos) estão sendo rompidos, esperanças dilaceradas, desilusões produzidas.

Com o passar do tempo, os relacionamentos deveriam envelhecer como o vinho, tornar-se mais encorpados, agradáveis. Mas muitos vinhos se tornam um bom vinagre. O prazer se dissipa e os atritos ganham corpo.

Jesus sabia que construir relações era uma tarefa difícilíssima. Era necessário acima de tudo proteger a emoção para sobreviver. Uma das mais inteligentes ferramentas intelectuais que ele usou para se

proteger e construir relações saudáveis foi se doar sem esperar retorno, pelo menos excessivamente.

Nada gera tanta decepção na relação entre marido e esposa, pais e filhos, professores e alunos e entre amigos do que esperar retorno das pessoas no mesmo nível que nos doamos. Damos afeto esperando que o afeto volte. Dispensamos atenção esperando que os outros nos dêem a devida consideração. Expressamos o amor esperando retorno do mesmo sentimento de entrega. Nada é tão frustrante quanto tal espera.

Jesus era um especialista em se doar e mais especialista ainda em não esperar dos outros a mesma resposta. Ele amava e desejava que as pessoas o amassem, mas não esperava ansiosamente retorno. Entre desejar e esperar retorno há um grande abismo.

Jesus cuidava afetivamente das pessoas, mas cuidava atenciosamente dele mesmo. Sabia que se se exigisse muito sofreria muito. Ele era um mestre na arte de proteger sua emoção. Foi seguido por multidões, mas morreu isolado, abandonado.

O mais inteligente dos discípulos o traiu e o mais forte o negou, mas não exigiu de Judas a fidelidade nem de Pedro a coragem. Ele não fez nada para mudar a disposição deles.

Respeitava seus limites. Quem espera a mesma moeda de troca nas relações sociais contrai uma altíssima dívida emocional, freqüentemente impagável. Quem espera pouco acumula crédito emocional.

Algumas pessoas que antes aplaudiam Jesus com inusitado entusiasmo gritaram perante Pilatos: “Crucifica-o! Crucifica-o”. Eles consideravam Jesus o mais dócil e gentil dos homens, mas, quando foram pressionados pela política e pelo poder, mudaram de opinião. Escolheram Barrabás, um assassino, para ficar livre, e Jesus para ser morto.

Desde a infância de Jesus o sistema social conspirou para roubar sua tranquilidade, para esmagar seu domínio próprio, para esfacelar sua auto-estima e tornar árido o território da sua emoção, mas simplesmente Jesus não se deixava ser aviltado. Suas exigências eram mínimas.

Quantas pessoas estão chorando neste exato momento porque nunca aprenderam a proteger a sua emoção, sempre doaram tendo grandes expectativas?

SEGUNDA: COMPREENDER O OUTRO NA SUA DIMENSÃO INTERIOR

Normalmente, as experiências traumáticas na convivência social causam uma devassa em nossas vidas. A grande questão psicológica não é apenas o registro em si da experiência inicial, mas o “fator bumerangue” que ocorre quando uma experiência importante, negativa ou positiva, é registrada de maneira excepcional.

Esses registros movimentam toda a cadeia produtiva da psique. O resultado? Uma reprodução freqüente da experiência inicial. A mente não pára de pensar.

Quando a reprodução é feita com tolerância, reflexão, lucidez, o resultado é saudável. Reedita-se o inconsciente, a psique encontra as águas da tranquilidade. Quando a reprodução é feita com angústia, raiva, impulsividade, o resultado é desastroso.

O fator bumerangue é uma das causas que geram a síndrome do pensamento acelerado (SPA), que por sua vez leva as pessoas a serem escravas sem algemas. Escravas por pensar quase ininterruptamente no futuro, no trabalho, nos problemas da vida, nas atitudes de outras pessoas. Elas são lúcidas, mas extremamente ansiosas.

O fator bumerangue em seu aspecto negativo pode expandir os ataques de pânico, as crises depressivas, as rupturas nas relações sociais. Ele faz da psique uma lata de lixo das mazelas que não reciclamos.

Não adianta querer jogar fora nossos pensamentos ou interromper sua produção, eles vão voltar como um bumerangue. Quem quer usar o fator bumerangue positivamente tem de sair do lugar-comum. Deve, em primeiro lugar, reconhecer que não é possível interromper a produção de pensamentos, apenas administrá-la.

Pode-se ir para uma ilha e beber água-de-coco o dia todo e ainda pensar diariamente nos problemas do continente. Não há estresse por fora, mas um terremoto por dentro. Como resolver a questão? É preciso criar uma ilha em nossa psique no ambiente social perturbador.

Como realizar essa façanha? Aqui entra a segunda ferramenta que Jesus usou com maestria para proteger sua emoção: por trás de uma pessoa que fere, há uma pessoa ferida. Ele viveu o apogeu da compreensão na terra da incompreensão.

Essa postura intelectual foi um dos fatores mais fortes que me fez concluir que “nenhum especialista em psicologia teria habilidade de inventá-lo, nenhum religioso ou filósofo conseguira imaginá-lo”.

Ninguém se tornou inimigo de Jesus por mais que tentasse. Ninguém lhe roubou a paz por mais que lhe perturbasse. Ele dava inúmeros descontos para as tolices, a estupidez e os preconceitos das pessoas. O bumerangue voltava para ele em forma de paz, serenidade, alegria. Jesus reeditava sua memória continuamente.

Não basta não esperar retorno dos outros, é necessário usar a segunda ferramenta: procurar entender o que se esconde na base das reações das pessoas.

Jesus compreendia a complexidade da existência. Entendia que não há quem faça os outros infelizes se primeiramente não estiver machucado. Ele foi o mestre da pacificação, embora suas idéias dividissem corações e expusessem pensamentos.

Qual é uma das causas mais importantes da expansão do ciclo da violência entre palestinos e judeus? O fator bumerangue. E dos ataques terroristas? Também o fator bumerangue. “Esse fator psicossocial conjuga na plenitude o verbo agredir: eu o agrido, você me agride, nós nos agredimos.” Considerar o comportamento dos outros, por mais que nos fira, sem levar em conta a lama depositada no inconsciente, é um erro grave.

O ciclo da violência pode hibernar, mas jamais será resolvido se não entendermos que por trás de uma pessoa que fere há uma pessoa dilacerada. Essa é uma lei da psicologia social tão importante como a lei da gravidade. Somente usando essa ferramenta protegeremos a emoção e poderemos estender as mãos com coragem e altruísmo para os outros, para transformá-los, se não em amigos, pelo menos em seres humanos.

O perdão será uma utopia se não compreendermos o outro na sua dimensão interior. Poderemos tentar por décadas o perdão e, ainda assim, enfiar a cara no túnel da raiva. Perdoar não é um ato “coitadista”, mas de elevada inteligência.

Jesus não julgava as pessoas porque era apenas generoso, mas principalmente porque era inteligente. Sua paz valia ouro, as frustrações, lixo. Ninguém furtava sua serenidade. Ninguém invadia o delicado território da emoção.

Passeando pelas vielas da Galiléia e da Judéia, protegia sua emoção; crucificado, consolidou de maneira espetacular essa proteção, chocando a psiquiatria e abalando os alicerces da psicologia.

O Mestre da emoção foi considerado o mais vil dos heréticos, crucificado como um criminoso. Diante disso o que fez? Desanimou da vida e de tudo? Desistiu da humanidade? Mergulhou no vale do desespero? Não! Teve a ousadia de dizer: “Pai, perdoa-os, pois não sabem o que fazem”. Suas palavras representaram um ato único na História e creio que irreproduzível nas mesmas condições.

Seus gestos incomuns não o libertaram por fora, mas o fizeram livre no secreto do seu ser. Sua atitude não o livrou da morte, mas do ódio, das mágoas, das angústias sociais.

TERCEIRA: NINGUÉM PODE DAR O QUE NÃO TEM

A terceira ferramenta complementa as duas outras. É a cobertura da sobremesa da proteção emocional. O Mestre da vida não apenas não esperava retorno excessivo das pessoas e entendia o que estava por trás dos seus comportamentos agressivos, mas vivia suavemente, pois tinha plena consciência de que ninguém pode dar o que não tem.

Muitos executivos chegam em casa e tratam seus familiares como funcionários. Esperam demais. Estabelecem metas. Não entendem seus limites.

De um lado, há esposas que durante anos fazem a mesma queixa aos seus maridos, dizem que não são carinhosos, que só falam de trabalho, não dão atenção a elas. De outro, há maridos que fazem as mesmas exigências às suas esposas. São *experts* em fazer as mesmas críticas.

Ficam anos tentando sem sucesso mudar-se mutuamente. Montaram um departamento de cobrança em suas casas. São especialistas não em se amar, mas em cobrar.

A vida fica mais dócil quando abandonamos a necessidade neurótica de querer mudar os outros, de exigir o que eles não podem dar. As relações conquistam um outro sabor quando entendemos os limites uns dos outros.

Há investidores que correm risco em bolsas de valores e em outras aplicações financeiras, mas não conseguem correr riscos na mais ilógica das bolsas, as relações sociais. Não percebem que a emoção humana às vezes se comporta como as ações. Nem todos os dias estão em alta.

Os pais que criticam excessivamente seus filhos causam sérios conflitos em sua relação. Não têm calma com seus erros, não

suportam suas incoerências. E, ainda por cima, comparam um filho com outro ou com jovens de outras famílias.

Eles cometem o erro de classificar seres humanos como se fossem máquinas. Não entendem que são diferentes uns dos outros em múltiplos aspectos emocionais, intelectuais e genéticos.

Devemos estimular, ajudar, contribuir para que as pessoas sejam melhores, mas sem exageros. Pois nada é tão decepcionante que quando se fazem altas exigências. A vida fica muito mais protegida e agradável quando cobramos menos.

A pior maneira de ajudar o outro a mudar é pressioná-lo por mudanças. Cria-se traumas que bloqueiam a sua reflexão, tornando-o frio e distante. A melhor maneira é elogiá-lo, valorizá-lo, enfim, conquistar primeiro o terreno da emoção, depois o da razão.

Jesus não exigia muito das pessoas. Vivia agradavelmente as relações sociais, embora seus discípulos fossem uma fonte de problemas e não de solução. Sereno, ele ouvia os seus absurdos e pacientemente esperava que crescessem.

Certa vez disse: “À medida que vocês medirem serão medidos”²⁴. Sua tese é chocante. Para ele, quem determina o rigor do julgamento de um ser humano é ele mesmo.

Queria que seus discípulos não pressionassem e cobrassem excessivamente os outros, pois a mesma cobrança seria aplicada a eles. Não deveriam acusar, mas proteger. Não deveriam punir, mas abrandar. Almejava que seus discípulos não fossem toscos, rudes e justiceiros, mas amantes da gentileza, inclusive consigo mesmos.

Para Jesus, a sociedade estava saturada de justiceiros. Mesmo nas democracias modernas, há muitos carrascos vivendo na surdina. Ele sonhava com que seus seguidores entendessem que ninguém pode dar o que não tem. Quem não usasse essa ferramenta viveria um pesadelo e transformaria a vida dos outros numa insônia interminável.

Painel VI

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 O “fator bumerangue” indica que não podemos interromper a produção de pensamentos. A única possibilidade inteligente é administrar essa produção para dar um suporte saudável à psique.
- 2 Fazer seguro de casa, carro, vida, mas desprezar a proteção da emoção, é fechar a porta da frente e abrir as janelas do fundo para os problemas da vida. Quem não aprende a proteger sua emoção tem grandes chances de ser um escravo em sociedades livres.
- 3 Doar-se sem esperar retorno é uma fonte de tranquilidade, doar-se esperando retorno é uma fonte de decepção.
- 4 Quem entende que por trás das pessoas agressivas, mal resolvidas, ríspidas, há uma pessoa machucada pela vida, enxerga o invisível e protege-se contra o visível.
- 5 Os que querem mudar ansiosamente seus filhos, alunos, cônjuges, colegas de trabalho têm uma necessidade neurótica de mudar as pessoas, não uma necessidade saudável.

CAPÍTULO 7

Maria estimulava a ambição interior



Incentivar os jovens a ganhar dinheiro, ter espaço social e ser reconhecidos profissionalmente é importante, pois uma pessoa frustrada social e profissionalmente quase sempre é mal-humorada, pessimista e destituída de ânimo. Trabalha pelo salário no final do mês e não por prazer.

O dinheiro não traz, em si, felicidade, mas nada é tão capaz de tirá-la. Nas sociedades capitalistas, a falta de dinheiro ou seu uso inadequado transformam a psique num anfiteatro de ansiedade. Ter um bom carro, uma casa confortável, um seguro de vida, um bom salário são ambições legítimas.

Um educador experiente incentiva a ambição exterior, mas um educador deslumbrante vai além, incentiva a ambição interior. Maria educava seu filho para que ele fosse um grande conquistador das funções mais importantes da sua inteligência, das áreas mais excelentes do seu próprio ser. Quem educa nessa perspectiva?

Sua educação não era passiva, distraída, sem direção, mas dotada de metas com nobres ambições: ambição pela tranquilidade, perspicácia, segurança, sociabilidade, emoção cativante, capacidade observadora e alvos claros de vida.

Muitos pais nunca prestaram atenção na necessidade vital de estimular seus filhos a ter ambição interior. A maioria os coloca na escola atribuindo a ela uma responsabilidade que é deles.

Milhões de pais estão criando seus filhos e não os educando. Estão preparando-os para consumir produtos e não idéias para libertar a criatividade, ousadia, para trabalhar perdas e frustrações. Os pais não são culpados, apenas ensinam o que aprenderam. Mas

é tempo de recomeçar. Precisamos observar a educação do menino Jesus e repensar nossa direção.

Maria instigava seu filho desde a mais tenra infância. Ela provocava sua inteligência para que ele procurasse as coisas mais excelentes, para que fosse cativante, se mesclasse com os jovens da sua idade e seguisse sua trajetória resolutamente.

Este seu princípio educacional está demonstrado no incidente que ocorreu na festa de casamento em Caná da Galiléia, onde Jesus transformou água em vinho. Acabou o vinho na festa? Jesus não tinha nada a ver com esse fato. Maria provocou seu filho a reagir. Discutirei os eventos psíquicos desse incidente posteriormente.

O meu ponto nessa passagem é que as pessoas vêem Maria de uma forma inadequada, apenas como uma mulher calma e que se entregou ao sofrimento. Mas na época havia provavelmente inúmeras jovens mais calmas que Maria.

É necessário vermos Maria como uma pessoa dinâmica, ativa, que sabia o que queria e tinha consciência de onde queria chegar. Sócrates, o grande provocador da filosofia grega, se tivesse conhecido Maria, teria ficado fascinado por sua mente instigadora.

Ao que parece, o Deus altíssimo não a chamou apenas por sua capacidade de se resignar e lidar dignamente com a dor, mas porque, entre tantas outras qualidades, ela tinha ambições legítimas e maravilhosas no processo educacional. O ensinamento de Maria objetivava a busca pelos tesouros da alma.

Ninguém foi mais ambicioso que Jesus no sentido mais positivo do termo. Seus sonhos, seus desejos, suas expectativas eram ambiciosos. Tinha a ambição de contribuir com cada ser humano e fazê-lo feliz, inteligente, livre e saudável.

Jesus foi um mestre nas perguntas. Tinha alto apreço para estimular as pessoas a deixar sua passividade intelectual e pensar. Maria, na sua infância, deve ter estimulado muito a sua psique.

FELIZES SÃO OS FAMINTOS EM SEU INTERIOR

No seu *Magnificat*, Maria exalta o princípio fundamental da ambição interior. Ela disse: “Cobriu os famintos de bens e despediu os ricos de mãos vazias”. Quem são os famintos? O que é ser faminto? Que bens supriria sua fome? Quem são os ricos? O que é ser rico do ponto de vista negativo? Por que os despediu de mãos vazias?

Muitas são as perguntas e muitos são os ensinamentos derivados do pensamento de Maria. Quando os famintos seriam saciados? Nessa existência? Falar da continuidade da vida, da superação da morte proposta por Jesus entra na esfera da fé, portanto, não é assunto para ser discutido nesta obra.

Vou discorrer sobre esta existência, até porque o verbo empregado por Maria em seu poema está no tempo passado: cobriu de bens os famintos.

Quem são os famintos? Não são uma casta de pessoas pobres, abandonadas, que vivem à margem da sociedade, pois tais pessoas precisam de alimentos físicos, necessidades básicas de higiene e cuidados médicos.

Os famintos de Maria tinham uma conotação mais complexa e abrangente, incluem todo e qualquer ser humano que tem fome interior. Segundo o conceito de Maria, o Deus Todo-Poderoso leva em alta conta os famintos, os que têm ardentes ambições interiores e não desejos levianos.

Faminto é uma palavra muito forte e carregada de significado. Faminto não é uma pessoa que come por comer, mas que tem um apetite desesperado, que tem uma necessidade vital de sobreviver.

Querer compreender seus filhos, alunos, cônjuge, muitos querem, mas ter fome de compreensão é outra coisa. Fome de compreender

é caracterizada pelo desejo ardente de se colocar no lugar do outro e enxergá-lo como ele é e não como queremos que seja. Todo ser humano almeja proteger a emoção, mas muitos não têm um desejo ardente e contínuo de alcançar essa proteção.

Os educadores experientes não são aqueles que estimulam a transpor as barreiras exteriores, mas os obstáculos secretos. Não são aqueles que transformam seus filhos e alunos em depósito de informações, mas os que estimulam seu apetite intelectual e os animam a digerir essas informações.

Raramente se vê um pai ou uma mãe instigando a fome interior dos seus filhos dizendo: “Lute para ser uma pessoa sociável e cativante como um atleta numa maratona. Batalhe para ser feliz e tranqüilo como o náufrago que procura uma ilha. Procure ser perspicaz, respeitar a sua inteligência e ser fiel ao que você pensa como o ofegante que procura o ar”.

Não são poucos os jovens que fracassam em suas conquistas exteriores porque nunca tiveram ambições interiores. Vivem num marasmo intelectual, não velejam pelo fantástico oceano psíquico, não demonstram interesse, garra e sólida vontade de aprender e de ser. Quem perguntar aos jovens sobre seus grandes desejos ficará espantado com as respostas.

Os famintos de Maria são os inconformados com sua arrogância, ignorância, indelicadeza, instabilidade, passividade, impulsividade, dependência. São os que têm uma fome desesperadora de nutrir seu espírito, sua inteligência e reescrever a sua história.

São também os que são inconformados, no bom sentido do termo, com as injustiças, sofrimentos, medos, perdas, tanto suas e como as dos outros, e procuram ansiosamente o alívio.

Ser faminto não é uma experiência casual, mas uma busca contínua de suprimento. Muitos não mudam sua história porque têm apetite casual. Têm uma consciência superficial e um desejo de superação mais superficial ainda. Nunca saem do lugar.

O corpo não sobrevive se não for nutrido diariamente com proteínas, carboidratos, gorduras. Do mesmo modo, a personalidade humana precisa de nutrientes contínuos para estimular sua formação, alicerçá-la e estruturá-la.

AMBIÇÃO POR UM ESPÍRITO CRIATIVO

Maria proclamou que Deus encheu de bens os famintos. Quais são esses bens ou nutrientes? Como vimos, eles incluem coragem, intrepidez, intuição, lucidez, sabedoria, compromisso social, encanto pela existência. Jesus nutriu-se de todos esses alimentos.

O Mestre dos mestres foi faminto ao máximo. E percorreu sobre inúmeros outros alimentos vitais para a formação plena e saudável da personalidade, como a sede de saber, a inspiração criativa, o perdão incondicional, a paz interior.

É uma grande pena que em dois mil anos de história as universidades não tenham estudado a personalidade de Jesus e sua proposta para nutrir a psique. Não teríamos hoje uma espécie doente como a que estamos assistindo.

No Sermão da Montanha, ele proclamou aos quatro ventos que os que têm ambições interiores são felizes. Os famintos são bem-aventurados. Tocam o coração do Autor da existência, transformam a sua história e mudam o traçado da sociedade, inclusive o curso da ciência.

Jesus disse: “Felizes os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus”²⁵. Comentou contundentemente que a conquista do seu reino dependia de uma mente aberta, de um espírito vazio e ardente para instruir-se.

Sem uma mente aberta não seria possível esvaziar-se dos preconceitos e enxergar o que ninguém viu. Sem um espírito livre não seria possível observar uma pessoa e ver o que ninguém percebeu, ou enxergar Deus de uma maneira completamente nova.

Jesus reagiu como um escultor da personalidade. Assim como Michelangelo via a estátua na pedra tosca, enxergava a beleza anônima na rocha bruta e, como escultor, queria apenas libertá-la. O

Mestre dos mestres via uma obra de arte oculta nas pessoas menos recomendadas. Para libertá-las, usava um espírito livre e uma mente aberta, retirando cuidadosamente o excesso de material.

Não apenas o reino dos céus pertence aos que têm espírito livre, mas também o reino da ciência. Alguém só pode se tornar um grande pensador se tiver coragem para criticar suas verdades e dogmas e abrir-se para outras possibilidades.

Infelizmente, muitos pesquisadores e professores não encontram liberdade para pesquisar e se expressar. Nem sempre as universidades são templos da liberdade, mesmo nas sociedades democráticas. Às vezes, tornam-se tão dogmáticas e fechadas como as mais rígidas religiões.

Os líderes cristãos e de outras religiões devem ter de batalhar desesperadamente para ter um espírito livre, pois somente assim poderão ser pensadores. Os pensadores são humildes em seu espírito, têm consciência da sua insignificância, por isso pensam em novos caminhos quando todos vêem uma única trajetória para percorrer.

O grande desafio é ter consciência da nossa pequenez. É compreender que, por mais que saibamos, todo o conhecimento que adquirimos é uma pequeníssima fração do todo.

Maria denunciava que os ricos saíam de mãos vazias. Quem são os ricos? Não são os que estão no ápice da pirâmide financeira. São os ricos de auto-suficiência insana, com atitudes de superioridade, arrogância. Sua riqueza entulha o saber, obstrui a serenidade, leva ao obscurantismo espiritual e intelectual.

No mundo capitalista é muito mais fácil ser pobre que ser rico: ganhar dinheiro, ter palácios, casa de veraneio. No mundo psíquico é o contrário, é muito mais fácil ser rico que ser pobre.

No universo psíquico é mais fácil se considerar superior aos outros do que entender que nenhum conhecimento ou bens materiais nos transformam em melhores do que ninguém.

É mais fácil julgar e condenar do que abraçar e dar uma nova chance. É mais fácil usar os dogmas para excluir do que o amor para incluir. Há muitos “ricos” que estão em empresas, religiões, faculdades, causando atrocidades na sociedade.

Não devemos nos esquecer de que, do ponto de vista espiritual, e também psiquiátrico e psicológico, felizes são os que têm fome de um espírito livre. Os que se acham grandes são despedidos de mãos vazias, mas os que enxergam a sua insignificância se enchem de “bens”.

AMBIÇÃO DE ENCONTRAR A HARMONIA INTERIOR

No Sermão da Montanha, Jesus proclamou a necessidade de um nutriente psíquico que choca e encanta os mais ilustres humanistas: “Felizes são os mansos, porque herdarão a terra”²⁶.

Ele elevou a necessidade de paz interior até o estágio mais sublime. Só alguém que tem uma sólida tranquilidade pode alcançar o patamar da mansidão. E só alguém cuja personalidade foi tecida com a mansidão ocupa os espaços dos mais nobres territórios.

Desde os primórdios da civilização humana o ser humano lutou pela terra usando a força, a pressão e a violência. Milhões de vidas foram dizimadas por alguns acres de terra.

Que terra é essa a que Jesus se refere? Não apenas a terra de um reino vindouro, mas a do interior. Certa vez, na parábola do semeador, Jesus disse que o coração psíquico do homem representa vários tipos de terra.

O primeiro tipo é a terra que fica à beira do caminho, dura, seca e impenetrável. O segundo é um solo rochoso, que representa uma personalidade volúvel, que se distrai com coisas sem importância e não suporta as contrariedades da vida. O terceiro é a terra entre os espinhos, que permite a semente crescer viçosa, mas sofre uma competição desigual pelas riquezas e as ansiedades da vida. Por fim, asfixia-se. O quarto tipo é a boa terra. Ela representa os “famintos” do *Magnificat* de Maria, os que saciam a sua fome e frutificam em abundância.

No conceito do Mestre dos mestres, os mansos herdarão a terra. Os que usam qualquer forma de agressividade não conquistam seu espaço nem dentro nem fora de si. É preciso ter fome de tranquilidade para explorar o que ninguém explorou.

Mas onde estão as pessoas tranqüilas nessa sociedade estressante e ansiosa? Elas são raras, mais raras que os mais preciosos diamantes. Raras nas religiões, nas escolas de psicologia, nas faculdades de pedagogia. Muitas ficam na superfície da sabedoria, permanecem inconquistáveis. Morrem e levam para o túmulo suas misérias.

É preciso buscar, se soltar, dar valor ao que tem valor, selecionar, priorizar o tempo, recuar se necessário, diminuir as atividades se for preciso, treinar nossas emoções para não sermos escravos das circunstâncias da vida e das necessidades sem importância. Quem faz esse treinamento? Somente os famintos. Eu almejo ser um deles.

Claro que há situações em que é quase impossível exigir a tranqüilidade. Por exemplo, Charles Darwin, antes de morrer, tinha vômitos violentos e prolongados. Quando não havia mais nada para pôr para fora, a náusea continuava em ondas. Tremores, calafrios o acompanhavam.

No final da vida, num dos momentos de desespero, ele disse aos filhos: “Se eu pudesse ao menos morrer”. Tempos atrás, porém, admitira que a questão da morte o atormentava.

Darwin tinha uma fé cambaleante, mas atordoado pelas dores e pelas náuseas expressou: “Oh! Deus, Oh! Meu senhor!”. Chorou impotente e em seguida começou a desfalecer. No dia 19 de abril de 1882 ele morreu.

Excetuando situações que esmagam nossa harmonia interior, em todas as outras deveríamos sonhar com a tranqüilidade. Para Jesus, os tranqüilos não são passivos; os tímidos, por sua vez, não são os que têm medo de se expor ou os que têm uma vida perfeita, sem ataques dolorosos, mas os que resistem com inteligência ao impulso, os que procuram governar seu ser, os que treinam pensar antes de responder.

Às vezes não somos agressivos com os outros, mas somos implacáveis com nós mesmos. Nenhuma pessoa pode encontrar os melhores espaços em sua psique se for assaltada por qualquer tipo de agressividade.

Já tratei de multimilionários no ápice da miserabilidade. Choravam desesperados porque tiveram sua paz seqüestrada, não por seqüestradores, mas por seus pensamentos dramáticos, pelas nuances da existência.

Eram pessoas maravilhosas, empreendedoras, dirigiam grandes empresas, mas eram insatisfeitas, não desenvolveram a ambição interior, esqueceram de ter fome de tranquilidade, qualidade de vida, de cuidar afetivamente de si mesmos.

FALHA NA EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA

Uma das maiores falhas da educação moderna é não observar a necessidade de um espírito livre e uma mente aberta como Jesus eloqüentemente discursou na primeira bem-aventurança no Sermão da Montanha.

O Mestre dos mestres quis chocar seus ouvintes dizendo que a existência era um fenômeno intelectualmente misterioso e insondável, que nenhuma teoria religiosa ou científica conseguiria esgotar o que é a vida.

A existência humana não pode ser reduzida à definição e classificação da substância química, metabolismo e tecidos que compõem o corpo humano, nem pelo seu comportamento aparente. Há uma realidade psíquica, com ricas emoções, fantasias, fobias, expectativas, que transcende os limites da lógica.

Como pensamos e temos consciência da existência? Quando usamos o pensamento para explicar o próprio pensamento, e os elementos que o constituem, caímos numa masmorra psíquica. Por quê?

Porque o pensamento é indivisível. Todo pensamento que discursa sobre os seus próprios fragmentos nunca atinge os fragmentos em si, o que gera uma limitação intransponível para a ciência indicando que a vida consciente, por mais que possa ser investigada, é inexplicável em sua essência.

O pensamento de Sócrates continua vivo: só sei que nada sei. Mas como os jovens não têm consciência filosófica sobre os mistérios da vida e não têm fome de saber, crescem como se fossem donos do mundo.

Os pais, os professores, os materiais didáticos não deveriam apontar apenas o que se sabe, mas o que não se sabe. Deve-se

ensinar que a cada dez anos muitas verdades científicas são mudadas. Deve-se estimulá-los a ser os que têm sede de saber, descritos no poema de Maria.

Um dos maiores erros cometidos ao longo da história da academia é não entender que a verdade é inesgotável. Há psicólogos e psiquiatras que querem colocar o paciente dentro de uma teoria e não a teoria dentro do paciente. Não entendem que cada paciente tem uma história, uma personalidade, com seus conflitos e características.

Devemos falar mais sobre os mistérios da vida, os conflitos humanos e as crises existenciais. Mostrar que a dúvida é mãe da criatividade, e o conflito, pai das novas idéias. Não se deve temer a dúvida nem se perturbar diante dos conflitos.

Compreender que a vida é incompreensível é o primeiro passo para desenvolver uma inspiração criativa. Diplomar-se na vida gera pessoas autoritárias e falsamente independentes.

Uma das mais árduas tarefas de Jesus na relação com os discípulos era dissipar o autoritarismo proveniente de uma mente fechada e ignorante. Eles sabiam pouquíssimo sobre a vida, mas o pouco que sabiam servia de raia para disputas paranóicas sobre quem era o melhor deles.

Para segui-lo, o mais importante não era a quantidade de erros, *status* social, posses, cultura clássica, mas um espírito ávido por procurar os melhores tesouros. Um leproso, um miserável, um imoral tinha as mesmas chances de brilhar na escola do Mestre dos mestres que um fariseu ou um sacerdote.

Não é à toa que uma de suas parábolas discorria sobre o homem que encontrou um tesouro num campo sem valor comercial. Então, ele vende tudo o que tinha para comprá-lo. Os famintos têm foco. Sabem o que querem.

Painel VII

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 Um educador experiente incentiva a ambição exterior, um educador deslumbrante incentiva a ambição interior.
- 2 Os que não têm ambição interior não têm apetite intelectual, têm uma personalidade desnutrida, uma emoção dependente.
- 3 Esvaziar-se dos preconceitos é a condição básica para aprender a aprender. Quem está saturado consigo mesmo jamais expandirá o mundo das idéias.
- 4 Ter sede de tranqüilidade é se soltar, focar, priorizar o tempo, recuar se necessário, diminuir atividades se for preciso.
- 5 É possível não ter dinheiro e ainda assim ser vítima dos piores seqüestros, o seqüestro do medo, do orgulho, da auto-suficiência, da timidez, da passividade.

CAPÍTULO 8

Maria vivia e ensinava a arte da contemplação da natureza



Respeitados educadores admiram a natureza. Admiram o perfume das flores, a estética das folhas, a anatomia das nuvens, a cor do arco-íris. Maria ia muito além. Ela conseguia mais do que admirar a natureza, ela a contemplava.

Há mais mistérios psíquicos entre admirar a natureza e contemplá-la do que imagina a psicologia. Admirar o belo é gostar, apreciar, sentir algum tipo de prazer diante de um estímulo ou fenômeno. Contemplar o belo é muito mais profundo, intenso, arraigado.

Contemplar a natureza é observar atentamente, penetrando nos detalhes mais ínfimos, captando cenas únicas que só um olhar contemplativo pode enxergar. Além da observação atenta, contemplar significa também abrir o leque da inteligência e se colocar embevecidamente diante de um som ou de uma imagem e se deixar encantar, se envolver.

Por exemplo, contemplar uma flor não é apenas achá-la bonita, apreciar suas cores e formas, é olhá-la de forma especial para captá-la de maneira intensa. É sentir prolongadamente seu perfume, é enxergar os detalhes sutis de sua anatomia, é ficar deslumbrado com a tonalidade das cores. É colocar os pés na terra, inspirar profundamente o ar puro, deixar-se conduzir pelas minúcias.

Contemplar a natureza era uma das singelas e ricas ambições interiores de Maria. Admirar é ver e ouvir. Contemplar é observar e se encantar. Maria era rica sem dinheiro. Sentia grandes emoções sem aplausos. Fazia da vida um espetáculo, ainda que sem freqüentar festas. Sentia a vida pulsando, ainda que no anonimato.

Contemplar uma obra de arte não é somente ver a estética, mas descobrir a afetividade por trás da tinta, as aventuras e os conflitos em cada traço, os significados que a imagem crua não revela.

Se observarmos o comportamento de Maria, é possível perceber que contemplar não é dar autógrafos, mas se deixar ser autografado nas páginas da psique pela multiforme beleza da natureza que representa a assinatura do Autor da existência.

Como podemos afirmar que Maria contemplava a natureza? As respostas têm várias vertentes. Vejamos. Raramente alguém contemplou a natureza como Jesus.

Ele era um observador tão atento e se encantava tanto com os detalhes dos pássaros, das nuvens, do mar da Galiléia, dos cereais, das árvores frutíferas e das flores que extraiu lições belíssimas de tudo que captou. Raramente um grande ensinamento que ele proferiu não tinha como base a sua finíssima arte da contemplação do belo.

Diante disso, podemos tirar três hipóteses: 1) ou Maria ensinou o menino Jesus a contemplar a natureza; 2) ou o menino, com sua perspicácia divina, ensinou sua mãe a contemplá-la; 3) ou ambos possuíam essa característica e a estimularam mutuamente.

Em todas essas hipóteses podemos concluir que no processo educacional do menino Jesus a contemplação da natureza era um item fundamental.

Jesus extraía grandes emoções dos diminutos eventos. Por ter um filho perito na arte de se encantar com a natureza, é de supor que também Maria exalava dos poros da sua personalidade um perfume de prazer pelas pequenas coisas.

Os pais que educam seus filhos para ter um contato estreito com a natureza não apenas enriquecem a emoção, mas impulsionam a expansão de estruturas cognitivas.

Quando uma criança aponta com excitação para um cavalo dizendo que é um cachorro e vem um adulto e a corrige, a criança

registra a imagem do animal associada ao símbolo da palavra que o identifica, bem como à reação do instrutor, gerando uma nova estrutura cognitiva de acomodação. São pequenas, mas borbulhantes experiências.

Se Maria pudesse dar um grito de alerta para os pais da atualidade talvez dissesse: “Tire tanto quanto possível seus filhos dos ambientes fechados, das salas de TV, DVD, videogames e coloque-os em contato estreito com a natureza. Ensine-os a ser observadores. Leve-os a explorar os detalhes belíssimos da natureza”.

MUITOS VIVEM NA SUPERFÍCIE DA EMOÇÃO

Para ter saúde emocional precisamos aprender a proteger a emoção, mas para ser feliz é necessário desenvolver a arte da contemplação. Os que admiram a natureza fornecem algumas “proteínas” para nutrir a personalidade, os que a contemplam mergulham-na no néctar da emoção.

Deus parece ser um especialista em contemplar o mundo existente, em especial o ser humano. Em seu *Magnificat*, Maria declarou que Deus contemplou sua humildade²⁷. A diversidade biológica exuberante da natureza revela um Deus contemplativo.

Admirar é como ir a um restaurante *fast-food*. Contemplar é como ir a um restaurante que serve *à la carte* e deslumbrar-se com a beleza do prato, sentir o aroma dos alimentos, mastigar lentamente e deixar as glândulas salivares explorarem os sabores.

Admirar é mexer o corpo ao ouvir uma música. Contemplar é vibrar a alma, deixar a melodia e a sinfonia nos transportar. É navegar em águas profundas sem sair do lugar.

Creio que no máximo 1% das pessoas nas sociedades modernas aprendem a contemplar. Uma parte significativa admira a natureza e outra parte tem tantos compromissos profissionais que não sobra tempo para nem sequer admirá-la.

Tenho dito que o sucesso em qualquer área é mais difícil de ser trabalhado que o fracasso. Um dos maiores riscos de quem atinge o sucesso é se tornar uma máquina de atividades. Eles trabalham, mas outros desfrutam. Eles enriquecem, mas são seus filhos, genros e amigos que gozam dos seus bens. São escravos vivendo em sociedades livres.

Jesus era um carpinteiro. Por fora não tinha nada, por dentro era um conquistador. Conseguia inspirar os abatidos, despertar os

deprimidos, fazer sonhar os derrotados. Se não fosse afortunado no território da emoção, quem seria atraído por seus discursos? Quem acreditaria que a eternidade seria uma fonte de júbilo e não de tédio?

A mulher que foi incumbida para educar o menino que seria o sol nascente das alturas tinha de se preocupar com o futuro emocional dele. Ele não poderia ser infeliz, instável, ansioso. Tinha de ser encantador, atraente, instigante.

Nosso planeta está morrendo exteriormente e o ser humano está definhando emocionalmente. A passagem da sensação para a percepção é um ato realizado pelo intelecto, que confere organização e sentido às sensações.

Não é suficiente ir a parques, é necessário expandir a sensibilidade, organizar os sentidos, penetrá-los intensamente. Não basta assistir a um programa que mostre natureza, como *Animal Planet*, é preciso se envolver com ela. Não basta estudar biologia, é preciso proteger a natureza.

De que adianta um sorriso externo se não há júbilo por dentro? De que adianta as conquistas sociais se não há um estado de relaxamento interior?

Já tratei de várias pessoas socialmente invejadas, famosas, riquíssimas, intelectualizadas, mas, no recôndito do seu ser, eram secas, sem jovialidade, depressivas, sem sentido existencial, não curtiam a vida. Quem as conhecia intimamente jamais gostaria de estar no lugar delas.

O altíssimo índice de uso de drogas na juventude atual tem como uma das principais causas a miserabilidade emocional das sociedades modernas. O uso de drogas é um refúgio para pessoas com emoções não contemplativas.

Muitos pais se preocupam com que seus filhos façam uma boa escola, aprendam computação, música, línguas, mas cometem um erro gravíssimo: esquecem de se preocupar com o futuro emocional

deles. Eles fazem tudo para que os jovens sejam felizes, mas desconhecem qual o verdadeiro motor da felicidade.

FAZENDO POESIA COM A NATUREZA: O GRÃO DE TRIGO

O menino Jesus corria atrás das borboletas. Observava a brisa que lhe tocava a face. Corria na chuva, deixava-se molhar, sua roupa se encharcava e ele se refrescava. Sobre seus longos cabelos escorriam gotas de chuva que percorriam os vincos de seu rosto. O cheiro de terra molhada era um aroma indecifrável.

Observava os animais arando a terra, as ferramentas cortantes ferindo o solo, abrindo sulcos, mutilando sua textura. Era tempo de plantio do trigo. Muitos meninos viam seus pais trabalhando. O menino Jesus, atento, contemplava os grãos de trigo serem atirados ao solo. Em seguida, soterrados e esquecidos.

Mas, dias depois, a vida surgia querendo respirar, se embriagar de luz. O pequeno grão gerou uma explosão criativa, transformando-se em dezenas de companheiros.

O resultado dessa contemplação do menino Jesus? Quando adulto produziu diamantes com poucas palavras. Com exímia criatividade disse: “Se o grão de trigo lançado à terra não morrer, fica ele só. Mas, se morrer, dá muito fruto”²⁸. Aqui, não apenas há a idéia de que um dia morreria, superaria a morte e resgataria a humanidade, mas também há um sentido socioexistencial.

Queria dizer que era necessário deixar morrer algumas coisas para nascer outras. Perder para ganhar. Quem desejasse romper o cárcere da solidão e construir relações sublimes com as pessoas que o circundam deveria “enterrar” o seu orgulho, despojar a sua arrogância, soterrar o medo de se entregar.

Muitos vivem sós, presos nas tramas da solidão, sem ninguém para dividir suas preocupações porque não sabem perder. Não sabem enterrar seu grão de trigo para romper a armadura, a casca, que envolve o que eles têm de melhor.

São pessoas excelentes, mas estão presas dentro de si mesmas. É uma pena. Elas guardam a sete chaves seu tesouro. Ninguém as conhece, freqüentemente nem elas mesmas. Não se dão o direito de relaxar e desfrutar da vida.

A FIGURA SOCIAL DA VIDEIRA

Jesus, quando adolescente, contemplava minuciosamente a poda da videira. Os ramos eram lindos, com numerosas e vistosas folhas. De repente chegava o viticultor.

Sem dó começava a cortá-los. O garoto devia sentir seus cortes. Observava a seiva sangrar, gotejando o precioso líquido no solo. Parecia um grande desperdício. Via os ramos com suas folhas deitarem no solo para nunca mais viver. A bela videira desfigurava-se, como um ser humano que perdeu tudo. Parecia sem vida, seca e sem esperança.

Depois da poda, passava diariamente para ver seus ramos. Nada acontecia. Tempos depois, algumas protuberâncias começavam a estourar. Era o milagre dos novos ramos. Diminutos bulbos despontavam, cresciam rapidamente e floresciaam. Semanas depois gotas de vida cresciam como bagos de uva. Era uma imagem surreal.

Quando Jesus apanhava um cacho de uva, ele tinha um sabor diferente do que tinha para muitos outros adolescentes. Ele o mastigava, sorvia o sabor lentamente e o engolia com um prazer exclusivo. A dor gerou o sabor. O corte produziu muitos frutos.

Jesus analisava o comportamento humano e observava a figura da videira e tinha longas reflexões. Inúmeras idéias encenavam em seu imaginário, fazendo no teatro da sua mente um show de sabedoria. Quando adulto, citou diversas vezes os fenômenos da natureza que havia contemplado.

Dias antes de morrer, num momento de profunda comoção, ele disse: “Eu sou a videira verdadeira e vós, os ramos. Todo ramo que não der fruto será cortado e tudo que der fruto será podado para dar mais fruto ainda”²⁹.

Jesus era muito generoso. Ele não cortava ninguém da sua história. Nem mesmo Judas foi eliminado, tanto que ele teve o desprendimento e o afeto de chamar Judas de amigo quando ele o traiu³⁰. Judas, por si mesmo, desconectou-se da videira.

Nenhum ramo é mais importante que o outro, pois todos possuem a mesma natureza. Mas há ramos que frutificam mais que os outros. Por isso, acrescentou que todo ramo que dá fruto será podado para dar mais fruto ainda.

Queria que entendessem que todo ser humano atravessa sofrimentos, tanto reis como súditos, tanto celebridades como anônimos, tanto ricos como miseráveis. Ninguém precisa procurar dificuldades, elas surgem naturalmente nessa complexa vida. A vida traz suas podas espontâneas.

Mas, para o Mestre dos mestres, o sofrimento decorrente dessas podas pode ser útil ou inútil, tornar uma pessoa estéril ou contribuir para que ela gere muitos frutos, como cachos de uvas.

Ele via a dor de outra perspectiva. Não queria que as pessoas tivessem medo das aflições. O medo coloca combustível no sofrimento, expande-o e torna-o insuportável.

Jesus esperava que os inevitáveis percalços da vida não destruíssem as pessoas, mas produzissem crescimento, um crescimento não apenas para si, mas que fosse capaz de contribuir para saciar e alimentar os outros.

Não queria que seus seguidores se tornassem ícones espirituais para serem admirados e aplaudidos, mas pessoas que se entregassem para os outros. A figura da videira era o prenúncio de uma nova sociedade.

RICO É QUEM FAZ MUITO DO POUCO

Dentre todos os fenômenos inconscientes que tenho estudado em mais de vinte anos de pesquisa psicológica, nada afeta tanto a emoção como o fenômeno da psicoadaptação.

A emoção pode se adaptar aos mesmos estímulos e perder sua capacidade de se transformar perante eles. Essa psico-adaptação pode ser positiva, aliviando a angústia e debelando o medo. Quando se perde um emprego, rompe-se um relacionamento, perde-se um amigo, depois de semanas ou meses espera-se que a emoção se psicoadapte e diminua o nível de ansiedade pós-traumática. Se isso não ocorrer, uma ansiedade crônica pode ser gerada ou até um quadro depressivo.

No caso da morte de pessoas queridas pode gerar um luto crônico, em que o prazer de viver é paralisado no velório da pessoa que faleceu. Mas, de modo geral, a psicoadaptação é penetrante e aliviadora.

Do lado negativo, o fenômeno da psicoadaptação pode levar a emoção a perder o prazer ante a exposição dos mesmos estímulos. Casais no começo do relacionamento são felizes, não conseguem ficar um minuto longe um do outro. Com o passar do tempo, como não dialogam profundamente, eles passam da fase da contemplação para a admiração.

Com o tempo, nem mais se admiram um ao outro. Não se respeitam. Atritam-se por pequenas coisas. Não sonham, não brincam nem relaxam mais. São velhos no território da emoção, ainda que sejam novos. O fenômeno da psicoadaptação mal trabalhado causa um vendaval no relacionamento. Para romper esse degradante fenômeno inconsciente é necessário não consertos, mas um novo começo.

Quando viajo de carro com minhas filhas, fico observando pessoas bem trajadas, mendigos, idosos, crianças, e começo a estimular a arte da observação nelas.

Pergunto: Quem é tal pessoa? Quais foram seus maiores pesadelos? Quais foram suas reações mais inteligentes e as mais incoerentes? Que alegrias vivenciaram ou que lágrimas experimentaram e nunca tiveram coragem de chorar?

Quero que elas contemplem as pessoas. Contemplar a história de um ser humano não é apenas ler o prefácio da sua vida como grande parte dos pais, professores, executivos, médicos faz com quem está ao seu redor, mas penetrar nos seus capítulos mais importantes. Não devemos enxergar comportamentos, mas observar a essência.

É preciso ter coragem e sensibilidade para interromper nossas atividades e nos reunir com quem amamos e perguntar: Quem é você? O que você sente? O que pensa? Será que ama seres imaginários e não pessoas reais?

Nós nos adaptamos facilmente aos filhos, aos alunos, aos amigos, aos móveis da sala, aos quadros da parede, aos jardins da casa, às conquistas. Perdemos o sabor daquilo que deveria ser uma fonte de prazer.

Quanto menos uma pessoa extrai do muito, emocionalmente mais miserável é. Quanto mais extrai do pouco, mais rica emocionalmente ela é. Jesus e Maria extraíam muito do pouco.

Certa vez, Jesus estava no auge da fama. Como toda celebridade, todos queriam vê-lo, tocá-lo, conversar com ele. Além disso, milhares de pessoas o seguiam querendo ser saciadas, aliviadas dos fardos da vida. Aparentemente Jesus caiu numa armadilha. Ele só vivia para os outros, não tinha qualidade de vida.

Mas, para a perplexidade da psicologia, ele interrompeu a multidão, olhou para um foco, aproximou-se do seu alvo, e parecia querer dizer em alto e bom som: “Vocês procuram grandes eventos

para serem felizes. Mas o segredo da felicidade se encontra nas coisas simples e anônimas. Felizes os que as contemplam”.

Em outras palavras, disse: “Aprendeí dos lírios dos campos, vede como eles são tão belos. Não se afadigam nem fiam. Eu vos digo que nem o rei Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles”³¹.

Tudo o que o dinheiro podia comprar na sua época o rei Salomão não teve dúvida: presenteou-se para expandir seu prazer.

Teve cavalos, carruagens, viveu uma poligamia sem precedentes, teve vestes de ouro. Preocupou-se com as grandes festas, os grandes eventos, as portentosas coisas que a grande maioria dos mortais jamais teria acesso.

Por fim, deprimiu-se, considerou tudo vaidade. Salomão teve tudo, mas se tornou paupérrimo. Teve poder, mas se tornou fragilíssimo. Jesus sabia disso. Ele chocou os presentes ao exaltar a arte da contemplação da natureza.

Quis alertar a humanidade demonstrando, com todas as letras, que quem abandona as pequenas coisas pode viver uma vida emocional desastrosa. Infelizmente, não o ouvimos. Tornamo-nos uma sociedade de miseráveis.

Andar descalço na terra, sentir o “sabor” da água, apanhar uma fruta na árvore, ouvir o som de uma cachoeira, sentir as ondas do mar tocando a praia com multiformes silhuetas, admirar o ocaso e o nascer do sol com os filhos são experiências riquíssimas e insubstituíveis.

Abraçar, doar-se, beijar, dialogar, relaxar, brincar com os jovens pode não custar dinheiro, mas pode ser caríssimo para a formação da personalidade...

Painel VIII

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 O ser humano é parte integrante da natureza, mas criou um mundo artificial, por perder o contato estreito e prolongado com a fauna e flora. A juventude atual tornou-se uma massa de pessoas ansiosas e insatisfeitas, embora tenha acesso a uma poderosa indústria do lazer.
- 2 Quem não contempla a natureza fica na superfície do prazer, possui uma emoção instável e flutuante. Num momento está calmo, noutro, irritadiço.
- 3 Quem contempla a natureza cria raízes emocionais. É mais estável e profundo. Seu prazer não está na transitoriedade dos bens materiais nem na receptividade social, mas nas coisas que o dinheiro não compra.
- 4 Uma pessoa é tanto mais psiquicamente saudável e rica quanto mais faz do pouco. E tanto mais pobre e infeliz quanto mais precisa de muito para sentir pouco.
- 5 O segredo da felicidade se encontra nas coisas anônimas, tão visíveis aos olhos dos sensíveis e tão ocultas aos olhos dos desatentos.

CAPÍTULO 9

Maria estimulava a inteligência para construir um projeto de vida e a disciplina para executá-lo



Ter um projeto de vida é fundamental para construirmos uma história exemplar. Um projeto de vida não é um desejo ou uma intenção. Intenções não resistem ao calor das dificuldades, projetos são resistentes. Intenções são circunstanciais, projetos são perenes. Intenções surgem de uma inspiração momentânea ao se espelhar em alguém, projetos são elaborados, têm objetivos definidos.

Sem projeto de vida, os jovens não têm metas, os adultos não têm alicerce, os idosos esfacelam seu sentido de vida. Os projetos não nos tornam heróis, mas nos dão condições para sobreviver quando não há chão para caminhar e um ombro para nos apoiar.

Há algumas perguntas-chave para saber se temos ou não um projeto de vida. Onde quero chegar? Que caminhos tenho traçado para minha existência? Quais são minhas metas? Minhas metas são consistentes ou os acidentes do caminho me fazem desviar delas com facilidade? Minha emoção é flutuante ou estável? Tenho vontade de lutar pelo que amo num momento e noutro tenho vontade de desistir? O que é prioritário para atingir essas metas?

Uma coisa é certa: toda pessoa que tem metas tem de fazer escolhas e toda escolha tem perdas. Ninguém pode querer brilhar na ciência, nos negócios, no terreno da espiritualidade se quiser apenas ganhar. É necessário escolher coisas relevantes e abandonar as irrelevantes.

Maria teceu o projeto de educar o filho do Altíssimo. Todo seu ser foi envolvido nesse projeto. Suas metas eram claras. Ela fazia escolhas constantemente para atingir seus alvos. Perdia para

ganhar. O mundo podia difamá-la, mas ela não se desviava da sua trajetória de vida.

O ser humano conectado com seu projeto de vida poderá assumir uma atitude interna de abertura para o mundo, na qual arriscará se revelar e reescrever seu próprio destino. Se Maria sorria, caminhava. Se chorava, caminhava também. Jamais desistiu de caminhar. A sociedade podia desabar sobre ela, mas ela removia os escombros e continuava sua empreitada.

Aceitou sua missão, e sua aceitação não foi um momento de euforia, um desejo superficial, uma intenção sem raízes. Maria era uma pessoa letrada, culta, com grande capacidade de gravar na memória as palavras das pessoas e anotar fatos. Foi ela que relatou determinadas informações sigilosas, bem como seu poema, o de Zacarias e o de Simeão para os escritores dos Evangelhos, em especial Mateus e Lucas.

Ela não apenas tinha uma genialidade intelectual, mas também uma disciplina emocional. Usava a inspiração mesclada com a transpiração. Tinha sonhos e ao mesmo tempo garra para executar esses sonhos. Desse modo, transformou seu desejo quando o Mensageiro de Deus apareceu em seus aposentos num projeto de vida.

CONSCIÊNCIA DA SUA GRANDEZA

No quarto pensamento do *Magnificat* de Maria, ela teve a ousadia de dizer o que provavelmente nenhum grande personagem teria: de que seria exaltada ao longo da história. Ela não disse que apenas a geração do seu tempo a valorizaria, mas todas as demais gerações a exaltariam como bendita entre as mulheres.

Muitos homens lutaram para colocar seus nomes nos anais da História. Alguns se declararam deuses, controlaram impérios, subjugaram povos com mão de ferro para serem lembrados.

Outros tiveram gestos mais nobres, humanitários, ajudaram pessoas, aliviaram a dor dos outros, doaram grandes somas de dinheiro. Alguns tinham segundas intenções, no fundo buscavam o prestígio social ao cuidar dos miseráveis. Extraíram deles o pouco que tinham.

O poder e a fama são grandes testes. A grande maioria que os conquista é conquistada por eles, é controlada pelos seus tentáculos.

Maria foi controlada por eles? Ela passou no teste? Não seria um risco ter a ousadia de afirmar que seria admirada pelas gerações futuras? O poder e a fama cegam a racionalidade, impedindo reflexões profundas sobre a efemeridade da vida.

Tudo se dissipa no calor do tempo, mas os contaminados pelo poder e pelo *status* social se acham imortais, ainda que saibam que morrem um pouco a cada dia.

Maria é exaltada em dois livros sagrados. Na Bíblia ela é considerada “a mais elogiada entre as mulheres”. É a única mulher exaltada no Alcorão e citada em inúmeras Suratas. Existe até uma Surata referente à sua família, a Surata AL ‘IMRAN.

No escopo dessa Surata se combate a idéia da auto-suficiência humana por seus bens materiais, e há referências à família de Maria, ao seu nascimento e ao nascimento sobrenatural de seu filho Jesus. Alguns versículos dizem: “1 – Não existe Deus senão Allah, O Vivente, Aquele que subsiste por Si Mesmo; 42 – Lembra-lhes, Muhammad, de quando os anjos disseram: Ó Maria! Por certo, Allah te escolheu e purificou e te preferiu a todas as mulheres do mundo; 43 – Ó Maria! Devota-te ao teu senhor e curva com os que curvam; 45 – Lembra-lhes quando os anjos disseram: Ó Maria! Por certo Allah te alvissara um verbo, vindo d’Ele; seu nome é O Messias, Jesus, filho de Maria, sendo honorável na vida terrena e na derradeira vida, e que se contará entre os achegados de Allah”.

O nome de Maria percorreu o mundo, atravessou mares. Era uma adolescente quando teve consciência do poder fantástico em suas mãos. Tinha convicção de que teria a fama que nenhuma mulher jamais alcançou.

A consciência dessa fama e poder não poderia levá-la a uma auto-exaltação destrutiva? Saber tão jovem que seria muito exaltada não prejudicaria seu papel de educadora? Não a levaria a dar valor a coisas irrelevantes? Não poderia comprometer o seu projeto de vida?

Qualquer pessoa, por muito menos, derraparia nesse escorregadio terreno. Entretanto, ela foi surpreendente. Vejamos.

CONSCIÊNCIA DA TEMPORALIDADE
DA VIDA: A MAIS CRISTALINA HUMILDADE

A indústria das celebridades tem uma cultura estúpida. A fama dura muito pouco, mas produz prolongadas ilusões. Muitos famosos acham que sua fama os eternizará, mas bastam alguns poucos anos para caírem no anonimato.

Maria disse, sem meias palavras, que seria exaltada em toda a História, em todas as gerações, mais do que qualquer celebridade. Porém, a grande diferença é que ela tinha consciência da temporalidade da vida e da sua pequenez. Antes de proferir o quarto pensamento que a coloca no pedestal da fama, ela proferiu o terceiro pensamento, que a coloca nos degraus mais baixos da sua condição humana. Ela disse: “Deus colocou seus olhos em sua humilde serva”.

Temos uma necessidade neurótica de poder. Gostamos de mostrar nossa competência, garra, estilo. Maria não tinha essa necessidade. Ela deve ter brilhado na sala de casa e no teatro social, influenciando discípulos, mas era difícil perceber seus passos, sentir seu “cheiro”.

A mais famosa mulher que pisou nesta terra foi a mulher mais discreta de que se teve notícia. Qualquer pesquisador da psicologia que investigasse esses fatos ficaria intrigado.

Quando as pessoas recebem um diploma, defendem uma tese acadêmica, são agraciadas como se recebessem um Oscar ou um Nobel; a adrenalina vai às nuvens. Uma sensação de êxtase invade o cerne das suas mentes, elas se sentem investidas de um poder sobre-humano.

Maria recebeu a maior premiação de todos os tempos e estava cônica disso. Colocou-se não apenas como serva, mas como a mais humilde das servas. Serva de todas as gerações.

Deus fez uma escolha precisa, cirúrgica. Qualquer intelectual entraria num êxtase irracional se recebesse a incumbência de educar o menino Jesus. Qualquer fariseu se acharia sobre-humano, um semideus, se investido de tal missão. Maria não. Quando tomou consciência da sua grandeza, diminuiu-se espontaneamente.

Como pode uma jovem ter uma reação tão lúcida? Maria era profundamente agradecida pelo privilégio dessa missão, mas tinha consciência de que a vida é cheia de percalços, limitações, incompreensões, perdas. Tinha consciência das dificuldades, sabia das lágrimas, dos temores que enfrentaria.

A sabedoria de Maria, que se desenhava em seu cântico, envolve consciência social, relações conflitantes e até o cárcere psíquico. Ela discorreu: “Dispersou os homens de pensamentos orgulhosos”.

Tais palavras indicam que a jovem Maria tinha consciência de que nenhuma liberdade pode ser maior que aquela que se esconde no âmago da alma humana e nenhuma dor pode ser tão aguda quando se a perde.

A mãe do menino Jesus cresceu observando atentamente o comportamento das pessoas. Para ela, os homens que alimentavam pensamentos soberbos, independentemente de serem abastados ou miseráveis, eram paupérrimos dentro de si mesmos.

Eles poderiam percorrer o mundo, mas não eram livres. Poderiam ser exaltados, mas não teriam brilho. Poderiam ser aclamados, mas teriam um humor irracional.

UMA DISCIPLINA INCOMUM PARA SAIR DE CENA

O que é mais impressionante na história de Maria e do menino Jesus não é o que foi dito, mas o que ficou em silêncio, não é o que foi escrito, mas o que ficou oculto. Por que os relatos são diminutos? Por que essa falta de informação sobre a relação entre o inusitado filho e sua mãe?

Se Maria tinha uma mente privilegiada e uma capacidade de anotação acurada, por que há pouquíssimos comentários sobre os diálogos, apreensões, conselhos, dificuldades que teve na educação do menino Jesus? Quem foi responsável por essa escassez de dados? Tal escassez foi proposital ou fruto da desatenção dos escritores dos Evangelhos?

Chegamos a mais uma característica na relação mãe-filho. Talvez essa característica seja a mais encoberta, mas a mais singela e, ao mesmo tempo, a mais poderosa: disciplina para sair de cena e para deixar seu filho brilhar.

Maria educou, dentro das suas limitações, Jesus para que corresse riscos, fosse intuitivo, tivesse compromisso social, contemplasse a fauna e a flora, protegesse sua emoção; para que ele experimentasse a natureza humana em grande estilo e se tornasse uma dádiva para a humanidade.

Essa era sua meta como mãe, mulher, educadora. Não queria brilhar, queria que Jesus brilhasse. Não tinha a necessidade neurótica de poder.

É provável que Maria pensasse que apenas houvesse tirado o tesouro que estava no cerne da psique do menino Jesus. É provável que imaginasse que tivesse feito pouco, mas, na realidade, sua experiência humana foi muito importante para que o misterioso filho do Altíssimo incorporasse a experiência humana.

É provável que Maria tenha contado inúmeras passagens da sua atuação como mãe na infância de Jesus para os discípulos, mas ela propositadamente pediu para que os autores dos Evangelhos não escrevessem sobre esse assunto. É provável que muitas passagens fossem lembradas com humor, mas ela pediu silêncio. Maria se calou.

Ela mesclou inspiração com doses de transpiração, projeto claro com disciplina ardente. Percorreu diversos territórios com Jesus. Andou mais de 100 quilômetros de Nazaré até Jerusalém várias vezes acompanhando seu filho, mas estava discretamente posicionada.

Não queria que os outros especulassem sobre ela. Sua meta era cumprir cabalmente sua missão de maior educadora da História. Sabia muito bem quem era e sabia melhor ainda quem era seu filho.

Muitos educadores querem estar no centro do palco, receber louvores, ser reconhecidos como paraninfos da turma. Maria preferia os bastidores. Sua meta não era receber aplausos como mestra, mas que seu filho recebesse os louros como Mestre dos mestres.

No encontro solene que teve com Lucas, ela certamente pediu que muitas coisas que ouviu ficassem em silêncio. A mais famosa mulher da História desprezou a fama. Há tantas pessoas que amam os holofotes, pagam para sair nas colunas sociais, têm até assessoria de imprensa para se autopromover. Maria preferia ser grande no anonimato.

Era espantosamente serena e feliz. Aprendeu a tirar das pequenas coisas seus grandes prazeres. As gerações a exaltariam, mas poucos a conheceriam.

Um educador magnífico escreve com uma mão na lousa e com a outra move o mundo, pois leva os seus alunos a construir projetos de vida e a batalhar por eles. Uma mãe fascinante como Maria, com um braço segura um filho, com o outro muda a História.

Só os que aspiram a ser grandes educadores mudam o traçado da civilização humana.

DISCIPLINA DE JESUS PARA EXECUTAR SEU PROJETO

Jesus tinha o mesmo comportamento de preferir o anonimato. Embora fosse um ator vibrante no teatro social, tinha alto apreço pelos bastidores.

Ficou três décadas nas cercanias de sua cidade ponderando detalhadamente sobre o comportamento humano nos mais variados níveis de tensão. Observou atentamente as mais sutis reações dos seus pais, amigos, das pessoas idosas, das crianças, dos adolescentes. Analisou nossas loucuras e sanidades, êxtases e angústias, generosidade e monstruosidades. Absorveu um conhecimento notável sobre a humanidade.

Fez um mapeamento majestoso do funcionamento da mente, dos conflitos sociais e das crises existenciais. Por fim, defendeu a tese de que valia a pena investir no ser humano, embora esse fosse lento em ter paciência e ágil em machucar e culpar.

Quando se dirigiu aos homens aos 30 anos, deixou-os assombrados com sua eloquência e perspicácia. Seus discursos fizeram os ofegantes respirar, os abatidos recobrar o ânimo, os confusos encontrar o caminho, os dilacerados voltar a sonhar.

Suas palavras e atitudes vazaram o cerco judeu, conquistaram nações, reuniram milhões de adeptos, ultrapassaram o cristianismo, marcaram o islamismo, influenciaram o budismo. Gandhi disse certa vez que não se tornava cristão não por Cristo, mas pelo comportamento dos cristãos que diziam amá-lo mas não seguiam seus passos.

Raramente alguém foi tão famoso em seu tempo e tão livre da necessidade neurótica de poder. Foi assediado por multidões, mas nada o desviava de sua meta, seja fama ou vaias, honras ou

escárnios, discípulos ou inimigos. Tinha ciência do que queria e onde queria chegar e como chegaria.

Certa vez, percebeu que o seu fim se aproximava. Muitos queriam que ele fosse para vários lugares. Mas sua face voltou-se para Jerusalém. Ninguém conseguia distraí-lo.

Era melhor que esquecesse seu sacrifício, que se embriagasse com sua notoriedade, afinal de contas, teve grandes e merecidas conquistas. Mas, mais uma vez, a inspiração seguiu os trilhos da disciplina.

Ao se aproximar de Jerusalém, para viver seus últimos dias, foi ovacionado como ninguém. Bradavam seu nome como um grande rei. Mas, para a perplexidade da multidão e a decepção dos seus seguidores, pediu que trouxessem um pequeno e desajeitado animal, um jumentinho, e montou nele. Assim fez sua entrada triunfal.

Não vestia roupas escarlates, não tinha cavalos, car-ruagens nem escolta, só um bando de discípulos envergonhados. Alguns quiseram cobrir o rosto, mas Jesus queria mostrar que a necessidade neurótica de poder destrói o cerne da psique. Ele respirava com prazer, pois era livre dessa necessidade.

Dias mais tarde, em sua última noite, a noite em que foi traído, bilhões de células, através de sintomas psicossomáticos como taquicardia, dispnéia (falta de ar), suor excessivo, dores musculares, clamavam para que ele fugisse.

Mas ele não vivia para si, nada o desviava do seu projeto. Vislumbrava cada momento de dor, de reação, de angústia, de fôlego, de desespero, de sentimento de solidão dos seres humanos. Valia a pena se entregar por eles.

Ele amou a humanidade com um amor incompreensível. Foi um momento singular para a psicologia e a psiquiatria constatarem que o amor foi o projeto de vida de um homem.

Painel IX

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 Sem projeto de vida, os jovens não têm metas, os adultos não têm alicerce, os idosos esfacelam seu sentido de vida.
- 2 Inspiração com transpiração e projeto com disciplina são condições fundamentais para ter possibilidade de êxito em qualquer jornada.
- 3 Os projetos de vida não nos tornam heróis, mas nos dão condições para sobreviver quando não há chão para caminhar e um ombro para nos apoiar.
- 4 Toda escolha tem conseqüências. É necessário perder para ganhar. É necessário abandonar para ter. Quem quer ganhar sempre não aprendeu a viver.
- 5 Uma brilhante mãe com uma mão embala um filho, com a outra muda o mundo. Um deslumbrante professor com uma mão escreve na lousa, com a outra move a sociedade.

CAPÍTULO 10

Maria contava sua história de vida como o melhor presente na educação do seu filho



Maria não tinha recursos financeiros excedentes. Lutava para sobreviver. Não podia dar presentes, nem tecer vestes caras para seu filho. Porém, deu o mais excelente presente que um ser humano pode oferecer para quem ama: a sua própria história.

Dar a própria história, com suas incoerências e dificuldades, e não apenas com seus acertos, é o mais excelente princípio para a formação da personalidade de uma pessoa.

Muitos podem achar que não vale a pena abrir o livro da sua vida. Crêem que não há nada interessante que possa ser contado. Ledo engano. Se eu fosse analisar a história de cada leitor destas páginas, encontraria, assim como na minha história, decepções, recuos, medos, crises, e não apenas acertos, atos heróicos, reações brilhantes.

Será que essas falhas deporiam contra sua história? Não! Simplesmente a tornaria mais estimulante, rica, real. É pena que muitos pais não façam como Maria, nem como o Mestre dos mestres, pois eles dão até o mundo todo se tiverem condições, mas se esquecem de dar o principal, a si mesmos.

Infelizmente a educação moderna está vazia, ininteligente, superficial, teórica, inumana. Precisamos reeditar a maneira de nos relacionar com nossos filhos, alunos e com outras pessoas que nos são caras.

O excelente educador é o que abraça quando todos rejeitam. Como? Contando as suas próprias rejeições. É o que aplaude os que jamais subiram no pódio. Como? Revelando seus fracassos. É

o que encoraja os que querem desistir. Como? Revelando os momentos em que ficou inseguro. É o que ensina a chorar contando as suas próprias lágrimas.

O mestre mais encantador não é o que deposita na memória de seus educandos as informações, mas o que expande a maneira de ver e de ser deles, através dos traços da sua própria biografia. Educar é nos transportar para o mundo do outro sem penetrar nas suas entranhas.

A HISTÓRIA DE UM JOVEM QUE ENTERROU SEU PAI SEM CONHECÊ-LO

Certa vez um jovem, filho único, estava profundamente triste no velório do seu pai. Enquanto chorava, um grupo grande de pessoas foi prestar a última homenagem ao falecido.

Observando a multidão que se aglomerava, o filho se impressionou, pois não imaginava que seu pai fosse tão querido. Algumas pessoas se aproximaram do jovem e começaram a consolá-lo.

Elas o abraçavam e, não apenas lhe davam os pêsames, mas contavam os feitos do seu pai. Alguns diziam-lhe que ele havia sido um grande homem, que enfrentara crises financeiras, vergonha social, humilhação, mas não se rendeu. Venceu de cabeça erguida os percalços da existência. “Foi um exemplo de coragem para nós”, afirmavam.

Reflexivo, o filho pensava: “Parece que estão falando de outra pessoa. Não sabia que meu pai havia travado tantas batalhas sociais e financeiras no passado”. Ele conheceu um pai rico, abastado e socialmente respeitado. Pensava que sua história fora uma tranqüila travessia num mar sem tempestades.

Outros, olhando nos olhos do jovem, comentavam que seu pai era uma pessoa de simplicidade e humor cativantes, que adorava conversar com as pessoas e conhecer seus projetos de vida e suas dificuldades.

Incentivava todos. Era um especialista em contar piadas e fazer as pessoas relaxarem, mesmo diante de suas perdas. Apostava em seus funcionários mesmo quando erravam. Chorando, diziam: “A uns ajudava financeiramente, a outros, com sábios conselhos. Não poucas vezes comentou seus próprios sofrimentos para ajudar seus amigos a superar suas decepções”.

Perplexo, o filho fixou os olhos no rosto de seu pai morto e pensou: “Não conheço esse homem de quem estão falando, será a mesma pessoa?”. Em casa, seu pai era austero, fechado, tenso. Era ótimo para dar presentes, suprir as necessidades materiais, mas nunca dialogaram sobre seus sonhos, seus medos.

O cortejo das pessoas que surpreendiam o filho parecia interminável. Diversas outras exaltavam as características da personalidade de seu pai. Quanto mais o elogiavam, mais o jovem ficava inconsolado.

Essas atitudes de seu pai provinham do medo de que seu filho fracassasse na vida, do receio que ele fosse relapso, não soubesse liderar suas empresas. Por isso tornou-se um especialista em fazer críticas, apontar erros e dar conselhos. Pouco sorria, pouco brincava, pouco relaxava. Não se curtiam, não se entendiam. Eram estrangeiros vivendo na mesma terra.

Num ímpeto, o filho começou a chorar convulsivamente. Ninguém entendeu sua reação. Segurando os braços do pai, ele soltou um brado: “Pai, quem é você? Por que discutíamos tanto? Por que vivíamos em trincheiras? Perdoe-me toda vez que reclamei, critiquei e o achei insuportável. Não choro apenas porque o perdi, mas porque não o conheci. Por que você não me deu a chance de conhecê-lo? Nossa relação poderia ter sido tão diferente”.

Essa história, com suas variações, repete-se na biografia de milhões de pessoas de todas as nações. Pais e filhos se amam, mas não sabem expressar seu amor, não sabem imprimir sua imagem nos solos da psique um do outro de maneira inteligente e afetiva.

Pais e professores cultos acham que dar orientações pedagógicas, ensinamentos éticos e corrigir comportamentos é suficiente para estimular saudavelmente o processo de formação da personalidade. Não entendem que o edifício da personalidade precisa de uma rica rede de relacionamentos.

OS GESTOS ESPONTÂNEOS DE MARIA

Há duas grandes formas de construir uma trama de relacionamentos com as pessoas que nos rodeiam e influenciar a sua personalidade e educá-las. Essas duas formas não atingem apenas a formação dos jovens, mas as relações sociais entre casais, amigos, colegas de trabalho.

A primeira forma é consciente e diretiva. Nela usamos palavras dosadas, comportamentos planejados, orientações e ensinamentos derivados de teorias psicológicas e pedagógicas.

A segunda forma é inconsciente. Nela usamos gestos espontâneos, reações instintivas, comportamentos sutis, palavras livremente expressas. Ao contrário do que muitos pensam, a segunda forma penetra mais intensamente nas matrizes da memória e, portanto, influencia mais a formação da personalidade das pessoas.

Muitos pais ensinam conscientemente seus filhos a serem lúcidos, mas reagem ansiosamente quando contrariados. Ensinam-lhes a serem seguros diante das dificuldades da vida, mas eles são frágeis ao atravessá-las. Estimulam a superar os medos, mas se intimidam diante dos seus.

O que os pais são, e não o que querem ser, é o que mais influenciará o que seus filhos serão. Sem perceber, desenham no inconsciente de seus filhos os traços de sua personalidade. Haja vista que muitos filhos reproduzem os comportamentos que mais detestam dos pais. São imagem e semelhança deles em algumas características. São alegres, bem-humorados, astutos ou obsessivos, tímidos, ríspidos, impulsivos e têm uma série de manias como eles.

É provável que Maria tenha educado Jesus mais por meio de seus gestos e reações espontâneas do que com palavras e comportamentos diretivos. Devemos nos lembrar que ela não tinha um manual de regras. Usava a sua intuição, que era livre e espontânea.

A maneira como Maria reagia aos desafios e seu modo de ser e sentir a vida nos detalhes mais singelos contribuíram muito para introduzir Jesus nas experiências humanas.

UMA EDUCAÇÃO QUE APROXIMA OS UNIVERSOS PSÍQUICOS

A relação de Maria com o menino Jesus era pautada por uma rica troca de experiência existencial. Ela viveu na plenitude um dos mais importantes hábitos educacionais que preconizo no livro *Pais brilhantes, professores fascinantes* para influenciar saudavelmente a formação da personalidade dos jovens.

Maria falava das suas lágrimas para Jesus, dos seus temores, dos seus sonhos. Muitos pais trabalham arduamente para deixar uma herança para seus filhos, mas se esquecem de que o maior tesouro que eles podem dar é seu próprio ser. Muitos lutam para que seus filhos tenham um diploma, mas não batalham para que eles aprendam a viver. É preciso saber viver.

Maria abria os capítulos do seu passado e levava seu filho a conhecer sua humanidade. Como podemos afirmar isso? Porque Maria era uma mulher que tinha suas experiências em alta conta.

Jamais se esqueceu de que seu filho nasceu num estábulo, que ele foi perseguido de morte, que teve de viajar noite e dia pelos desertos para encontrar um abrigo em terra estranha. Jamais se esqueceu do poema do pai de João Batista, do cântico de Simeão. Todas as experiências de Maria eram elaboradas no terreno da reflexão e contadas para os íntimos, em especial para o menino que crescia aos seus pés.

Diferentemente da maioria dos pais e professores, ela não apenas valorizava as suas experiências positivas, mas também as negativas. Ela falava das suas alegrias e de suas angústias, das suas reações ousadas e de seus temores. O menino Jesus vivia uma educação em que contar história se tornava leite e mel para nutrir a inteligência.

Ela era uma pessoa incomum, com valores incomuns, que usava uma pedagogia incomum: a pedagogia que cruza universos psíquicos, a pedagogia que aproxima as distâncias, que instiga o desenvolvimento das potencialidades humanas.

A pedagogia da maior educadora da História suplanta com inúmeras vantagens a educação pós-moderna, pois enriquece a arte de pensar, prepara para a vida, forma líderes, estimula a intuição, realça a intrepidez, protege a psique, expande a sensibilidade e, acima de tudo, humaniza e socializa.

Será que não estamos percebendo que grande parte dos jovens da atualidade é vítima da ansiedade, da solidão, do afeto desorganizado? É chocante vislumbrar que muitos deles estão desenvolvendo traços de psicopatia. Eles agredem seus pais e seus colegas sem pensar. São insensíveis, incapazes de demonstrar sentimentos, não se importam com a dor dos outros.

Precisamos prestar muita atenção em mais esse princípio que Maria usou na educação do menino Jesus. Talvez ele seja o mais importante de todos. Maria pouco corrigia seu filho, mas lhe contava inúmeras passagens que vivenciou. Ela deu oportunidade para que a mente privilegiada de Jesus penetrasse nas experiências humanas e analisasse profundamente seus conflitos.

O resultado? Surpreendente. Ele desenvolveu compaixão, paciência, amabilidade, respeito pela dor dos outros, num nível que nos deixa embasbacados. A lei de Moisés diz para não matar, mas Jesus foi muito além, disse para não irar. Quem não se encoleriza? Quem não perde a paciência? Jesus foi o maior divulgador da sensibilidade e da amabilidade da História. Definitivamente, o homem que experimentou a mais elevada saúde emocional!

UM EXEMPLO DA PEDAGOGIA DE MARIA

Vamos retornar ao episódio em que Maria e José perderam o menino Jesus e analisá-lo por outros ângulos. O ponto que destacarei aqui não será a reflexão de Maria nem a resposta que o filho deu à sua mãe diante dos doutores da lei. O meu destaque será sobre os pais, que só perceberam a perda do filho depois de um dia.

Parece absurdo e insano os pais do menino Jesus só terem dado falta dele depois de um dia. Qualquer pai que perde um filho por alguns minutos perturba-se completamente. Maria não o perdeu num *shopping*, num ambiente fechado e protegido, mas numa longuíssima viagem. Tal perda, ainda que o menino estivesse com 12 anos, foi séria e sujeita a diversos riscos.

Por que Maria notou apenas depois de um dia? Por que ela foi relapsa como mãe? Não! Porque ela criou seu filho com liberdade, educou-o para que tivesse uma humanidade sólida, capacidade para gerenciar sua liberdade e tornar-se diretor dos textos da sua existência.

O autor da história do menino Jesus não era Maria, era ele mesmo. Maria não o dominava, não dirigia suas ações, não dizia como ele deveria se comportar, apenas o estimulava a ser o ator principal do *script* da sua vida. Caso contrário, sua educação seria um desastre.

Antes de perceber que o perderam, seus pais achavam que o menino Jesus estivesse com seus companheiros de viagem. Isso indica que eles depositavam alta confiança nele, pois ele não era inseguro e insociável, ao contrário, era livre, responsável, decidido, hábil para se cuidar e capaz de tecer inúmeras amizades ao longo do trajeto.

O menino Jesus possuía uma emoção saudável, uma inteligência excitante. Não foi educado numa bolha, afastado da violência social, das loucuras humanas, como foi João Batista. Ele foi forjado no epicentro dos conflitos sociais. Por isso, logo antes de ser crucificado, ele orou ao seu Pai para que não tirasse seus discípulos do mundo, mas que os ensinasse a se proteger³².

MARIA E FILHO ROMPENDO AS BARREIRAS

Para Paulo Freire, educar é reinventar o mundo. Todavia, como reinventar o mundo na era da informação, da tecnologia, da rapidez dos processos? Como educar nessa roda da vida? Como cativar os olhares de nossos filhos e alunos?

Fornecendo menos regras e mais ingredientes vivos para que eles possam libertar o imaginário, expandir a criatividade, realçar a ousadia. Mas como fazer isso? Contando nossas experiências de vida, recheando-as com as peripécias, dificuldades, medos, garra, coragem que vivenciamos.

As relações com nossos filhos e alunos devem ser transformadas num jardim de aventuras e não num deserto seco e sem vida. Caso contrário, os perdemos, ainda que não exteriormente.

Maria devia ser ótima contadora de histórias. Contava não apenas a sua história, mas a história do seu povo e dos personagens que o marcaram.

Paulo Freire também afirmava que, na educação, a leitura do mundo era mais importante que a leitura da palavra. E estava corretíssimo. Quem não lê o mundo, ainda que seja um intelectual, um perito nas palavras, não trará grande contribuição social, será um problema para si e para a sociedade.

Maria leu o mundo e contou histórias. O pequeno Jesus devia colocar as mãos sobre o queixo, apoiar-se sobre a mesa que seu pai havia feito e ouvir prolongadamente a sua mãe. Jesus também leu o mundo, entendeu seu traçado e o reinventou.

Há dois mil anos uma mãe especial e um filho admirável cruzaram barreiras, conquistaram os territórios um do outro, segredaram pensamentos, falaram de seus sonhos. O ambiente educacional do menino Jesus era exteriormente pobre, mas interiormente rico. Era

um ambiente que esfacelava o cárcere da mesmice e criava um meio de cultura ideal para expandir a inteligência.

Alguém poderia argumentar: se mãe e filho tinham um relacionamento tão estreito e afetivo, por que Jesus em duas ocasiões chamou Maria de mulher e não de mãe, em Caná da Galiléia e aos pés da cruz? Não foi ele frio, distante, nessa hora? Definitivamente não!

Muitos têm um conceito totalmente errado dessas passagens, porque fazem interpretações unilaterais. Estudaremos no capítulo final do livro que elas têm um significado magnífico, poético, carregado de altruísmo e elementos subliminares.

Gostaria de enfatizar que mãe e filho, Maria e o menino Jesus, ao que tudo indica, exploravam as pedras preciosas ocultas nos solos da personalidade um do outro. O menino precisava ser educado por alguém que valorizava a experiência de vida mais do que o ouro refinado. Tinha de ser educado por uma mãe que amasse narrar os capítulos mais cálidos da sua vida sem medo.

Se o misterioso filho do Autor da existência almejou ardentemente ter uma personalidade humana com suas contradições, para educá-lo tinha de ser escolhida uma mulher apaixonada pela vida, bem resolvida e acima de tudo sensata.

Jesus cresceu e se tornou um dos mais excelentes contadores de histórias. Sua mente era inventiva, não apenas para falar de si, mas para criar belíssimas historietas para ensinar. Sua criatividade era explosiva, conseguia ensinar até quando traído ou tratado como impostor. Econômico nas palavras, rico nas idéias. Jamais alguém disse tanto falando tão pouco. Nunca a síntese foi tão ampla.

Chocava mentes incautas com suas parábolas. Irrigava as inteligências áridas com sua retórica. Abria um mundo de possibilidades para quem só enxergava uma alternativa. Que homem era esse que conseguia prender até a respiração dos seus opositores ao ouvi-lo?

FALHA DA EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA

A educação fundamentada na punição de comportamento, na nutrição da memória, na realização de provas escolares e na premiação das notas mais altas não gera seres humanos solidários e compreensíveis, mas imaturos, que buscam o sucesso pelo sucesso, que posicionam o prêmio acima da vida. É uma educação segmentada, que não contextualiza a realidade. Não foi a educação que o menino Jesus vivenciou.

Ele teve a educação que estimula a vocação social, que promove relações regadas a compreensão, que trabalha os acidentes existenciais e forma pensadores altruístas. É a educação que aproxima as experiências, mescla mundos, que coloca a vida em primeiro lugar, acima da religião, da cultura, dos regionalismos, das ideologias.

O mais excelente papel de um mestre não é educar para o mercado de trabalho, mas para a vida, não é educar para corrigir erros, mas para pensar. Quem é educado para a vida tem mais chances de brilhar em todos os campos, pois não vive em função do brilho, mas do conteúdo. Quem vive em função do brilho, ainda que tenha sucesso, será infeliz. Por isso muitos estão despreparados para ter poder, fama, dinheiro.

Mas como educar os jovens para a vida se escondemos nossas experiências debaixo do tapete dos nossos preconceitos e autoritarismos? Como instruí-los a lidar com seus conflitos se nos calamos sobre os nossos? Como ensiná-los a enfrentar seus medos se agimos como se nunca os tivéssemos encontrado nas curvas da existência? Eis a grande questão!

Basta assistir dez minutos aos jornais televisivos para ver que as sociedades modernas estão doentes e formando pessoas doentes,

que mal sabem falar de si, nem sequer têm contato com suas próprias fragilidades.

Treinar para falar de si mesmo é uma das mais importantes ferramentas intelectuais para superar a depressão, evitar o suicídio, aliviar a ansiedade, tratar de doenças psicossomáticas e prevenir transtornos sociais e profissionais. Mas onde é realizado esse treinamento? Que escola o oferece? Que família o enfatiza? Que religião o incentiva?

Treinamos para realizar tarefas, fazer provas, praticar esportes, dirigir carros, lidar com a conta no banco, mas não para falar de nós mesmos. Essa é uma das mais graves e absurdas contradições humanas. Somos especialistas em maquiar o que somos.

No exato momento em que escrevo há inúmeras pessoas à beira do suicídio, mas que não se abrem, vivem fechadas dentro de si mesmas, como num cofre, construindo verdades absolutas de que ninguém as entende, de que são impotentes para mudar sua história e, por isso, não vale a pena viver. Mentiras elaboradas mil vezes se tornam falsas verdades no palco.

Por não abrir o cofre de suas mentes, tais pessoas correm riscos desnecessários. Têm medo de procurar ajuda e de encarar que são seres humanos e, como tal, possuem incoerências, tolices, bizarrices.

Não poucos pacientes com depressão bipolar negam seus conflitos. Não poucos pacientes com síndrome do pânico, estresses e fobias também se calam. Têm vergonha de suas doenças psíquicas, não sabem o quanto é relaxante admiti-las. Quem é plenamente saudável? Somos todos imperfeitos, mas temos a necessidade neurótica de ser perfeitos.

Grandes teólogos, líderes políticos, intelectuais jamais mostraram suas fraquezas, revelaram suas angústias e admitiram chorar. Preservam um perfeccionismo quase psicótico, que asfixia a inteligência.

Entre as inteligências apontadas por Gardner, autor de *Inteligências múltiplas*, destacam-se duas de difícil conquista: a inteligência interpessoal, expressa pela capacidade de penetrar no mundo do outro, conhecê-lo, motivá-lo, e a inteligência intrapessoal, expressa pela autocompreensão, pelo autoconhecimento, numa leitura aberta e profunda de si mesmo.

Jesus era um Mestre nessas duas inteligências. Não tinha maquiagens. Suas inteligências intrapessoal e interpessoal eram fascinantes. Ele sabia entrar em contato consigo mesmo e dividir seus sofrimentos mais profundos, falar do seu caos, declarar sua fragilidade. Ele fez tal declaração antes de ser preso. É quase inacreditável que o homem mais poderoso que pisou nesta terra tenha revelado que estava intensamente deprimido até sua morte³³.

Para Jesus, a força vinha do contato com as fragilidades e não com a negação delas. Para ele, somente é grande quem enxerga sua pequenez, somente é saudável quem assume sua doença. Paulo, o apóstolo que antes era um homem agressivo e implacável, aprendeu essa doce lição. Por isso declarou: “Quando sou fraco, então é que sou forte”³⁴.

Jesus falou em tom maior da sua dor, para que seus discípulos pudessem lidar com suas próprias aflições. Muitos jovens jamais souberam que seus pais ou professores passaram por turbulências afetivas e sociais. Nunca souberam que eles viveram desesperos e desilusões. Não poucos os acham chatos, um manual de críticas ambulantes, invasores de sua privacidade. Não os admiram.

Lembro-me de uma pesquisa que fiz sobre o diálogo, em que mais da metade dos universitários me disse que nunca seus pais conversaram com eles sobre suas vidas. Esse tipo de educação lota os consultórios de psiquiatria e psicologia.

Pais que não abrem o livro da sua vida com os filhos, achando que perderão sua autoridade, perderão não autoridade, mas o amor

e o respeito deles e, principalmente, a oportunidade de estimulá-los a se superar.

Devemos disciplinar, falar “não” com segurança quando necessário, colocar limites bem definidos, mas, em primeiro lugar, devemos encantar nossos filhos com o filme de nossa existência. Não é preciso ter sido um herói de guerra para estimulá-los. Basta ser um ser humano nessa sociedade saturada de riscos para ter vivido um bom filme existencial.

Às vezes, pergunto para minhas três filhas: “Onde errei com vocês e não percebi?”. Não é fácil fazer perguntas deste tipo, pois as respostas não são as que esperamos.

Elas me surpreendem. Frequentemente, descubro que minhas falhas são maiores do que as que eu imaginava. O que fazer? Defender que estou sempre certo? Isso é uma neurose educacional. Depois de refletir, peço desculpas. Como vou ensiná-las a lidar com suas falhas se escondo as minhas? Não quero o temor delas, mas o seu amor.

Às vezes, pergunto-lhes: “O que eu posso fazer para torná-las mais felizes?”. Quero que elas leiam a vida e sobrevivam com dignidade nessa sociedade estressante. Falo sobre algumas das minhas dificuldades e até de algumas lágrimas que derramei, para que saibam enfrentar suas próprias lágrimas. Elas são jovens e gostam de coisas de adolescentes, mas amam quando lhes conto as aventuras de minha infância e adolescência e da vida adulta.

Não quero que elas me vejam como um escritor-pai, um psiquiatra-pai, mas um pai-escritor, um pai-psiquiatra, um ser humano que tropeça, mas tem coragem de refazer rotas, que é imperfeito, mas apaixonado pela vida.

Sonho que cresçam com sabedoria e valorizem a existência que pulsa dentro delas e de cada ser humano. Almejo que aprendam a dividir seus sentimentos, que entrem em contato com sua realidade. E, felizmente, isso tem ocorrido.

Ao longo de mais de vinte anos trabalhando como psiquiatra e psicoterapeuta analisei alguns pais financeiramente pobres e sem cultura acadêmica, mas que exerciam grande fascínio em seus filhos, enquanto vários pais formados em medicina, psicologia, advocacia viviam numa praça de guerra com eles. Perguntava-me qual seria o segredo desses pais encantadores.

Eles aprenderam intuitivamente os dez princípios de Maria, em especial o de dar a sua história como o melhor presente para a educação dos seus filhos. É a maior ingenuidade acreditar que informações lógicas, críticas e teorias pedagógicas são suficientes para construir o grande edifício da personalidade.

O maior erro dos educadores é não contar os seus próprios erros aos jovens, pelo menos os que são possíveis de ser contados. O maior fracasso deles é não revelar as suas derrotas. A maior decepção é não falar das suas frustrações.

A educação mais irritante e saturada de tédio é aquela em que os adultos se calam sobre suas aventuras e sonhos. A maior falha dos educadores é desejar ensinar a realidade da vida para seus filhos e alunos representando um teatro. Essa educação não forma pensadores, mas pacientes.

Painel X

RECAPITULANDO ALGUMAS LIÇÕES

- 1 Contar a própria história, com suas incoerências e dificuldades, e não apenas com seus acertos e vitórias, é o mais excelente princípio para a formação da personalidade de um jovem.
- 2 Muitos pensam que não vale a pena abrir o livro da sua vida aos jovens por acharem desinteressante. As decepções, os recuos, os medos e as crises não depõem contra a nossa história, ao contrário, torna-a mais rica e real.
- 3 Embora haja exceções, a educação moderna tem sido ininteligente, superficial, teórica, inumana. Ela nos treina para dirigir empresas, realizar tarefas, ter uma profissão, mas não nos prepara para falar de nós mesmos.
- 4 O excelente educador é aquele que abraça os outros quando todos os rejeitam. É o que aplaude os que jamais subiram no pódio. É o que ensina a chorar falando de suas próprias lágrimas.
- 5 O mestre mais encantador não é o que impõe regras, pressiona, corrige erros, mas o que ensina a ler a vida, a reinventar o mundo. É o que, contando os traços da sua própria vida, ensina a viver.

CAPÍTULO 11

O último encontro: a dramática despedida da
mãe mais fascinante e do filho mais brilhante



UM INCIDENTE QUE REVELOU A INTIMIDADE DE JESUS E MARIA

Logo no início, quando Jesus começou a se revelar para o mundo, ocorreu um episódio marcante e pouco compreendido entre ele e sua mãe. Jesus sempre gostou de festas. Não era um estranho no ninho social.

Certa vez, Jesus, Maria e alguns discípulos foram convidados para as núpcias em Caná da Galiléia³⁵. Mas os noivos não planejaram bem a quantidade de vinho. De repente, quando todos estavam animados, o vinho acabou.

Como Maria era uma mulher sensível, preocupada em satisfazer os outros, chegou até seu filho e disse algo aparentemente simples, mas de grande significado: *“Acabou o vinho!”*.

Ao fazer essa observação a seu filho, ela esperava uma reação dele. Mas qual reação? O que ele poderia fazer para aliviar a constrangedora situação? Ele era mais um convidado e não o patrocinador da festa. Mas Maria e Jesus conheciam tanto um ao outro que se expressavam em código. Falavam muito dizendo pouco.

Sua frase infere que ela conhecia sua capacidade de fazer atos extraordinários. Acreditava que seu filho tinha capacidade de mudar os eventos naturais. Por isso, espontaneamente o instigou. Ninguém entendeu sua simples frase, mas seu filho entendeu o recado.

Jesus olhou para a sua mãe e deu uma resposta que aos ouvidos de muitos teólogos e filósofos das mais diversas religiões, ao longo de toda a História, soou como ríspida e insensível. Disse: “Mulher, que tenho eu a ver contigo? A minha hora ainda não chegou”³⁶. Algumas traduções dizem na primeira parte “Que queres de mim, mulher?”.

Quem observa as palavras “cruas” de Jesus pode ter uma interpretação completamente distorcida. Pode pensar que filho e mãe não eram íntimos nem amáveis um com o outro. Mas, quem observa com o olhar da psicologia e dentro de um contexto, enxerga outro texto.

É sempre assim. Os que não conseguem enxergar o que está por trás das palavras e reações externas sempre ficarão na superfície da interpretação. Antes de analisar a situação em si, gostaria de fazer um comentário: Jesus se posicionava claramente tanto como filho de Deus como filho de Maria, tanto como filho do Altíssimo como filho do homem. Declarava que tinha duas naturezas, humana e divina. Ninguém teve a ousadia de se colocar dessa maneira. Loucura? Psicose?

Já tratei de muitos pacientes psicóticos que se achavam deuses. Na História também houve muitos reis e imperadores que se disseram investidos de divindade. Entretanto, bastam poucos minutos de diálogo com qualquer psicótico ou imperador “deus” que contemplaremos uma pessoa sem profundidade intelectual.

Como podemos considerar que Jesus alucinava se levou a humanidade a beber da fonte mais excelente da sabedoria, tolerância, solidariedade? Como podemos dizer que ele estava psiquicamente doente se soube proteger sua emoção e estimular a inteligência dos outros como nenhum pensador da psiquiatria e da psicologia?

É difícil investigar a personalidade de Jesus de Nazaré. Suas afirmações são espantosas. Ele dizia ser filho de Deus, mas tinha prazer em se ocultar, não gostava de ser o centro das atenções.

Certa vez, teve o desprendimento de dizer que, se alguém nos convida para uma festa, devemos procurar nos assentar não nos primeiros lugares, mas nos últimos, e deixar que as pessoas nos honrem. Era crítico da auto-exaltação. É surpreendente que alguém

que se diz filho de Deus procurasse não o pódio, mas os lugares mais humildes.

Durante a crucificação essas duas naturezas se manifestaram. Podemos dividir a crucificação em duas partes de três horas. Nas primeiras três horas Jesus chamou o Autor da existência de Pai: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem”³⁷. Portanto, posicionou-se como filho de Deus.

Nas últimas três horas chamou o Autor da existência de Deus. Foi nesse período que disse a sua frase mais incompreensível e que gerou a maior polêmica histórica: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”³⁸. As pessoas não entendem que aqui ele se posicionou como um homem. Como um pai pode abandonar um filho? Foi como ser humano que ele foi abandonado. Um homem morreria pela humanidade.

Após esse relato, creio que entenderemos melhor a reação de Jesus na festa de Caná. Os discípulos eram recém-chegados. Não sabiam direito a quem seguir. Como discorri, Maria e Jesus tiveram riquíssimos diálogos ao longo da convivência. Eles rompiam barreiras. Na pauta das suas conversas discutiam lúcida e afetivamente seus sentimentos, o papel de cada um, sua missão e metas.

Enquanto Jesus estava sendo educado e vivendo na casa de Maria, ele se posicionava preponderantemente como filho do homem. Olhando todo o contexto, a minha impressão é de que, logo que Jesus achou que era o momento de sair de casa e se revelar para o povo judeu, e, por extensão, à humanidade, ele procurou preparar sua mãe para os fatos que se sucederiam. Deve tê-la beijado prolongadamente no rosto e agradecido por sua doçura e amabilidade.

Deve ter declarado seu amor por ela, mas precisava cumprir seu projeto. Deve ter dito que sairia do seu conforto, dormiria ao relento,

passaria fome e frio. Seria amado e odiado, recebido com honra e tratado como impostor, aclamado e vaiado.

Maria deve ter recordado as palavras de Simeão, o poema de Zacarias e seu próprio poema. Sabia que seu filho viveria um caminho sem volta. Ele denunciaria as loucuras e as contradições do sistema social e seria uma presa nas mãos de predadores sem afeto.

Com os olhos úmidos, Jesus agradeceu pelos inúmeros abraços que recebeu, pelo apoio e pela compreensão. Havia um ambiente de fina ternura. Ele saiu do útero de Maria, viveu no útero de Nazaré e agora iria para o útero da humanidade. Ninguém o protegeria.

COMBINANDO UMA SENHA PARA SE COMUNICAR

Maria deve ter se emocionado e chorado. Para consolar sua mãe, Jesus possivelmente disse um pensamento que poderia ser traduzido mais ou menos assim: “Até hoje eu precisei de você como mãe humana, agora você precisa de mim como mulher. É por você também que partirei”.

Deve ter dito que, quando saísse de casa, ainda que o seguisse, ela não deveria fazê-lo no papel de mãe, mas de mulher. Solicitou que ela se recordasse das longas conversas que tiveram sobre sua missão. Para protegê-la, combinou com sua mãe um sistema de código.

Toda vez que ela não conseguisse separar seus sentimentos, ele a ajudaria delicadamente, a chamaria de “mulher”. Chamá-la de mulher não é ser rígido, mas lembrá-la de que ele se entregaria por homens e mulheres, independentemente de raça, cultura e religião. É também dar-lhe o *status* nobre de ser humano e lembrá-la de que ela seria por sua missão a mais exaltada entre as mulheres.

O vinho acabou na festa de Caná da Galiléia. Maria sugeriu que seu filho interviesse na situação. Nesse momento, ele falou-lhe a senha. Chamou-a de “mulher” e completou: “Que queres de mim?”. Não deu resposta pronta para sua mãe, apenas usou a arte da pergunta, como sempre fez, e estimulou Maria a refletir.

Parece que expressou com essa pergunta que não faria atos sobrenaturais como espetáculo, mas apenas em ocasiões especiais para ajudar pessoas. Mas era a sua mãe e não outra pessoa que havia feito o pedido. Então, cedeu.

Não cedeu com palavras, afirmando positivamente. Cedeu com gestos, cedeu subliminarmente. De tão íntima que sua mãe era dele, ela leu seus lábios, entendeu seus pensamentos. Por isso

disse aos que serviam: *“Façam tudo o que ele vos disser”*. Que frase significativa!

Trouxeram, então, as talhas de pedra com água e, assim, ele transformou água em vinho, o vinho mais excelente. Minha tese não é tratar dos milagres de Jesus, pois entram na esfera da fé. Nesse momento, a ciência se cala. A ciência que não respeita a fé é autoritária. Minha tese é psicológica. A frase de Maria indica o apogeu da intimidade com Jesus, uma esfera entrelaçada de afeto e proximidade.

Muitos pais educam egoisticamente seus filhos para si. Não querem dividi-lo com os outros. Maria tinha de dividir seu filho com a sociedade e, pior ainda, sabia que a sociedade o dividiria em pedaços. Não era fácil o seu papel. Seu filho nunca mais voltaria para seus braços e pouco a pouco caminharia para o seu maior drama.

De todos os sofrimentos humanos, o maior deles é um pai ou uma mãe enterrar um filho. Ao que tudo indica, Maria sabia que esse era seu destino.

O COMEÇO DO FIM

Nos dias que antecederam a sua morte, Jesus estava incontrolavelmente famoso. Jerusalém fervilhava de pessoas de várias nacionalidades para vê-lo e ouvi-lo.

A mãe brilhante, a educadora deslumbrante e a seguidora persistente também estava na cidade. Se Maria estava na cidade, é provável que estivesse discretamente na última ceia, mas não foi retratada por Da Vinci.

Serena, ouvia com admiração as palavras do seu filho. Mas sentiu calafrios quando ele tristemente comentou sobre a traição de Judas e a negação de Pedro. Angustiou-se mais ainda quando viu Jesus sair ao relento e orar em voz alta com os braços abertos dizendo: *“Pai, é chegada a minha hora!”*.

Maria o perderia, mas não sabia quando nem como seria o desfecho final. Seu coração estava agoniado. Aflita, foi repousar.

Após sua longa oração, Jesus convidou os discípulos para irem ao Jardim das Oliveiras. O homem que exalou o perfume da tolerância, que pediu que amássemos os inimigos, iria testar as suas próprias palavras. Seria pressionado pelos seus amigos e inimigos como são prensadas as azeitonas para extrair o azeite.

Passou no teste com nota máxima. Dele extraiu o néctar da solidariedade. Para a perplexidade das ciências humanas, ele amou seus inimigos e estendeu a mão aos que o decepcionaram. Ali ele se entregaria sem tumultos, sem expor Judas, sem reclamar. Era discreto até quando o momento exigia que gritasse.

Maria recebeu a notícia de que ele fora preso ainda de madrugada. Seu coração palpitava. Não conseguiu dormir. Antes do romper o sol, foi apressadamente para as cercanias da fortaleza Antônio, a casa de Pilatos. Estava aflita e se perguntava: O que

estão fazendo com meu filho? Será que o machucaram? Será que apenas o interrogaram? Muitas perguntas, nenhuma resposta.

De repente, o tumulto foi geral. De lá saiu um homem sangrando, cortado por açoites, com o rosto inchado, ferido e com um edema ao redor dos olhos, estava quase irreconhecível. Maria caiu em prantos. Queria abraçá-lo, mas era impossível se aproximar.

Ela bradava: “Meu filho! Meu filho! O que fizeram com você!”. Ninguém a ouvia, a não ser um grupo de mulheres que a acompanhava. Mulheres de fibra, mulheres amáveis, todas mergulhadas no desespero. Se tivessem lucidez nesse cálido foco de tensão para pensar, talvez perguntassem: como pode o poeta do amor ser tratado como o mais violento dos homens?

O chão sumia-lhes dos pés mas ainda assim o acompanhavam com seus lentos passos. Faltava-lhes ar para respirar. O sonho da eternidade, de uma sociedade justa, de uma mente tranqüila, de uma emoção feliz e reluzente se dissipava como gelo em forno ardente. Não entendiam seu projeto.

Mas onde estavam os demais discípulos? Fugiram amedrontados. Sentiam-se fortes quando seu mestre estava livre. Sentiam-se poderosos quando era famoso. Mas, quando preso, caíram do pináculo da coragem para os terrenos mais baixos da fragilidade. É sempre assim, sobram poucos amigos quando um general perde uma guerra, um rico encontra a miséria, um famoso se torna objeto de deboche.

As mulheres não estavam entre os doze, mas, apesar da angústia asfixiante, moviam-se para o desfecho final em direção ao Calvário, uma área fora da cidade de Jerusalém.

O DESASTRE CAUSADO PELOS HOMENS

Diante do contraste das reações femininas e masculinas perante o caos que Jesus vivia, vale a pena dizer algumas verdades. A psiquiatria tem sido injusta com as mulheres ao declarar que elas estatisticamente adoecem mais do que os homens, têm mais depressão, síndrome do pânico, transtornos alimentares, doenças ansiosas, sem dar uma explicação social e existencial para isso.

Por que a psiquiatria tem sido injusta? Porque dá a entender que elas são metabolicamente mais frágeis, psiquicamente desprotegidas e têm déficits mais freqüentes de serotonina e outros neurotransmissores do que os homens. Na realidade, elas são mais fortes que os homens, embora a débil cultura masculina sempre as tenha considerado o sexo frágil.

As mulheres cuidam mais dos seus filhos, dos seus pais no final da vida, são mais éticas, mais humanas, mais generosas, mais altruístas. O que se espera dos soldados que estão no *front* das batalhas? Que sejam mais alvejados.

As mulheres adoecem mais porque amam mais e se entregam mais. Enquanto os homens se escondem, como os discípulos de Jesus, atrás dos seus medos, da aparente força e das maquiagens sociais.

Eu não sou feminista, apenas um simples pesquisador do complexo funcionamento da mente e das construções das relações sociais. Posso afirmar que quase todos os grandes erros da humanidade foram cometidos por falha dos homens.

Há mais de 50 milhões de pessoas com anorexia nervosa no mundo por causa da tirania da beleza criada pelo sistema masculino da moda. O objetivo é esmagar a auto-estima, gerar insatisfação e

ansiedade para que projetem no consumismo a busca irrefreável da satisfação.

Se num determinado momento as mulheres ocupassem as funções dos homens e os homens as das mulheres, é provável que 90% da corrupção, da discriminação, dos assassinatos, dos atos terroristas, dos conflitos internacionais fossem eliminados em pouco tempo.

Quem dera as mulheres pudessem com sua sensibilidade e generosidade infiltrar-se cada vez mais nas tramas da sociedade e liderá-la. Quem dera houvesse uma seqüência de mulheres sucedendo-se na presidência dos Estados Unidos e de outras nações, bem como de grandes instituições.

Se os homens estivessem no lugar de Deus, teriam escolhido um grupo de notáveis intelectuais masculinos para educar Jesus. Mas Deus preferiu uma jovem mulher, aparentemente despreparada e frágil. E Ele acertou em cheio.

Essa mulher, bem como outras mulheres, teve a coragem de seguir Jesus quando o mundo o aplaudia e também quando desabava sobre ele. Seguiram-no na alegria e choraram com ele suas lágrimas. Somente o mais jovem discípulo, João, as acompanhava.

UMA CENA INIMAGINÁVEL PARA UMA MÃE

Ao chegar ao Calvário, a angústia de Maria atingiu o máximo. Seu coração palpitava. Faltava-lhe ar. Quando os carrascos levantaram o pesado martelo e golpearam os punhos de Jesus, ela sentiu como se os cravos tivessem penetrado nas suas próprias mãos.

Imagine uma cirurgiã que recebe uma ligação para operar um jovem que sofreu um grave acidente. Ao chegar ao hospital fica atônita, trêmula, pois descobre que o jovem que sangra é seu filho.

Conseguiria ela não entrar em momentos de desespero? Não se identificar com a dor do filho? Teria capacidade para gerenciar a construção de pensamentos e separar seu papel de cirurgiã e de mãe?

Exigir dessa mãe controle pleno de si mesma é ser carrasco. É não enxergar com os olhos da psicologia os limites da mente humana. Por isso, raramente cirurgiões operam parentes próximos.

Do mesmo modo, exigir que Maria não sofresse, não fosse golpeada pelo desespero é ser intelectualmente superficial e desumano. Uma espiritualidade madura não significa ausência de sentimentos e ansiedades.

Maria era fortíssima, segura, conseguia enfrentar com dignidade situações novas e estressantes e adaptar-se às mudanças, mas era uma mulher, ainda que fosse bendita entre elas.

Quando Jesus levava a cruz, seu sofrimento foi indecifrável. Ao vê-lo morrer, ela morria emocionalmente minuto após minuto. Quem poderia trazer alívio para aquela mulher? Nada no mundo aquietaria seus pensamentos e abrandaria sua emoção. O filho que ela carregou nos braços agora estava nos braços de uma cruz...

Ela continuava a proclamar: “Meu filho! Meu filho! Eu te amo!”.

A GRANDE DESPEDIDA QUANDO TODAS AS SUAS CÉLULAS MORRIAM

Maria sabia que perderia seu filho, mas Jesus a poupou da antecipação angustiante. Não queria que o futuro a atormentasse. Se havia um transtorno psíquico que Jesus sempre procurava prevenir era o de sofrer por antecipação.

Sua habilidade em administrar sua emoção era tão grande que conseguiu jantar na última ceia, mesmo sabendo que seria crucificado na manhã seguinte. Sabia do futuro sombrio, mas não admitia que as intempéries fossem um ladrão da sua tranquilidade no presente.

Embora Maria conhecesse alguns fatos que aconteceriam com seu filho, tudo parecia surreal, como um anagrama. Sua prisão foi repentina e sua condenação, sumária, suas feridas, intensas. Bastou uma noite para o futuro nunca mais ser o mesmo.

Ao ver seu filho agonizar na cruz, Maria mergulhava dentro de si. Não conseguia fugir das imagens que transitavam em sua memória. O menino que ela amamentou, embalou e acarinhou a cabeça agora tinha uma coroa de espinhos. O menino que sempre foi honesto, fiel aos seus pensamentos agora era tratado como o mais vil dos impostores.

Ela investia contra o cordão de soldados, queria abraçar seus pés, cuidar de suas feridas e estancar seu sangue, mas foi barrada. Maria chorava copiosamente.

A mais forte das mulheres nesse momento era a mais impotente. A que se tornaria a mais famosa e a mais elogiada de todos os tempos entre as mulheres agora era a mais anônima e ninguém a ouvia. Os paradoxos que acompanharam seu filho teceram também alguns textos da sua história. Ela não queria fama, elogios e exaltação, apenas abraçar seu filho, pelo menos pela última vez.

Ele estava trêmulo na cruz. Podia sentir as batidas lentas do seu coração, querendo descansar dos sofrimentos. Os pulmões, ofegantes, mal conseguiam respirar. Seu cérebro estava em sofrimento, tinha vertigens, queria desmaiar, mas ele se esforçava para se manter lúcido até o último minuto de vida. Sua coragem era impressionante.

Sua visão estava embaçada pelo edema, pelo sangue e pelo suor que penetravam nos seus olhos. De repente, ele ouve o som de uma mulher angustiada. Conseguiu distingui-lo dentre os inumeráveis sons da multidão. Era sua mãe. Já era insuportável beber seu cálice, vê-la assistir ao seu drama expandia mais ainda a sua dor.

Num esforço descomunal, num momento solene, ele move um pouco sua cabeça em direção aos sons que ouve. Queria dizer algo a ela, mas não tinha fôlego.

Então, uma cena de beleza raríssima se desenhou nos solos do Calvário, uma das mais belas descritas pela literatura. Os parcos raios de luz que penetraram em sua retina identificaram sua mãe. Talvez tenha sido o mais intenso olhar entre um filho e uma mãe produzido num clima de angústia.

Ele queria protegê-la e aliviá-la, mas era simplesmente impossível. Ela queria cuidar dele, mas também era impossível. Neste momento, Maria, com seu olhar intuitivo, mais uma vez viu o invisível. Sentiu que Jesus queria dizer-lhe algo. Essa percepção mexeu com as raízes da sua alma.

Reuniu uma poderosa força, agarrou os braços do jovem João e enfrentou o cordão dos soldados. A mulher que tomou o filho nos braços para fugir do psicopata Herodes, que deixou família, amigos, suporte material e dormiu noites e noites sobre o chão, não podia ser contida por uma escolta. Rompeu o cordão com intrepidez e se aproximou da cruz.

Jesus sentiu sua aproximação e, mais uma vez, esqueceu de si mesmo, deixou de lado sua dor para se preocupar com a dor dos outros, agora com a dor da sua mãe.

Reagiu de forma surpreendente, revelando mais uma vez que seria impossível um autor construir um personagem com suas características de personalidade. Num esforço magistral, Jesus inclinou seu peito para a frente e respirou.

As fibras musculares lesadas aumentaram drasticamente seu sofrimento. Foi um movimento instigado pela energia do amor. Mas o ar era pouco e suas forças, diminutas. Não poderia falar muito. Então, soltou sua voz, dizendo: “Mulher, eis aí o teu filho”³⁹.

Esta frase curtíssima veio carregada de afeto e simbolismo sem precedentes. Como não podia usar as mãos, falou meneando a cabeça ferida pela coroa de espinhos. Apontou para João e disse para Maria tomá-lo como filho.

Mais uma vez, diante desse texto inúmeras pessoas ao longo da História, inclusive inumeráveis teólogos, perguntam-se por que Jesus chamou Maria de “mulher” e não de “mãe”. Não entendem que Jesus usou novamente sua famosa senha: “mulher”.

Não houve frieza, mas poesia. Não houve distância, mas intimidade. Duas pessoas quando se conhecem intimamente e se amam profundamente não precisam de discursos para se comunicar. Bastam pequenos gestos, os símbolos do afeto.

Jesus, como o mais amável dos filhos, parecia querer dizer a Maria: “Mãe, eu a amo, mas você sabe quem eu sou. Você se entregou por mim, agora me entrego também por você. Sei que é quase impossível o que vou lhe pedir, mas procure se colocar não como minha mãe, mas como uma mulher, a mais bem-aventurada, a escolhida pelo meu Pai. Seja uma mulher forte. Eis João, tome-o como seu filho. Toda vez que cuidar dele é como se estivesse cuidando de mim...”.

Muitos filhos, com o decorrer do tempo, esquecem-se dos seus pais. Não os visitam, não os abraçam, não lhes dão atenção. Usam como desculpas para o afastamento os compromissos profissionais, as atividades sociais, as dívidas, a fortuna, a doença, a distância, as viagens. O amor deles é limitado. Falta-lhes gratidão.

Jesus jamais se esqueceu de sua mãe, mesmo quando estava morrendo. Deu-nos um exemplo sublime de que nossos pais devem ser prioridade em nossa história.

Quando seu coração físico estava quase parando, ele a amou mais ardentemente com o coração emocional. Quando os pulmões mal se abriam, eles inspiraram dolorosamente para pressionar as cordas vocais para confortar sua mãe...

UMA INDECIFRÁVEL HISTÓRIA DE AMOR

Maria chorava sem parar. Queria abraçar seus pés e tirá-lo da cruz. Mas sabia que não podia. Queria acariciá-lo como sempre fez em sua infância, mas não conseguia alcançá-lo. Apenas bradava: “Filho, obrigada por você existir. Obrigada pelo privilégio de ter cuidado de você! Você é inesquecível. Jamais esqueça que o amo. Vá em paz”.

Mãe e filho se despediram. As palavras são paupérrimas para discorrer a eloqüência do momento. A literatura torna-se insípida ao descrever a sublimidade da relação entre a maior educadora da História e o filho mais encantador que pisou nesta terra.

Foi a primeira vez que entre gemidos e sofrimentos poucas palavras disseram muito. Foi a primeira vez que uma belíssima e insondável história de amor foi finalizada com as gotas de sangue de um filho e as gotas de lágrima de uma mãe...

Bibliografia



- ADLER, Alfred. *A ciência da natureza humana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CURY, Augusto. *Inteligência multifocal*. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.
- DESMOND, Adrian e MOORE, James. *Darwin, a vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo: Geração Editorial, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora Unesp, 2005
- FOUCAULT, Michel. *A doença e a existência*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Madri: Editorial Biblioteca Nueva, 1972.
- GARDNER, H. *Inteligências múltiplas: a teoria e a prática*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.
- HALL, Calvin e LINDZEY, Gardner. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1989.
- DUFFY, T. M. e JONASSEN, D. H. *Constructivism and Technology of Instruction – A conversation*. Nova Jersey: L. E. A. Publishers, 1992.
- JUNG, Carl Gustav. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1961.
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Diário de um sedutor e outras obras*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1989.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORIN, José Manoel. *Aprendendo a viver*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo – O poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo: Summus, 1993.

PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de Antologia. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Textos bíblicos

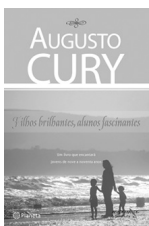


As versões usadas foram King James, a Bíblia de Jerusalém, João Ferreira de Almeida revista e atualizada, a Bíblia – Tradução ecumênica, Septuaginta.

1 Lc 2:33-35	14 Mt 6:1-4	27 Lc 1:48
2 Lc 1:32	15 Mt 5:9	28 Jo 12:24
3 Mt Jo 3:15	16 Lc 1:42-45	29 Jo 15:12
4 Lc 1:26-35	17 Lc 1:46-55	30 Mt 26:50
5 Lc 4:17-30	18 I Sm 1:20-28	31 Mt 6:25-27
6 Lc 1: 5-20	19 Lc 2:52	32 Jo 17:9-15
7 Lc 1:38	20 Mt 7:12	33 Mt 26: 36-38
8 Lc 1:45	21 Is 9:5-6	34 I Co 12:10
9 Lc 1:28-29	22 Mt 2:18	35 Jo 2: 1-12
10 Lc 2:8-20	23 Jo 6:34-59	36 Jo 2:4
11 Lc 2:41-52	24 Mt 7:1-5	37 Lc 23: 34
12 Lc 2:29-35	25 Mt 5:3	38 Mt 27: 33-44
13 Mt 5; 14-16	26 Mt 5:4	39 Jo 19:26

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DE AUGUSTO CURY

FILHOS BRILHANTES, ALUNOS FASCINANTES
AUGUSTO CURY

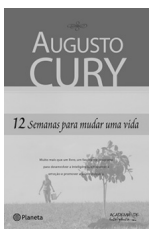


Cada capítulo desse livro apresenta histórias de jovens e adultos portadores de conflitos, que foram feridos pela vida, rejeitados socialmente, desacreditados, mas que conseguiram encontrar força na fragilidade e dignidade na dor.

Você vai perceber que os filhos brilhantes e os alunos fascinantes não são sempre os bem comportados, os que não falham, não choram ou não tropeçam. Brilhantes e fascinantes são aqueles que aprendem a desenvolver consciência crítica, decidir seus caminhos, trabalhar seus erros, construir tolerância.

Bons filhos se preparam para o sucesso, filhos brilhantes se preparam para enfrentar derrotas e frustrações. Bons alunos se preparam para receber um diploma, alunos fascinantes se preparam para a vida.

12 SEMANAS PARA MUDAR UMA VIDA
AUGUSTO CURY



12 Semanas para mudar uma vida é muito mais que um livro. É um Programa de Qualidade de Vida. Esse livro traz um programa que apresenta ferramentas psicológicas que contribuem para educar a emoção, vencer o estresse e prevenir a ansiedade e outros transtornos psíquicos. São 12 leis da Psicologia trabalhadas com simplicidade para que possam ser amplamente aplicadas na vida diária, transformando o conhecimento em experiência. É uma prática existencial para ser exercitada por todos

aqueles que querem conhecer o seu próprio ser e dar um salto na qualidade de vida.

SUPERANDO O CÁRCERE DA EMOÇÃO

AUGUSTO CURY



É um livro apaixonante, esclarecedor, cujo objetivo é mostrar que a pior prisão é a que aprisiona a nossa emoção e nos impede de sermos livres e felizes. Quem é prisioneiro no âmago da sua alma, além de perder a liberdade de pensar, faz da sua vida um atoleiro de tédio e angústia. *Superando o cárcere da emoção* interessa aos que desejam compreender com profundidade o cárcere das drogas, as doenças psíquicas, os segredos do funcionamento da mente humana e aos que almejam maior qualidade de vida e ser livres dentro de si mesmos.

TREINANDO A EMOÇÃO PARA SER FELIZ

AUGUSTO CURY



Nunca tivemos uma indústria de lazer tão grande e diversificada, mas o homem nunca foi tão triste e sujeito a tantas doenças psíquicas. Nada é tão belo e complexo quanto a emoção. Ela é capaz de tornar ricos em miseráveis e miseráveis em ricos. Não é simples navegar nas águas da emoção, mas você pode treinar a sua emoção para ser feliz e tranquilo, para gerenciar os pensamentos, superar a ansiedade e descobrir coragem na dor, força na fragilidade, lições nos fracassos. Felicidade não é um dom, é um treinamento.



Médico, psiquiatra e psicoterapeuta, pósgraduado em psicologia social, Augusto Cury desenvolveu durante mais de vinte anos a Teoria da Psicologia Multifocal, que é uma das poucas teorias mundiais que estuda o funcionamento da mente associado ao processo de construção de pensamentos. Um dos autores mais lidos do Brasil nos últimos anos, já publicou 22 livros. Sua obra tem sido

editada em mais de 40 países, adotada em diversas universidades e usada em teses de pós-graduação em múltiplas áreas como psicologia, sociologia, pedagogia e filosofia.

Augusto Cury é também membro de honra da Academia de Sobredotados no Porto, em Portugal, e *doutor honoris causa* pela Universidade Filadélfia (Unifil).

Contato: instituto.academia@uol.com.br